

2ª EDIÇÃO



Lygia Clark • Hélio Oiticica

CARTAS

1964 – 1974

.....

ORGANIZAÇÃO
LUCIANO FIGUEIREDO

PREFÁCIO
SILVIANO SANTIAGO

SBD-FFLCH-USP



242710

2ª EDIÇÃO
EDITORA UFRJ
1998

869.965
C593c
2.ed.

Copyright by © Álvaro, Eduardo e Elisabeth Clark e César Oiticica

Ficha Catalográfica elaborada pela Divisão de
Processamento Técnico - SIBI/UFRJ

C593l Clark, Lygia
Lygia Clark - Hélio Oiticica: Cartas, 1964-74 / organizado por
Luciano Figueiredo; prefácio de Silvano Santiago. 2. ed. / Rio de Janeiro:
Editora UFRJ, 1998.
264 p., 12 X 16 cm.
Correspondência trocada entre Lygia Clark e Hélio Oiticica.
1. Cartas 2. Clark, Lygia - Correspondência 3. Oiticica, Hélio -
Correspondência I. Título II. Oiticica, Hélio III. Figueiredo, Luciano, org.
CDD: 808.86

ISBN 85-7108-191-3

1ª edição - 1996

2ª edição - 1998 ✓

Capa Luciano Figueiredo

Edição de Texto Maria Teresa Kopschitz de Barros

Revisão Ana Paula Paiva e Cecília Moreira

Projeto Gráfico e Editoração Eletrônica Alice Brito

UFRJ

Reitor José Henrique Vilhena de Paiva

EDITORA UFRJ

Diretora Yvonne Maggie

Editora Executiva Maria Teresa Kopschitz de Barros

Coordenadora de Produção Ana Carreiro

Editora Assistente Cecília Moreira

Conselho Editorial Yvonne Maggie (Presidente), Afonso Carlos Marques dos Santos,

Ana Cristina Zahar, Carlos Lessa, Fernando Lobo Carneiro, Peter Fry, Silvano Santiago

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Forum de Ciência e Cultura

Editora UFRJ

Av. Pasteur, 250/sala 107

Rio de Janeiro - CEP: 22.295-900

Tel.: (021) 295-1595 r.124 a 127

Fax: (021) 542-3899

E-mail: editora@forum.ufrj.br

Apoio  Fundação Universitária
José Bonifácio

DEDALUS - Acervo - FFLCH-LE



21300130245

.....

Hélio era o lado de fora de uma luva, a ligação com
o mundo exterior. Eu, a parte de dentro. Nós dois
existimos a partir do momento em que há uma
mão que calce a luva.

Lygia Clark, 1986

.....

SUMÁRIO

Prefácio	11
Introdução	15
Meu querido, 19.1.1964	17
Queridíssima, 1.2.1964	21
Meu muito querido, 6.2.1964	25
Meu querido, <i>sldata</i>	29
Meu querido, <i>sldata</i>	33
Meu caro Hélio, 21.9.1968.	36
Lygia querida, 15.10.1968	41
Caríssimo HéliCaetaGério, 26.10.1968	56
Lygia querida, 8.11.1968	65
Meu querido Hélio, 14.11.1968	79
Querido Hélio, 14.11.1968	80
Lygia querida, 24.12.1968	88
Lygia meu amor, 18.4.1969	94
Lygia, 18.4.1969	97
Lygia, 7.6.1969	100
Caro Hélio, 10.6.1969	106
Lygia querida, 20.6.1969	108
Lygia meu amor, 27.6.1969	118

Hélio, 9.11.1969	126
Lygia baby, 23.12.1969	128
Lygia meu amor, 19.2.1970	136
Meu querido, 23.2.1970	142
Lygia mil beijos, 16.5.1970	145
Meu querido, 20.5.1970	151
Lygia, 2.8.1970	159
Meu querido! 11.8.1970	167
Lygia, 19.10.1970	172
Meu querido, 22.10.1970	177
Meu querido, 7.2.1971	183
Meu querido, 10.2.1971	186
Meu querido, <i>s/data</i>	189
Meu querido, 31.3.1971	191
Meu querido, 16.4.1971	195
Lygia, 14.5.1971	197
Queridíssimo, 17.5.1971	207
Lygia, 24.1.1972	215
Meu querido, 6.7.1974	221
Lygia: 11.7.1974	225
Súte da carta..., 10.10.1974	234
Meu querido, 6.11.1974	245
Notas	257

PREFÁCIO

Outras terras, outras gentes. Novas experiências sensíveis e intelectuais no além-mar. Como não querer, naquele momento decisivo da vida profissional, compartilhar com amigos as sensações diante do novo? Emoções, sonhos, aprendizagem, delírios, decepções, angústias e desesperos? Viver no deslocamento pela viagem, ao sabor da instabilidade da água oceano. “Ontem vi uma espécie de documentário sobre o México. Tem-se a impressão de que é um povo sempre debruçado sobre seu passado. Essa vitalidade brasileira pura, ingênua e maliciosa sem passado, ainda é o que de mais importante temos!” — constata Lygia.

Como não querer receber do amigo as notícias do Brasil sob a repressão e a censura impostas pela ditadura militar. A continuidade descontínua dos projetos dos que ficaram, imersos nos sofrimentos por que passa a terra. Escreve Hélio em 69: “hoje sou marginal ao marginal, não marginal aspirando à pequena burguesia ou ao conformismo, o que acontece com a maioria, mas marginal mesmo: à margem de tudo, o que me dá surpreendente liberdade de ação...”. A liberdade de ação naqueles momentos tem nome. Lygia o nomeia: “Caríssimo HéliCaetaGério”. E acrescenta: “do Hélio antigo que

aí deixei só sobrou o lado positivo e sobrou uma outra personalidade a que dei o nome acima”.

Lygia, imersa nos acontecimentos utópicos de maio de 68 em Paris, não quer ficar atrás nas transformações por que passam os intelectuais: “Pela primeira vez o existir consiste numa mudança radical do mundo em vez de ser somente uma interpretação do mesmo”. Insegura do seu existir em distantes terras e gentes outras, pede ajuda no trapézio do *talvez*: “Diga-me na próxima carta o que achas disto pois talvez possas me dar algo que talvez ainda não tenha percebido...”.

A saudade tem signo e mão duplos. “Meu querido” pra lá, “Queridíssima” pra cá — eis os cabeçalhos das cartas. A saudade é “um sentido do coração que vem da sensualidade e não da razão”, já dizia D. Duarte no *Leal Conselheiro*. Vai e vem, dádivas, trocas e também batidas de frente...

Quando o nome próprio do correspondente surge só lá no alto, também surge no horizonte da amizade uma nuvem cinza. Os dois amigos estão sob o signo das águas turbulentas da amizade. Hélio está em Londres, depois de viagem a Paris, onde encontrara a amiga. Tinham ido juntos visitar o pintor argentino Le Parc, sucesso latino-americano na cobiçada Galeria Denise Renée, como antes tinha sido o venezuelano Soto. Escreve Hélio: “Lygia”: “depois que saí da casa do Le Parc, chegara mesmo à conclusão de que seria impossível ter alguma ligação de amizade como antes, com você. Depois,

pensando, vi que são cúmulos de mal-entendidos, desconfianças, competição pueril, toda sorte de argumento muito pequeno...”.

Responde Lygia: “Caro Hélio”: “Nunca tentei rebaixar o seu trabalho pois se não te achasse importante não faria nada que pudesse ajudá-lo como o tenho feito *sempre que posso*”. E acrescenta: “Mas estou um pouco cansada de tudo e peço encarecidamente a você que não toquemos nunca mais em tais assuntos...”.

Papel, envelope, o trabalho aflito das mãos bordando letras ou batucando as teclas da máquina de escrever. Selo, agência de correios. A carta. Uma canção de exílio; uma canção da pátria. *Ay flores, ay flores do verde pinho!* Uma busca aflitiva de conversa com o amigo, que não pode ser adiada, que não pode aguardar o momento da volta, momento das palavras vivas, rápidas, bruscas, claras. A pressa em desembuchar. “Já não há mais o *avenir* como conceito de futuro. Tudo se passa no presente, no instante do ato...”.

A carta, a pressa em dizer. Também a alegria. Lygia chega exausta a Stuttgart. De tanto andar pela Alemanha, o pé crescerá dois pontos, os sapatos apertam. Será elefantíase? pergunta ela. O incômodo pouco conta para a destronada gata borralheira. Soube que há carta para ela na Embaixada. Não hesita. Calça os sapatos na esperança. “Você não imagina a alegria que senti pois uma carta é sempre um pedaço da pes-

soa e a gente que está longe lê uma, duas, três vezes, tal a fome que é a saudade que a gente tem dos amigos!” E se assusta: “Acho que virei até antropófaga. Tenho vontade de *comer* todo mundo que amo e que se ache aí...”.

A antropofagia da amizade ganha mais apetite com a carta lida e relida. A saudade, as palavras escritas e lidas, a pressa, a alegria — eis o contrato implícito nas cartas trocadas por Lygia Clark e Hélio Oiticica, que vamos ler.

A antropofagia da nossa admiração pelos dois artistas ganha mais apetite com a carta lida e relida na ausência presente dos dois. A saudade que sentimos de Lygia e Hélio. A alegria de reencontrá-los hoje em nítida e reconfortante letra impressa. Eis o contrato implícito na *leitura* das cartas trocadas por Lygia e Hélio.

Silviano Santiago

INTRODUÇÃO

Decidi organizar a correspondência mantida entre Lygia Clark e Hélio Oiticica entre os anos de 1964 e 1974 e publicá-la, por considerar que os pensamentos e as reflexões dedicadas um ao outro constituem prova eloqüente da admiração muito profunda que artistas podem, por vezes, nutrir uns pelos outros. Um tipo raro de amor, portanto, este que se manifesta pelo reconhecimento e solidariedade à luta artística do outro, ao seu progresso criativo e à intensidade de busca que cada um se determina nas questões da arte. Podemos sentir neste conjunto de 40 cartas que Hélio Oiticica e Lygia Clark guardavam e trocavam o melhor de si para a confidência exclusiva ao outro.

Na cronologia de obras que ambos realizaram, várias trazem dedicatórias e são feitas em homenagem ao outro. Hélio fez a Capa nº 4 de *Parangolé* em homenagem a Lygia e intitulou-a “Clark”, escreveu inúmeros textos onde analisa aspectos conceituais da obra de Lygia e, em uma de suas últimas séries de obras, os chamados *Topological ready-made landscape*, a peça de número 4 (1978) é também em homenagem a ela: o objeto é uma assadeira retangular de cozinha contendo areia branca e nela foi fincado um pequeno quadrado vermelho que se pode mexer e deslocar.

Lygia, por sua vez, dedica a Hélio em 1964 duas de suas delicadíssimas construções com caixas de fósforo. Escreve

também em 1964 dois textos dedicados a Oiticica: “O artista e a bomba” e “O artista, o conceito religioso e o espaço-tempo”. Em 1966, o seu Objeto sensorial intitulado *Diálogo* é realizado pelos dois, tal como podemos ver nas ilustrações que aparecem na capa desta edição. Uma das relações mais intensas que conhecemos na arte brasileira.

Ciente da natureza delicada do conteúdo de muitas das cartas, apoiei-me no importante trabalho do prof. Newton Paulo Teixeira dos Santos, *A carta e as cartas de Mário de Andrade*, encontrando ali suporte para os critérios de supressão de trechos que pudessem expor de forma inapropriada a intimidade de terceiros.

Os textos das cartas passaram por um rigoroso trabalho de revisão; procuramos manter o mais fielmente possível o material original. Fizemos correções ortográficas e introduzimos pequenas alterações de regência, concordância e pontuação quando julgamos imprescindíveis à melhor compreensão do texto.

Sou gratíssimo à minha amiga querida Heloisa Buarque de Hollanda pelo estímulo e encorajamento que me dedicou para levar adiante este projeto editorial. Sou também muito grato a Lucia Canedo pelo apoio e atenção que dedicou a esta publicação. Agradeço a Álvaro, Eduardo e Elisabeth Clark por permitirem a publicação das cartas de Lygia e a César e Cláudio Oiticica pelas cartas de Hélio.

Luciano Figueiredo
Novembro de 1996.

19.1.1964

Meu querido

É preciso escrever espremido e dos dois lados pois o correio para o Brasil via aérea é caríssimo! Vi ontem uma exposição de uma argentina que me lembrou muito nossas discussões a respeito de toda esta espécie de arte: — ela faz colchões listrados costurados uns nos outros fazendo volumes diferentes, pendurados no espaço ou na parede. Sem crítica: (*não merece*). Vi uma galeria toda de arte nessa base. Penduricalhos por toda parte — me lembrou muito arte popular ou bibelôs de parede. Tão grosseira, às vezes, que até o problema da arte e do povo (comunicação) nos vem imediatamente à cabeça. Vi verdadeiros “broches” pendurados pelos muros. Broches de Loja Americana. Péssimos. Isto só é válido para mim em gente muito jovem que não está de acordo com o passado e exprime seu descrédito desta maneira. Isto não vai ficar, isto eu te asseguro — no fundo é a arte burguesa por excelência — ou por outra: é a arte *para* os burgueses — vi um Paul Burri! que de qualquer maneira era o melhor de todos. Elementos naturais desta galeria (antenas, eletrola manual, despertador, cadeira de couro... tudo era mais expressivo do que tudo o que estava exposto. Estou mais do que convencida sobre a crise do plano (retângulo) — Mondrian, o maior de

todos, fez com o retângulo o que Picasso fizera da figura. Esgotou-o de vez. Só que pela própria época a crise “declanchada” por Mondrian é mil vezes mais séria e maior que a “declanchada” por Picasso. É crise de estrutura — não estrutura formal como sempre houve mas *estrutura total* —, é o retângulo que já não satisfaz como meio de expressão. Basta ele ser *colocado* na parede que ele estabelece automaticamente o diálogo sujeito/objeto (representação) pela sua própria posição. Este pessoal jovem está na mesma relação dos jovens pós-guerra (cujos valores caíram por completo). Daí nasce a meu ver o ato somente imediato — todos te dão a possibilidade de atuar na obra, mas o seu gesto é completamente destituído de expressividade. É o brinquedo. Há um grupo (na Alemanha) que chama de arte ao *ato* de carregar objetos e de os transportar. O que me interessa aí é a coincidência (mais do que coincidência) entre os que, como nós, chegaram ao ato, momento, como uma realidade viva (mas sempre através de estruturas abstratas) e não do objeto e dessa gente que chegou à mesma conclusão (aparentemente) através do objeto, por meio da dialogação sujeito-objeto (antiga) procurando emprestar um sentido maior ao ato, gesto em relação ao objeto, dentro da própria vida. Acho que estes transpuseram o mesmo sentido representativo do espaço (que era o quadro) ao espaço da própria vida. Continuam expressando algo *composto* ainda no espaço ambiente. Daí a meu ver esta necessidade de adição — no fundo eles talvez estejam querendo organizar o mundo — não no sentido de recuá-lo numa visão interior mas na própria exte-

rioridade da realidade. Não sei se me expressei bem. Quero que você me responda pois quero saber sua opinião pessoal a respeito dessas idéias. O que existe de bom neles é que mesmo que eles não saibam eles provam que há realmente a crise do *retângulo*. De positivo, o que eles nos dão é a nova visão do objeto na vida com toda sua expressividade. Só que *sempre* o objeto visto depois do que eles fazem é mais expressivo nele mesmo, embora mais imbuído de sua funcionalidade que através da obra deles.

Falta por aí, se vê, a transposição que *vai além* do objeto. É a falta completa de metafísica. Não é como nós pretendemos: revelar o *avenir* no próprio momento-ato. Falta-lhes a nova atitude ética (introjeção da metafísica ou do sentido religioso). Por conseguinte, eles não podem expressar um organismo *vivo* antiformal. São os formalistas que organizam o mundo *por fora* através do objeto colocado (representado) no espaço real.

Eu vou indo. Procurando um *studio* pois estou no Hotel Saint-Père (poleiro). Vejo milhões de tetos... é lindo.

Não me sinto só, mas as saudades são enormes.

Soto² é um amor de simpatia. Já me convidou para expor em Arras num grupo em que participa também Sérgio Camargo. Ele começa a ser conhecido aqui e *vende!*... O prêmio foi o de escultor internacional. Sortudo! Simpático, me encontrei com ele ontem. Vamos todos para Arras (16 de fevereiro). Não vi o Agam³ — não vou procurá-lo, é evidente. Já gastei milhões, não sei fazer economia. A exposição de Stuttgart será dia 4 de fevereiro e ainda espero confirmação.

O frio é enorme — na Alemanha gelava! Leia a carta do Mário e Mary⁴: “novo capítulo romance, Peter, *chez Frau Welper*, sua mãe”. Peter deve chegar lá pelo dia 16 de fevereiro. Hoje vou jantar com Sérgio Camargo na sua casa.

Ah! Jantar completo — que delícia — sem gastar um franco! tomo uma só refeição por dia e às vezes nenhuma. Lembro sempre do Franz Weissman. Durmo cedo para economizar cigarro e comida. É o máximo que sei fazer. Ontem conheci um escultor israelense que trabalha com pedras (empilha as ditas) — não sei seu nome. É muito conhecido. Vi a Ceres (olho-de-boi). Aqui não posso me dar ao luxo de antipatizar *de graça* com ninguém. Basta deixar de elogiar os colchões, como ontem, pois todos dizem: *épatant*. Já vi que não serei *nada* popular aqui. É *preciso* aprender a fingir. Eu sou péssima para isso e isso é a cousa mais difícil que existe para mim. *Jamais aprenderei*. Me escreve: L'Ambassade du Brésil, Avenue Montaigne, 45, 8^{ème}. Paris.

Diga ao Álvaro⁵ que por ora não me mande o dinheiro para o carro. A bolsa saiu. Ficarei aqui até 15 de julho. Provavelmente voltarei de navio pois terei que desdobrar a passagem de avião do Itamaraty para ir a Stuttgart, Berlim, etc.

Escreva rápido e por favor me dê notícias dos meus filhos.

Abraços a toda a sua família que já adotei como minha gente.

Beijos.

Clark

1.2.1964

Queridíssima, recebi sua carta do dia 19 há alguns dias, mas só agora tive cabeça para respondê-la: o calor aqui tira qualquer capacidade de se pensar nestes dias. Li também a do Mário: genial! Achei importante que você já esteja em Paris, pois aí os contactos serão mais produtivos, no início, não só pela língua como porque todos aí se concentram. Estou morrendo de saudades: você é realmente uma amiga insubstituível, uma das pouquíssimas pessoas com quem consigo me comunicar. Pela sua carta vejo que por aí continuam na febre de inventar coisas que não ultrapassam nunca a praticidade da invenção: chocar e “inventar”, nada mais! Você tem razão quando diz que ainda continuam “compondo” coisas no espaço real — não houve uma recriação da estrutura, mas uma “deslocação” para o espaço, uma mudança de suportes. Indica a crise do retângulo figurado do quadro mas se trivializam ao cair no espaço real, sem virtualidade nenhuma. Vedova⁶, por exemplo, que por influência dos seus *Bichos* resolveu fazer estruturas pintadas no espaço, não faz mais do que repetir o que sempre fez no quadro, só que aqui sem virtualidade, sem força expressiva. Eu vi o catálogo em cores: ele usa dobradiças, tal como no *Bicho*, e às vezes se aproxima deste formalmente, mas não faz “plágio” como M. Vieira.

É fraquíssimo! E ainda apresentado por Argan⁷, que chego a achar cada vez mais literário e menos crítico. Vedova, pela pintura que fazia, jamais, estruturalmente, poderia desembocar numa pintura no espaço: só por influência externa e por crise na sua própria arte, em certo sentido superada e sem saída. Há, em verdade, um verdadeiro desespero geral com a crise do retângulo, pois a dissolução que veio com o tachismo era também uma maneira de descartar o sentido fundamental da estrutura: poucos atacaram de frente o problema da estrutura. Agora, com a crise do quadro, vêem-se na contingência de tomar apoio na estrutura, que foi enfraquecida e praticamente esquecida na fase anterior; conclusão: mudam de suporte e não conseguem um novo sentido estrutural. O próprio sentido de construtividade perdeu a razão de ser ao dissolverem estruturalmente o quadro. Daí, agora, a insensatez das soluções com que se procura resolver ou apresentar novos problemas, e a saída para o espaço da maneira mais irracional possível.

Paciência! Terá que ser assim mesmo. Acho perfeita a sua maneira de colocar o problema (ato imediato, etc.) em relação a todo este tipo de arte, principalmente no que se refere à carência de estrutura, à renovação da estrutura, em última análise à incapacidade de criação de um grande estilo da época.

Que tal o Soto? Fale-me mais sobre ele; tenho a impressão de que é muito inteligente.

Meu trabalho continua (meio lento ainda); fiz uma nova caixa que já considero a melhor, pois abre uma nova pers-

pectiva dentro desse tipo na minha experiência! (...) O movimento só tem importância para criar uma duração estrutural da cor (em tons de amarelo muito próximos). O interior da caixa jamais é passivo: possui uma tensão constante. Não se trata mais de *ter* a cor para vivenciá-la, mas de apreendê-la como totalidade expressiva da estrutura no espaço e no tempo. A diferença de tons não é "desenvolvimento", mas várias fases da cor na sua totalidade.

A outra que estou construindo é mais complexa e talvez venha a ser mais monumental: são blocos que se deslocam no mesmo sentido (dentro para fora e vice-versa).

Com essas experiências sinto que chego cada vez mais ao âmago da cor e da estrutura, não analiticamente mas na pura vivência expressiva da obra.

Imagine que o MAM de New York escreveu para Mário oferecendo uma grande exposição de Albers (itinerante) que já está na Venezuela e não há ninguém aqui (Rio e São Paulo) que queira aceitar e expô-lo. Seria só a despesa, dividida ao meio, do frete, o que é pouquíssimo. Pelo visto passará por aqui só de avião, rumo à Argentina!

Estive este mês na Praia da Rasa com César⁸, Roberta e Mary. No carnaval ficarei aqui, pois não resisto a esta festa: adoro-a. Mário, Mary, César e Roberta vão por esses dias para a Praia da Rasa e só voltam depois do carnaval. Jean fez anos e comemoramos na casa do Mário (nós e mais Pape e Lygia Pape). Fui várias vezes à casa do Raimundo, mas não tenho visto Nancy. Acho que os verei no dia 6 (quinta-feira) no

ensaio final da Mangueira: iremos todos numa verdadeira caravana de carros. Willys e Barsotti vieram aqui e me arrancaram à força uma obra para a tal exposição na tal galeria em São Paulo. Só aceitei porque vão figurar nela você, Amílcar, Volpi; já rifaram o Cordeiro⁹ de vez. Pelo visto continuam brigas e intrigas da pior espécie em São Paulo. (...)

Álvaro está em Petrópolis; logo que chegar darei a ele o seu recado a respeito do dinheiro do carro. Parece que por lá vai tudo bem. Não consigo encontrar Eduardo em casa. Sônia me disse que ele vai bem (você já escreveu para ela?).

Não se preocupe com o tipo de relação que você criará aí, ou se fingem ou não; tenha certeza de que o que vale é a inteligência e autenticidade. Fingir sempre fingem: inautenticidade existe em todo lugar; mas, a meu ver, sempre há lugar para gente séria e autêntica. É claro que não precisará, por isso, criticar o que não lhe agrada. O melhor e mais significativo é calar-se.

Vamos ver o que resultará da exposição em Stuttgart. Que surpresa chata a do Max Bense¹⁰!

A bolsa veio bem na hora. Até julho você terá muito tempo para se entrosar e obter ótimos resultados no que você quer, pode ter certeza disso.

Escreva-me mais; estou ansioso por saber novidades daí e o que vai acontecendo com você. Dê um abraço no Peter quando ele chegar e para você mil beijos do seu amigo nº 1,
Hélio

Paris, 6.2.1964

Meu muito querido,

Chegando hoje de Stuttgart, fui direto à Embaixada (exausta — meu pé cresceu já uns dois pontos — será elefantíase?) para buscar uma carta que havia chegado para mim — Era a sua! Valeu todo o meu cansaço pois cheguei pisando como uma velha de 80 anos... Você nem imagina a alegria que senti pois uma carta é sempre um pedaço da pessoa, e a gente que está longe lê uma, duas, três vezes tal a fome, que é a saudade, que a gente tem dos amigos! Acho que virei até antropófaga. Tenho vontade de *comer* todo mundo que amo e que se ache aí... coitado do Peter quando chegar! Bom, vamos moderar esta voracidade senão... bem passarei o resto da minha vida na cadeia como Genet, como devoradora de machos (o meu signo é escorpião, lembra-se?).

Fui de trem para o *vernissage*. *Frau* Walter e *Herr* Bense me escreveram dizendo que, *se eu quisesse* montar a exposição, eu deveria chegar na véspera à tarde ou no dia 4 de manhã. Achei que não daria tempo para *grandes* arrumações e escrevi que *confiava* na *Frau* Walter para montá-la sozinha. Diz o ditado que a gente deve confiar *desconfiando*, o que eu na minha burrice à *la* Lacerda, que você já conhece, não fiz.

Ah! Nunca mais! Pois ao chegar lá vi os *Bichos* quase todos *dependurados* pela sala por meio de fios de *nylon*, como os móveis de Calder!... Estava *exausta* pois não havia dormido desde a véspera e havia viajado durante *oito horas* até lá. Evidentemente protestei imediatamente e, sob grandes protestos do *Herr Bense* e, posteriormente, da *Frau Walter* (que foi chamada pelo Bense para que me impedisse de retirar os *Bichos* pendurados), peguei uma tesoura e *cortei* todos os *nylons* do teto. Um *Casulo* que o Bense não queria que ficasse na parede, eu o *pendurei*, e o grande *Contra-relevo* que era na diagonal (eles o haviam posto sob a forma de quadrado), eu o fiz pendurar certo. O argumento do Bense era: “Está tão bonito! Deixe desta maneira!” (...)

Não é preciso dizer que foi criado um clima de guerra aberta. Fui *delicada*, disse palavras horríveis (longe do *Herr* e da *Frau*), mas com eles eu expliquei que isto desvirtuava totalmente o meu trabalho e que eu não podia de maneira nenhuma fazer concessão desta ordem. Pois bem, na hora do *vernissage*, eu quase desmaiada de fome, exaustão e nervosia, pedi a um brasileiro que me traduzisse o que *Herr Bense* estava dizendo — começou ele dizendo que quando eu cheguei eu desarrumei todo o seu arranjo, que a responsabilidade do atual era só minha e que ele *teve* que respeitar a minha opinião de que a importância da minha exposição era a da participação do espectador, etc., etc. Todo mundo morreu de rir e quando ele acabou de falar foi um sucesso total — todos sem

exceção mexiam sem parar nos *Bichos*. Foi lindo! Matemáticos, arquitetos, encantadíssimos com a exposição (que foi a mais merdífica feita por mim em toda a minha vida). Não me deram o salão grande, pois houve qualquer coisa entre o reitor e o *Herr Bense*, de modo que a exposição foi muito incompleta (perto da do MAM). Bases diminutas e os *Bichos* pareciam pousados num pé só como as aves fazem. Botei tudo no chão com raras exceções pois salvei ainda, improvisando, algumas bases. Não expuseram as fotos (caríssimas) das *Arquiteturas fantásticas*, nem os *Abrigos* nem a *Casa*, tampouco o *Caminhando* — falta de espaço. Foi televisionada, muitos repórteres, críticos e intelectuais. Mais de dez pessoas me perguntando o preço — O lá lá!... Bense acha que venderei ao menos uns três trabalhos. Depois fomos comer juntos num restaurante. Ninguém queria sair da exposição — estava repleta — e foi preciso o Bense apagar as luzes três vezes. Isto também foi lindo... nesta hora eu já estava tonta, assentada numa base, pronta para funcionar como os *Bichos* tal a minha exaustão! Me botaram num canto do restaurante e mandaram vir um tão grande prato de lentilhas e salsichas que, apesar da associação de idéias horrível de que estava comendo num bidê, devorei tudo como uma selvagem. (...) Nesta hora os ânimos estavam ótimos, o *Herr Bense*, entusiasmado com o sucesso da exposição, *Frau Walter*, idem, e riram muito, quando admoestei o Bense, dizendo que na próxima vez que ele se propusesse a me *atacar* que o fizesse em francês, pois assim eu

teria chance de revidar à altura. No dia seguinte, a *Frau* me convidou para almoçar *chez elle* e o ambiente foi francamente ótimo. O Bense escreveu um artigo sobre Lygia Clark e Gertrude Stein — diz ele que vai me mandar — e vai escrever outro sobre a minha obra para uma ótima revista alemã. Pediu que eu expusesse (para o ano) na galeria de um amigo seu que é importantíssimo pois tem a melhor publicação de arte na Alemanha. Ficou radiante quando disse que, quando eu voltasse para o Brasil, deixaria com ele em Stuttgart uns seis *Bichos* emprestados. Dei-lhe um *Casulo* que ele escolheu e para a filha da *Frau* Walter uma maquete, pois eu gosto dessa *Frau*! O catálogo ficou bem bonito — vou mandar o do Mário e guardo um para você.(...) Vou terminar aqui pois a carta está enorme. Telefone a Soninha (gosto pra burro dela), diga-lhe que já escrevi a ela sim, mas que a carta saiu tão triste e repelente que rasguei — vou amanhã mesmo lhe escrever outra. Que ela não fique triste ou zangada, porque eu escrevi, isto eu juro!

Mil abraços para os nossos — (que incluem os seus).

Milhões de beijos

Lygia Clark

P.S. Diga ao Eduardo que eu escrevi para ele *duas cartas* e ele não me respondeu ainda, [...].

Diga a Ana que vou responder amanhã a sua carta. Adorei!

s/data

Meu querido,

Para receber a sua carta foi preciso a ajuda do Carlinhos de Oliveira¹¹ e de um seu amigo, pois a carta era registrada e, como não me encontraram em casa, tive que ir até o correio, e como o nome da mesma era Lygia Clark, não podia *provar* ser eu a mesma pessoa, pois os meus documentos são em nome de *Lygia Pimentel Lins...*

Por favor, nunca mais me mande carta registrada pois dá um bocado de complicações... O Álvaro fez a mesma burrice e o que me valeu foi que ambas chegaram ao mesmo tempo e o trabalho foi um só. O Peter chegou, um verdadeiro marinho, com as mãos calejadas e renegando a viagem, pois, diz ele, é duríssima. Vai passar algum tempo aqui e depois irá trabalhar em Hanover para ganhar dinheiro. Soube pelo Mário da sua participação no arranjo da Mangueira e fiquei muito contente, pois um trabalho em conjunto com Amílcar¹² e Jackson¹³ deve ser sempre interessante, principalmente levando em conta que o seu trabalho saiu pela vida. O trabalho de Sérgio Camargo é realmente interessante, pois ele mudou muito e a expressão é bastante cristalina, o que sempre foi um ótimo sinal para mim, no reconhecimento de uma expressão

válida. Quanto ao Soto, estou *começando* a mudar em relação ao que ele faz, pois o vi tocando guitarra e percebi que todo o seu problema é tempo (vibração). Não sei se ele é inteligente ou não; sei que é bastante esquisitão. Ora é amabilíssimo, ora é fugidio. O movimento aqui também anda muito fraco. Ainda não vi nada de novo interessante; talvez os verdadeiros artistas continuem dentro de suas tocas trabalhando e só sairão à luz do dia mais tarde. O conjunto de artistas da Denise Renée¹⁴ é bonito, mas fraco como individualidade. Agam, Soto ainda são os melhores. Outros como Shofer¹⁵, Le Parc¹⁶, etc., etc. são muito fracos, trabalhos que só se valorizam como conjunto expressivo na base da adição mas que, individualmente, são vaziiíssimos. Em Arras, onde estive expondo, era a mesma coisa. Vassarely¹⁷, chatérrimo, Pilet idem. Gusman bastante fraco, Marta Pan¹⁸ idem, Cruz Diez¹⁹ a mesma droga, Blok²⁰, sem comentário, um outro venezuelano bem melhor, embora *ultradadaísta*. Os melhores mesmo eram o Soto, o Sérgio e eu. Fui com o Peter ver o teatro de Ionesco: *A cantora careca*, ótima, e *A lição*, péssima. Saí vomitando pelas ruas pois a impressão que eu tive da *Lição* foi a mesma que ver um sujeito bater uma punheta na minha frente... É um ato sexual doentio, frustrado na essência. Vi um filme chamado *O cardeal* que detestei também. Três horas de chateação em que a gente sai com a bunda doída. Eu terei paciência de ficar aqui, embora ache que o resultado não será muito grande *em tão curto prazo de tempo*. Para valer mesmo, o negócio é morar

aqui o tempo necessário. Ainda vou procurar outras pessoas: Vieira da Silva²¹, Mangnelli²², Arp²³, talvez mesmo o Seuphor²⁴. Ainda não estive com o Restany²⁵, o que farei em breve. Por favor, vá a minha casa, pegue, em alguns *bons* catálogos do Museu, artigos do Mário traduzidos em francês e inglês e me mande *registrado* mas com o nome de *Lygia Pimentel Lins*. Diga ao Mário que eu não posso dar a Denise Renée o seu último artigo sobre a minha obra, pois eu não tenho versão em inglês nem em francês... O frio está começando a melhorar, graças a Deus, e ontem, como hoje, fez um dia primaveril.

Vi ontem uma mostra de arte hitita mas não era grande coisa. Continuo adorando a arte kmer, para mim a maior de todos os tempos... O Carlinhos de Oliveira está escrevendo um romance... conta ao Mário, pois eu fiquei radiante. Está se encontrando em Paris, que lindo! Peça ao Mário o telefone do Restany para mim, pois não há no catálogo.

As velhas francesas são execráveis, pois usam sapatos tão descomunais que você tem a impressão que andam calçadas com bidês... enquanto que as alemãs andam com verdadeiros urinóis na cabeça. Que raça miserável... deviam ser todas metralhadas, sem dó nem piedade. Tenho tido cada sonho incrível — me vi abrindo o *chauffage* e tirando de dentro um bolo, achando que eu o havia queimado com excesso de calor, e qual não foi minha surpresa, quando vi que ele estava ótimo e também que, de dentro dele, saiu uma galinha viva que

rapidamente peguei pelo pescoço... em seguida saíram milhões de pintinhos vivos, em tal quantidade que encheu toda uma praça pública: isto *eu vi* de uma janela do alto de um prédio. Outro: vi um bebê dependurado num galho de árvore, dentro de uma trouxa de roupa. Tirei-o achando que ele estava com medo e abandonado, mas ele estava quentinho, dormindo no bem-bom... Evidentemente era eu aqui, muito melhor do que imagino; e o outro foi depois da entrevista com a Denise Renée, que eu havia pensado estar toda errada... Quer dizer que a gente é muito mais inteligente *por dentro* que por fora. Que consolo!

Meu amor, me escreva sempre, pois te adoro e acho você cada vez mais *importante* dentro da sua obra. Gostei imensamente do desenho da nova caixa, você está cada vez mais fundo no problema. Conte mais, conte tudo! Mil beijos, mil beijos.

Clark

Paris
s/data

Meu querido:

Acabo de conhecer o Museu do Homem — se eu tivesse uma chance na vida e me perguntassem o que eu veria (só uma cousa), diria sem hesitar que era o tal museu. É a cousa mais impressionante que já vi. Mesmo a pintura primitiva: Cimabue e Celetto, os meus prediletos, não substituiria e seriam mesmo postos de lado diante desta escolha. O que mais me maravilhou (por Deus!) foi a forma totêmica absolutamente integrada em vasos, bancos, pratos, etc., etc., sem perder sua força absoluta, sem cair em estilizações e *sempre* formando uma identidade expressiva e profunda na parte formal, funcional e visual. Você quando vê, não se contenta em olhar. Você procura quase *vivenciar* o achado espetacular do desenvolvimento da fusão do totem e da forma-vaso, forma-prato, forma-banco, etc. É a meu ver um problema arquitetônico. Da arquitetura boa (de dentro pra fora) e não da outra, a de Oscar Niemeyer que para mim cada vez fica mais fraca e ligeira (estilismo). Saí do museu *absolutamente* convencida de que a escultura é *maior* que a pintura. Quanto à arte popular, elas todas têm cousas em comum.

De lá, fomos ao Museu da Guiné que é uma maravilha. Diferente do que vimos na arte peruana ou asteca. O arabesco [...] e a transcendência das figuras "figées" são de uma beleza que até dói... arte kmer (asiática)! Hoje foi o dia da viagem que mais adorei por estas duas visitas.

Vi o Dubeffut através de milhões de esculturas magistrais... O vi pessoalmente (oba) pintar e francamente é horrível!!!

A arte defendida pelo Restany é arte morta: sempre me dá a sensação da própria morte do objeto, do *bric-à-brac* cheio de vivências de afetividades obscuras e nojentas! A arte, o Mortenser ou Vassalery mortos também, já dentro de uma outra espécie de academicismo.

A crise é geral e terrível. Você vê todos em busca de uma originalidade pela originalidade... matérias orgânicas cheirando mal (quase) fetais sem o mínimo sentido de síntese ou transposição. Absolutamente é uma outra espécie de naturalismo, de péssima qualidade — *não é arte* de jeito nenhum. O abstrato também não se mantém mais.

Se o homem não conseguir uma nova expressão dentro de uma nova ética ele estará perdido. A forma já foi esgotada em todos os sentidos. O plano já não interessa em absoluto — o que resta? Novas estruturas a descobrir. É a carência de nossa época. Estruturas que correspondam absolutamente a novas necessidades de o artista se expressar. Arte agora é arte de culhões. Quem não os tiver está por fora — o problema já

não é absolutamente de figuração. Mondrian é o maior pois foi ele que chegou à falta completa do sentido da figuração.

A volta [...] à matéria orgânica provém deste impacto. O tempo é o novo vetor da expressão do artista. Não o tempo mecânico, é claro, mas o tempo vivência que traz uma estrutura viva em si. Sinceramente eu tenho certeza de que os *Bichos* são isto, sem modéstia e sem exageros. O teu trabalho idem. Quanto ao resto, só Deus sabe... Não vimos aqui nada que lembre ou se compare ao nosso trabalho. [...] Mortenser ainda dentro do que o Arp inventou.

Estivemos com o Arp que é um tipo formidável. Adorou os *Bichos* e até queria comprar um e me recomendou para Balli (Galeria de Arte Moderna) em seu nome para dizer que havia visto a cousa abstrata mais bela que ele já havia visto!

Conhecemos o Seuphor. Tipo fabuloso que está dentro de uma posição (arte construtiva) e a defende até com os dentes. Também adorou os *Bichos*!

Farei para o ano uma exposição individual aqui em Paris na galeria do filho do Michel Seuphor, Galerie [...]. Acho que agora terei mais chance. De New York fui convidada a fazer uma individual também. Com a do Max Bense, serão três! Achei o alumínio mais fabuloso possível! 99,99 de pureza! Você vai ver. Iremos daqui a Amsterdam e chegaremos aí lá pelo dia 29 ou 30 deste.

Mil abraços

Lygia Clark

.....

Lygia Clark.

14, Rue Cassini. Paris, 14^{ème}.

21.9.1968

Meu caro Hélio,

Custei muito a te escrever por vários motivos, mas aqui estou eu, como sempre, com muitas saudades suas. Comecei já a trabalhar catando pedras nas ruas, pois dinheiro não há para comprar material! Uso tudo que me cai nas mãos, como sacos vazios de batatas, cebolas, plásticos que envolvem roupas que vêm do tintureiro, e ainda luvas de plástico que uso para pintar os cabelos! Já fiz alguma coisa interessante, como um capacete feito de capa de um disco que tinha aqui, com duas luvas que saem diretamente da cabeça. Tem um plástico sensorial que você, depois de meter as mãos nas luvas e o capacete na cabeça ficando com as mesmas ligadas à cabeça, você toca na altura dos olhos esse plástico cheio de ar. Fiz também duas luvas de plástico coladas por um dedo e você vive a mão como uma totalidade. Fiz também um plástico ultra-erótico com um pano de guarda-chuva velho, preto, o que dá um enorme mistério e é mais erótico que todos os outros.

Ontem o Argan me telefonou, pedindo para vir aqui pois, diz ele, quer comprar coisas... Fiz um bom contrato com uma galeria na Alemanha que tem por trás o Dr. Kulterman que é

Lygia Clark

.....

figura da maior projeção aqui na Europa e a mesma galeria (Thelen) já pediu exclusividade para toda a Alemanha.

É para essa galeria que quero te indicar pois estás muito bem representado lá, depois de Londres. Para isso preciso de material fotográfico, *slides*, etc. pois devo ir para a Alemanha em fins de outubro: a exposição será em princípio de novembro. O Givaudan vai começar por fazer múltiplos do *Bicho* de bolso e também espetáculos das roupas na rua (idéia dele). Depois fará mais coisas... Sugeri ao Jean Clay de fazer um *Rhobo*²⁶ especial sobre você. Ele alegou que tinha pouco material para isso. Mande para ele ou para mim o mesmo, pois é importantíssimo um número nessa revista. O meu está muito atrasado pois as traduções do meu livro ficaram péssimas... Estou fazendo com o Jean Clay tudo de novo. Ele está fora de Paris, parece que na Argentina. Se ele for aí não deixe de lhe dar bastante material para o seu número. (...)

Aqui estou eu como sempre, pronta a fazer por você tudo o que for possível como sei que farias o mesmo por mim. Conheci dois grandes elementos da Exploding Galaxy: Miky Chapman e Edward Pope. Ainda não conheci Medalla²⁷. Mas conhecendo o seu trabalho como conheço e ainda tudo o que ele pensa, creio que são as três personalidades de maior importância por aqui. Ontem vi uma espécie de documentário sobre o México. Tem-se a impressão de que é um povo sempre debruçado sobre o seu passado. Essa vitalidade brasileira pura, ingênua e maliciosa, sem passado, ainda é o que de

mais importante temos! O mexicano tem uma expressão ultradramática e toda festa que fazem são verdadeiros psicodramas em que a morte é sempre o moto contínuo. Talvez o filme fosse sofisticado pois foi feito por um jovem francês. Estão cada vez mais convencida de que o futuro pertence a um povo subdesenvolvido. A absoluta ausência de sentido do povo aqui é notável. Fora o *France Soir* que é o maior jornaleco daqui e que lembra um pouco os nossos jornais populares, o resto é silêncio. Televisão chatérrima, só é boa para aprender geografia, o que ando fazendo.

Falta um Chacrinha, uma Dercy e um casamento na TV. O frio já começa e estou toda enrolada em xales e cobertores. Imagine no inverno... Eduardo perdeu ou vendeu, sei lá, o sobretudo do seu pai, que maçada! Quando vieres a Londres vou arranjar dinheiro para comprares um lá que é mais barato do que no Brasil ou aqui na França, onde tudo é caríssimo! Imagine que tive que ir num dentista, escultor frustrado que me pediu a bagatela de mil dólares para consertar a minha articulação que está toda fora de circuito. É um louco varrido, querendo me colocar três jaquetas sem precisar, por pura estética, querendo fazer às minhas custas um *chef d'oeuvre*... Já sarei da pelada nervosa. Também tanta coisa acontece ao mesmo tempo: morte do velho Aluísio²⁸, fiquei viúva alegre, invasão da T. pelos putos dos russos e ainda o meu balão da Bienal explode!

Ainda me considero com muita sorte de ter tido tão pouca coisa depois dessa operação monstro que aí fiz. Outro

dia no banho, vendo a minha "cesariana", tomei consciência de que foi preciso fazer a *Roupa-corpo cesariana* para fazer em seguida a minha... Acho que sou a mulher mais maluca do universo, amém.

Vou comprar para mim uma pistola de gás para poder sair de noite sozinha pois as mulheres aqui são atacadas por tarados sexuais aos montes. Se a gente tivesse certeza de sair da aventura com vida talvez não fosse tão dramático pois... "guerra é guerra", como dizia a velhinha na anedota. Por falar em piadas, lá vão duas: Uma vampira falando para sua filha: — Toma a sopa rápido filhinha, senão coagula... Outra: Num velório de um anão, o grupo que estava lá saiu pela terceira vez para tomar um café num boteco ao lado. Entra o vigia do velório e diz: — É essa a última vez que vocês saem da sala, pois pela terceira vez tirei o anão da boca do gato... Terríveis, não é? Vi um grande filme húngaro: *Le rouge et le blanc*. Quase um documentário, seco, terrível e belíssimo!

Ontem fui a um cinema com a Giselda (...). O Mário me paga esse abacaxi que ele me botou pela proa. É chatérrima e além do mais burra pra valer. Enfim, nas horas amargas de falta de companhia total eis-me aqui chupando as últimas jabuticabas de um prato vazio onde sobraram as mais mixas e podres.

Continuo sozinha e parece que para sempre. Isso não me deprime em nada. Por outro lado estou usufruindo numa

21.9.1968

grande alegria toda essa liberdade, longe de problemas de filhos, desse ambiente daí que às vezes vira até sufocante.

Já bati queixo aqui por crise, angústia, mas sempre *lúcida* para saber que aí bateria da mesma maneira e que sou uma pessoa fundamentalmente só e terei que me agüentar sozinha. Estou começando a amarrar coisas e tive muita crise quando conheci o terceiro membro da Exploding que se chama Eduardo — misto de homem e bicho. Tudo cheira, prova, lambe e de uma sensibilidade tão aguda que me botou toda de antenas para fora de mim mesma, em relação a sua presença. Me arreventou toda por dentro mas eis-me como sempre me recompondo, me amarrando já de outra maneira com outras aberturas. Fui deflorada na alma mas o corpo continuou virgem. Muito bacana você saber que pode ser jogada nessa altura da vida para o espaço embora caindo na terra abra um terrível rombo e o viva um pouco como um abismo sem fundo. Foi graças a isso tudo que pude recommençar a trabalhar pois tive uma enorme e profunda necessidade de expressão. Escreva-me e conte-me como vão os amigos e também os conhecidos. Diga-me quando vens para a sua exposição e se vens a Paris também. Estou radiante com a perspectiva da vinda do Mário e Mary. Como também em relação à sua vinda... Será espetacular.

Muitos abraços no Raimundo²⁹ que adoro. Mil beijos para você.

Clark

Rio, 15.10.1968

Lygia querida,

Recebi sua carta e adorei, até que enfim! Naquele dia fui lá mas cheguei como sempre atrasado (não sei o que não faço com atraso hoje em dia, a não ser meu próprio trabalho, mesmo assim quando aparece todo mundo já passou por cima, se é que isso seja possível). E Veneza, já julgaram? Estou torcendo muito por você.

Hoje resolvi escrever pois estou livre: deitado e lendo, depois de embalar semana passada 18 caixotões e 22 volumes para Londres, para uma exposição que é eternamente adiada e creio que nem vai sair — em todo caso as coisas vão e eu também: se não arranjar com o Itamaraty a passagem vou de cargueiro (cem dólares só!) sem um tostão. Mário estará em novembro (minha exposição ia ser em novembro, mas o Bryan Robertson ficou meio chocado com o ambiente que mandei planejado), Mary ia comigo de cargueiro mas a irmã dela está com câncer e ela não vai. O grande mal foi eu ter sempre lidado com Bryan (o dono da galeria) através de Guy Brett³⁰, logo o que aconteceu foi o seguinte: ele se sente sempre [obrigado] a dar satisfações ao Guy e nunca a mim, deixando tudo vago — Guy Brett está furioso com os adia-

mentos. Os planos ficaram geniais: a galeria era enorme e eu não acredito mais na "obra figurada", por isso incorporei tudo num planejamento ambiental, inclusive coisas que seriam construídas lá. Não modificarei um centímetro do planejado — ou tudo ou nada. Imagine você que ficamos noite e dia, em junho e julho, eu e Rogério Duarte³¹, aqui, planejando, fazendo desenhos de precisão do que seria construído e do ambiente geral com a colocação, é claro, das coisas maiores, mesmo assim demarquei elevações no chão de diversas alturas para colocar *Bólides* (são 50 ao todo), ainda mais o seguinte: *Capas* (26), grandes *Cabines* já prontas (5), os grandes *Núcleos*, peças suspensas, projeto *Cães de caça*, etc. De obras que "figuram" lá está cheio! O que será que o cara quer mais? Creio que ele não entendeu bem as coisas e vou escrever-lhe energicamente sem agressão, mas botando os pontos nos ii; Mário vai dar explicações também quando chegar lá. A verdade é que pra mim foi bom ele ter ficado espantado, pois se ficam aqui não é milagre, mas lá, numa galeria "pra frente", na cidade mais "pra frente" do mundo, é uma honra. Creio que a crise é aqui e é lá também. Guy o considera um "espectador distante", aliás, parece que muito pouca gente não o seja, a não ser quem se entrega às experiências puramente. Estou louco para me mandar pra lá: quero ver como é a barra por lá, pois cada pessoa me descreve tudo superficialmente para que possa medir. Rogério irá pra Paris e depois, pra lá; Gerchman também, depois de passar por New York.

Tem um amigo meu, Torquato Neto (o maior letrista a meu ver, que trabalha com Caetano e Gil) que quer ir comigo no navio: vai ser ótimo! Queria muito que você estivesse em Londres, pois sei que para nós dois será genial — o que faço questão é de não encontrar brasileiros chatos como sempre acontece quando se está numa terra estranha. Disse-me Eduardo³² (ele esteve aqui semana passada com a namorada, linda aliás!) que o Medalla é genial como já previa: estou louco para saber como são os outros de quem você e Mário falam. Quanto à promiscuidade em que vivem não me incomoda em nada: hoje não tenho preconceitos de espécie alguma em relação a nada, não creio que a barra deles seja mais pesada que a minha, onde vejo todo dia de tudo o que se possa imaginar. Deverei conhecer os Beatles, principalmente o John Lennon que é o maior deles, inclusive a atividade dele se apresenta com a minha, apesar de eu não ser músico; Caetano vai me dar o endereço de um grande amigo deles que me introduzirá na barra: tomara que dê certo.

Estou escrevendo muito, com certas influências: de Rogério, no início, do Ginsberg, etc., mas creio que há coisas no que escrevo: são textos poéticos mesmo quando tratando de arte: não gosto mais de teses ou descrições filosóficas: construo o que quero com a imagem poética na máxima intensidade segundo o caso. Lygia, vou relatar um grupo de acontecimentos e experiências aqui, sucintamente, que me transformaram muito nesses últimos meses e que de certo modo são

resultado de tudo o que queria nesse tempo todo: creio que amadureci muito e de certo modo “fundi a cuca”. Não sei bem quando tudo começou a ferver: creio que foi em abril — minha amizade com o Rogério foi decisiva para nós dois e tinha que dar resultados: Rogério estruturou muito do que pensava e eu consegui me lançar menos timidamente numa série de experiências realmente vitais: larguei aquela bosta de emprego, único laço real que possuía com a sociedade “normal” que é a nossa: entrei em crise que me foi ultraprodutiva — de certo modo descobri que não existo só eu mas muitas pessoas inteligentes que pensam e fazem, que querem comunicar, construir. Isso foi bom para quebrar o cerco burguês ou pequeno-burguês em que me encontrava, não por mim mas por uma série de condicionamentos: agora, lendo *Eros e civilização* de Marcuse, vejo que tinha razão (aliás você deve ler isso pois tem muito a ver com seu pensamento — no princípio fica-se um pouco desconcertado, mas é bom). Hoje, recuso-me a qualquer prejuízo de ordem condicionante: faço o que quero e minha tolerância vai a todos os limites, a não ser o da ameaça física direta: manter-se integral é difícil, ainda mais sendo-se marginal: hoje sou marginal ao marginal, não marginal aspirando à pequena burguesia ou ao conformismo, o que acontece com a maioria, mas marginal mesmo: à margem de tudo, o que me dá surpreendente liberdade de ação — e para isso preciso ser apenas eu mesmo segundo meu princípio de prazer: mesmo para ganhar a vida faço o

que me agrada no momento: paginei uma revista de arquitetura e escrevo artigos pagos para a revista GAM. Agora me surgem muitas propostas: José Celso (*Rei da vela e Roda viva*), que é grande amigo meu e de uma criatividade impressionante, convidou-me para fazer cenários sensoriais para uma peça de Renato Borghi (aquele ator do *Rei da vela*) chamada *Os vampiros*, e talvez eu fizesse um dos vampiros. Mas o que há é que o terrorismo de direita aqui não está mole: principalmente em relação às produções de José Celso: massacraram os atores de *Roda viva*, primeiro em São Paulo depois em Porto Alegre: destruíram tudo, inclusive atiraram uma das atrizes nua no meio da rua; um dia desses matam alguém. Conclusão, José Celso parou os ensaios de *Galileu* do Brecht e nem sei se fará *Os vampiros*. É um país de merda! Assim, creio, farei experiências criativas que me poderão dar dinheiro sem precisar me sujeitar à repressão de um emprego morto, ou quase isso, ou seja, ao trabalho alienante. De certo modo os adiamentos da exposição de Londres me levaram a criar muita coisa, com uma intensidade impressionante, sendo que tudo aconteceu aqui: desde que conheci Caetano as coisas vêm vindo num crescendo impressionante. Primeiro uma conferência que fizemos em São Paulo, depois as conversas infinitas pelas noites a dentro. Rogério ficou morando aqui de maio a agosto. Tudo aconteceu: Glauber filmou cenas do seu filme experimental *Naquele dia alucinante a paisagem era um câncer fascinante*, no qual as pessoas

improvisam *in loco* cada cena: eu apareço com uma pistola falando nem me lembro o quê; Tineca fez uma cena de amor com o Pitanga que Glauber chegou a chorar. Nessa mesma época Marisa inventou reunir todo mundo aqui para uma foto antológica e não conseguiu fazê-la: optou pela foto individual, pois quando conseguiu reunir toda a loucura choveu — a reportagem até hoje não saiu mas deve ser paginada esta semana. O material é bom: eu estou pendurado numa árvore, vestido de Mangueira segurando a bandeira de Guevara, do Tozzi³³, tudo isso de cabeça para baixo. Caetano fotografou vestido com aquela capa de *Parangolé* vermelha, a primeira, nas pedras do Arpoador, e deverá sair na capa da revista, mas, o melhor da reportagem são os depoimentos in-críveis, inclusive o meu que está no fim desta carta. Pensei que fosse meio impublicável mas não o foi e vai sair: diga-me se gostou — acho-o terrível pela carga subjetiva poética que possui; cada vez que o leio fico arrepiado. (Neste momento Marisa³⁴ telefona-me dizendo que foi cortado na totalidade no *O Cruzeiro* e não vai sair. Pede-me outro que não farei, ou então será: nada posso dizer; fui censurado). Aliás pensei agora em algo melhor, a palavra BLANK no espaço branco, que em inglês é usada quando algo é censurado ou cortado e quer dizer que o branco é branco no texto e não um “buraco” na paginação; morou? Assim mostro que fui censurado. Mas, como eu ia contando, isso foi o começo e introdução para a loucura que se sucederia sobre mim. Estava armando uma

enorme cabine que aprontei um mês depois e ficou linda: cabine-lazer, com colchões para deitar, etc., creio que já lhe falei sobre isto e só então a realizei. Enquanto isso mil pessoas chegavam, saíam, uns ficavam atrapalhando, mas sempre houve aproveitamento criador em toda a aparente bagunça daqui. O cara mais bacana foi Luís Carlos Saldanha³⁵, com quem Glauber estava filmando: Saldanha é o mais integral sujeito: e por isso mesmo o mais marginalizado: realmente ele é de certo modo louco (quem não é?) mas profundamente criador, o que notei logo ao vê-lo filmando as cenas com Glauber — ele faz uns cadernos onde escreve vivências, as letras muitas vezes se desintegram em desenhos minúsculos. Ele me deu um desses cadernos: é genial pela riqueza das observações vivenciadas. [...] Fiz amizade com Maria Bethânia, a quem adoro, e ia sempre à boate assistir ao *show* genial que ela estava fazendo e que foi gravado num disco que vale a pena possuir: é a maior cantora de todos os tempos no Brasil, assim como a Billie Holliday nos EUA, de quem ela sofre certa influência longínqua mas positiva. Enquanto isso inventaram uns debates no MAM: no primeiro fui convidado para a mesa (substituindo você, imagine!), mas foi meio chato pois o Houaiss é muito “quadrado” para mediador: mesmo assim eu e o Rogério pusemos fogo ao debate e saíram até ofensas pessoais no meio de tudo. Por incrível que pareça o Maurício Roberto gostou, talvez pela propaganda que fez do MAM, e nos pediu, a mim e Rogério, que organizássemos outro, o

que fizemos e foi um blá, blá, blá que não acabava mais pelos jornais: título do debate: "Amostragem da Cultura (Loucura Brasileira)", e convidamos para a mesa: mediador, Frederico Moraes (que foi ótimo), participantes: eu, Rogério, o sociólogo Sérgio Lemos (ele estuda a "sociologia do cotidiano"), Lígia Pape, Nuno Veloso (ele foi amigo do Rudy Deutschke na Alemanha e era da Mangueira, morava com o Cartola e foi-me apresentado há tempos pela Rose, não sei se você o conheceu), Caetano Veloso, Gerchman, Chacrinha (que acabou não indo por estar sem voz, gripado, mas que foi o centro das discussões). A platéia estava horrível: todos nos atacavam violentamente, principalmente a Caetano, inclusive pessoas que são a nosso favor. Mary taquígrafou tudo, e os jornais berraram durante mais de uma semana sobre o assunto. Foi bom mas confesso que não tenho saúde para agüentar outro: todos nos atacavam por pura mesquinharia, a julgar pelos argumentos, sempre horríveis, pequenos. Neste debate haviam faltado Chacrinha e Glauber, por isso Rogério chamou para a mesa o Saldanha de que lhe falei, como uma "síntese de Glauber e Chacrinha" e aí é que foi o barulho: Saldanha mandou a Miriam (aquela amiga da Vera que estava em Paris, casada com o Júlio que estava chatíssimo) parar de encher o saco, disse coisas fortíssimas e retirou-se da mesa. A meu ver Caetano foi o melhor do debate: absolutamente genial. Mary gostou mais de Rogério, mas o achei meio aturdido com tudo. Eu fiquei chateado, irritado, disse umas merdas e quase me

retirei no meio. Enfim, parecia uma análise coletiva, o que é simpático mas chato ao mesmo tempo. Logo em seguida, semanas depois, veio a confusão total: ao mesmo tempo que aprontava as obras para Londres, a Rosa, do Jackson, me ajudava a fazer novas capas de *Parangolé*, que ficaram lindas, para uma manifestação no Aterro, financiada pelo *Diário de Notícias*, através do Frederico. Rosa separara-se do Jackson e estava aqui (depois se mudou para casa da Lígia, pois quase nos atracamos um dia) e foi bom pois me ajudou bastante; Saldanha uma noite enlouqueceu e botou fogo nos desenhos dele, depois de destruir um livro de Marcuse, enfim, parecia mais um Vietnã do que uma casa, isto aqui. Mesmo assim conseguimos acabar capas, projetos, cabine, não sei como, e como foi adiada a exposição (daquela vez para novembro), resolvi iniciar outras coisas. Mas o que quero lhe contar é a manifestação do Aterro; foi a melhor com o público que já fiz: desta creio que posso tirar um novo sentido para tudo. Chamou-se *Apocalipopótese*, termo inventado por Rogério como um novo conceito desse tipo de objeto mediador "para a participação" ou que se constrói por ela: eu com as capas, Lígia com os "ovos", Antônio Manuel com as "urnas quentes", que eram caixas fechadas para serem destruídas ou abertas, sempre com algo escrito ou pintado dentro, Rogério levava cães amestrados que a meu ver foi o mais importante (serviam para defendê-lo também contra o Roberto Paulino, que compareceu, pois o Rogério estava de "caso" com a Rose) e o

Raimundo Amado filmou tudo, e parece que o filme fica pronto esta semana: não é genial? Mário acha que houve aí algo mais importante do que o sentido de *happening* pelo sentido realmente aberto das experiências: um livro está sendo feito no sentido da imagem sobre isto. Compareceu nesta manifestação o músico americano John Cage, um dos inventores pioneiros da música *pop* ou “acidental”. Como sempre os jornais nem uma entrevista fizeram com ele, veja só. Agora, antes de viajar, o que pretendo fazer logo, estou pensando em fazer algo se possível — Torquato está muito entusiasmado desde a *Apocalipopótese* e deve vir aqui hoje para planejarmos algo. Enquanto isso as confusões continuam: é um inferno viver aqui, estou cheio! Agora, enquanto escrevo esta carta, estamos no dia 17, explodiu novo escândalo: resolveram interditar o *show* que Caetano, Gil e Os Mutantes (geniais) estavam fazendo na Sucata por causa daquela minha bandeira “Seja marginal, seja herói” que o David Zingg resolveu colocar no cenário perto da bateria no *show*: um imbecil do DOPS interditou e Caetano, no meio do *show*, ao cantar *É proibido proibir* interrompeu para relatar o fato, no que foi aplaudido pelas pessoas que lotavam a boate. Conclusão, não me deixam nem dormir: telefone, imprensa, uma fofoca louca nos jornais, principalmente mentiras. Um lance bem chato, mas que já previa: o empresário do Caetano, Guilherme Araújo, telefonou para o Glauco Rodrigues pedindo adesão ou solidariedade a mim, e a Norma disse a ele que Glauco não podia atender e

não queria se meter no assunto pois tem exposição em Porto Alegre, o que poderia prejudicá-lo. Veja como são nossos amiguinhos artistas. Lygia, estamos acima de tudo isso, sempre estivemos, estamos em “outra”, como se diz na gíria, em outro “plá” e não adianta: o negócio é nem tomar conhecimento de fofocas tão mesquinhas: por isso o que disserem por aí também, nem ligue: é inveja e nada mais. Creio que nossas idéias poderão frutificar mais ainda se não tomarmos conhecimento disso. Não somos comerciantes de arte para termos competição, nem ideólogos. Hoje isso é acadêmico, superado: eu sou eu, você é você, e esse troço de influência linear, um roubar o que é do outro, funcionava em outra era que já superamos há muito — para mim cada pessoa tem ou não o que dizer e fazer e não há possibilidade de que sejam coisas “iguais”, idênticas, pois cada um possui sua estrutura particular que se quer manifestar. Diga ao Jean Clay para deixar de ser fofoqueiro: mandei material às pampas pra ele. Que fez de tudo? Vou providenciar mais, mas acho meio chato mandar tanta coisa e nada acontecer. Inclusive o texto sobre “Aparecimento do supra-sensorial” traduzido pela Mary foi enviado. Melhor então, talvez, esperar um pouco que eu chegue com outras traduções que talvez expressem mais meu pensamento. Tenho fotos lindas dentro da cama: Eduardo, seu filho, adorou a idéia da cama, e quer fazer experiência de cinema com ela, mas é que seguiu para Londres e talvez eu construa outra para filmagem, se der tempo e chance.

Vou fazer novas cópias e te mando. Enquanto isso preparo novos textos. Ok? Lyginha, estou louco para conversarmos pessoalmente: creio que poderemos botar fogo nesse continente. Tenho tido vivências incríveis justamente pelo não compromisso mais com a "obra" mas com a sucessão de momentos em que o *agradável* e o *desagradável* é que contam, crio daí objetos ou não; por exemplo, estou agora sem nada aqui e pego o que há de mais essencial, que é nada, por exemplo, uma esteira de palha e coloco no chão para que se deite nela: chamo a isso "probjetessência" (derivado do conceito de "probjeto" inventado por Rogério um dia depois de horas de conversa: "probjeto" seriam os objetos "sem formulação" como obras acabadas mas estruturas abertas ou criadas na hora pela participação). Agora não sinto necessidade de construir objetos mas uma lata cúbica vazia me deu vontade de colocar água nela e pronto: é para que se olhe aquela lata com água, olhe-se como num espelho, o que já não é apropriação como antes mas o objeto aberto essencial, que funcionará conforme o contexto e a participação de cada um; a esteira estendida no chão também. Creio que aquele *Plástico* seu, lembra-se, sem nada, para desenhar com a mão, ou o *Respire comigo* tinham esse sentido, que adoro e considero atualíssimo. Mas não quero mesmo o objeto, que contradição! Quero a descoberta como se sob efeito de maconha: a descoberta do dentro, sei lá de quê, o gosto de viver, amargo ou doce, talvez o objeto-essência no sentido de uma casa total com lugares pri-

vilegiados para se sentir o "lazer vivido"; cantar-se ou não e é isso que me atrai nas experiências: a vida, o achar. Adorei a sua idéia de catar coisas, o que você faz é heróico para mim: do nada, para o nada, mas que já é o "plá": sabe o que me lembra, é o Pasolini, que das mínimas coisas faz ou diz o global. Revi ontem *Édipo rei* pela segunda vez e senti que tudo aquilo é como o nascer da sensibilidade, a descoberta e a síntese de tudo: quando Silvana Mangano olha para a câmera, num *close* que considero o mais genial do cinema depois da Falconetti em *Joana d'Arc*, amamentando o filho que seria seu futuro amante, sente-se que ela é tudo, a amante e a mãe de todos nós: que maravilha. Tudo no filme nasce de algo "aberto", do nada, como o terceiro mundo, e o que você diz sobre os países subdesenvolvidos é certo, e creio que as pedras, o pouco como o resto que você cata nas ruas de Paris para fazer algo, é a expressão exata do terceiro mundo. Não a pobreza demagógica e panfletária, ridícula, mas, como uma criança que vê tudo pela primeira vez e é essencial para a descoberta do "senso", sentir e crer na existência dos sentidos: a procura do prazer no imediato que é o momento; como Mário diz, o "momento do acaso" (bacana o termo!) — e é sempre síntese porque é real, mais que tudo, mais ainda que a solidão que pode oprimir mas que nasce-renasce no vir-a-ser. Creio que você está mesmo é perto de nós: não acreditar na ilusão de uma civilização que se autodestrói, mas que existe e não se volta contra ela mas a modifica pelo achar e redescobrir,

como no amor, como no sonho do novo mundo. Isso é a grande diferença para a expressão européia e americana do norte; a tal *povera arte* italiana é feita com os meios mais avançados; é a sublimação da pobreza, mas de modo anedótico, visual, propositalmente pobre mas na verdade bem rica; é a assimilação dos restos de uma civilização opressiva e sua transformação em consumo, a capitalização da idéia de pobreza. Para nós não, parece que a economia de elementos está diretamente ligada à idéia de estrutura, à formação desde o início, à não-técnica como disciplina, à liberdade de criação como a supra-economia, onde o elemento rudimentar já libera estruturas abertas. Lygia, vou transcrever aqui o tal texto do *Cruzeiro*, que não vai sair. Segunda, dia 21, irei com Torquato para São Paulo apanhar a matriz da tal bandeira que agora com a proibição de ser exposta todo mundo quer comprar. Vou ficar na casa dele. Espero que esta carta pegue você ainda aí. Enquanto isso vou providenciar o material. Quero ver se o Schemberg³⁶ compra algo meu pois estou precisando de dinheiro.

Mil beijos e escreva logo antes de viajar. Estou louco para ouvi-la.

Beeijos,

Hélio

O texto:

Supra (*aboutissement*) — a chegada ao *supra-sensorial* é a tomada definitiva da posição *à margem*. Supramarginalidade — *la vita*, malalindavita, o prazer como realização, vitacopulplazer. Obra? Que é senão gozar? gozozar. Cair de boca no mundo. Cannabilibidinar. Hummm... Sei que estou vivo — é só o que resta — o sabor, salabor, salibidor. A nova era chegou: marginalibidocannabianismo: *l'opera* morreu. Morra a mão de ferro; sentir para o gozo. A palavra, o que se vê, ouve-se, grita-se, cantata-se, catarsis-se; o mundo quer respirar. MARGINetical. A nova cara se descobre, é linda, é o que há séculos estava escondido, sai, ergue-se phalluvagimamente, supuxadamente, ergue-se a fumaça, sauna do novo mundo. A rataria de cima corre — libertá tá tá tiro, tara, a bichalouca mexe, mexe, ato gozo termal, sob a saraivada 22, 32, 38, 45, sete meia cinco da noite que chega. Está quente. A mulher se lava. O homem se despe e recomeça.

HO 20.8.68

.....

Lygia Clark.

14, Rue Cassini. Paris, 14^{ème}. France

26.10.1968

Caríssimo HéliCaetaGério,

Recebi anteontem sua carta que muito me impressionou! Do Hélio antigo que aí deixei só sobrou o lado positivo e sobrou uma outra personalidade a que dei o nome acima! Cheguei a pensar que era uma carta escrita em equipe por vocês três e ainda não estou certa se o foi ou não, mas de qualquer maneira vejo uma personalidade fabulosa como ainda não tinha conhecido: madura com enormes culhões que se arrastam pelo chão como pêndulo do Big Ben ou ainda do meu relógio do L'Observatoire... Senti também uma tendência muito bacana de defesa pela minha pessoa ou obra (que nome cada vez mais sem significado...) e juro por Deus que me deu uma impressão de que terei mais um ombro para chorar pois acaba de nascer um Homem. Por Deus a vida é sempre para mim o fenômeno mais importante e esse processo quando se faz e aparece é que justifica qualquer ato de criar, pois de há muito a obra para mim cada vez é menos importante e o recriar-se através dela é que é o essencial. Senti também quase um estado alucinatório nesse rio fabuloso de pensamento que escorre como o próprio mijo de um *Apocalipopótese* ou como uma faca que entra fino na carne de um

Lygia Clark

.....

mec (cara) ou ainda quando a barca abre as águas do Sena quando passa, deixando estrias na barriga do rio. Garanto que estás também marcado por estrias, depois de um volume tão grande: após criar Caetagério destes a luz a um outro Heliocóptero que veio seguramente de um outro "plá" anunciando um outro mundo, confirmando o precário como novo conceito, a magia do ato na sua imanência e também a negação do objeto que perdeu toda sua carga poética ainda projetada, para se transformar num poço onde a multidão se debruça para se encontrar na sua essência.

Reduzidos a esse poço estamos à mercê da curra do coletivo onde seremos deflorados não importa onde e como, ficando reduzidos à anedota da velhinha, guerra é guerra, ou adotando a filosofia (às avessas) que se torna aqui dia a dia mais popular: Evite a curra o mais possível mas se ela for inevitável... *relax!* Já fui tão currada pelo espectador que nem o buraco da orelha escapou. Em Veneza, para não sair nas crônicas policiais, tive que me mandar com urgência para cá pois comecei a odiar tanto o espectador tesudo que estava pronta também a utilizar o teu 22, 32, 38 e também o teu 45 e estou ainda confusa, escondida aqui num canto, formulando novas proposições sensoriais que me parecem bem mais terríficas que tudo que já fiz até agora. Começo a atar o corpo à cabeça, dedos atados nos dedos, poços terríveis vestidos de capas de guarda-chuvas pretos e velhos onde a mão aparece ainda desligada do resto, e ainda capacetes

onde sobra sempre a presença do plástico envolvente como um ectoplasma. Mandarei fotos. O pessoal que anda me conhecendo aqui acha que eu tenho uma espécie de psiquismo que sai da minha pessoa como essa camada de plástico que agora se vê nas minhas proposições. Para mim isso é conversa fiada, pois quando era moça, isso tinha um nome bem mais simples: *sex appeal*...

Fez muito bem em largar esse emprego mas quanto a sua marginalização não estou de acordo. Isso não é só para você: acho e ando impressionada e também muito chateada pois jamais o artista esteve tão pouco alienado da realidade como agora. Ao contrário, ele está absolutamente integrado na vida, muito bem assentado numa confortável cadeira, ao contrário de outra espécie de juventude que tem hoje a mesma atitude existencial que ele mas que não tem nem o interesse dele em viver a vida nos momentos como realização total na imanência do mesmo e nem de propor essa imanência ao outro. É essa juventude hoje que está no mesmo papel do artista de outrora, marginalizado pra valer! Achar ainda que és um marginal porque vive à margem de uma sociedade caduca pode é ainda um conceito burguês. O que me angustia profundamente não é nem você nem eu nem gente como nós. É me saber situada, integrada numa situação privilegiada, mas perceber que para outros o mundo ainda não cavou o seu lugar e talvez seja essa geração de jovens que incorpora de tal maneira um CHE que, cavando a sua própria sepultura, abra lugar para a

próxima. Você vê, até o realizar-se está vindo diretamente ligado à ação. Todos os mitos caíram por terra, desde o político que tinha carisma (o CHE se realizou na medida da ação), e nós, os privilegiados, temos que propor na ação porque o momento, o agora é a única realidade tangível que ainda comunica algo. Para o resto sobram as manifestações contra o proibido, a autoridade e ainda uma coisa muito importante: a não-programação, pois o realizar-se e a consciência do mesmo virá à medida que a ação se revela. *Esses são hoje os verdadeiros revolucionários*. Para mim, na medida em que revelamos um novo mundo somos ainda o resto de um mundo antigo, e se não fazemos mais a "obra" somos de qualquer maneira o "personagem" que expressa o pensamento "obra". Toda essa minha percepção nada tem de romântica, porque nunca me propus ser diferente para fazer arte, mas estou me sentindo numa posição cômoda que me incomoda muito. *Pela primeira vez o existir consiste numa mudança radical do mundo em vez de ser somente uma interpretação do mesmo*.

Tenho tido vivências dramáticas: vejo uma escuridão total e o homem no começo das coisas, como um primitivo, captando o seu próprio corpo, recompondo-o, redescobrimdo o gesto, o ato, o mundo como um outro planeta estranho selvagem. Vejo também que um morto é tão anônimo que na verdade num cemitério é o vizinho, e o que lhe dá individualidade é a laje com o seu nome inscrito. Precisamos com urgência derrubar essa placa como já derrubamos outras

com o nome de Deus, amor, para que tudo na realidade seja processo e totalidade. No mais, estou passando também por um processo enorme de consciência de minha pessoa humana. Descobri terrificada que quando não consigo ser um "ser" decente me torno uma L.C. insuportável. Nesse momento fico triste e choro a impossibilidade do anonimato no qual poderíamos recomeçar todos os dias a vida. As crises quanto à minha expressão desapareceram já há muito e fazer proposições hoje para mim é como comer, uma simples motivação sem preocupações de ordem maior. Estreei o meu novo corpo e virei também uma esplêndida fêmea. Jamais pensei ser isso tão maravilhoso e com isso passei a chorar em todas as situações, desde o fazer amor até na cozinha ao descascar cebolas para o jantar. Descobri o *mec* que me deflorou em criança e foi impressionante, pois depois de tantos anos ele não carrega sobre ele nada do que se passou e nem consigo senti-lo como na noite da descoberta em que todos os detalhes apareceram, desde o cheiro do seu quarto e também os detalhes do mesmo em todos os momentos. Uma defasagem enorme do tempo que tudo destrói, e não sobrou nem ódio nem ressentimentos, mas uma enorme simpatia e amor pelo mesmo pois aprendi a amá-lo nesses anos todos, e essa descoberta em nada mudou esse amor mas me mudou muitíssimo, me revelando em toda minha autodefesa que ainda me conferia uma carga ultra-agressiva nas relações humanas.

Quanto ao espetáculo que me descreveu, deve ter sido genial! Acho que é ainda a coisa mais importante pois é uma ação que revela a mudança radical do mundo para deixar de ser somente uma interpretação do mesmo. Essa sim é a atitude revolucionária por excelência! Nada tem de marginalizante, ao contrário, é a própria integração da nova realidade. Tudo isso no grande sentido e não no conceito dito burguês. Isto está morto e nem existem mais referências possíveis.

Diga-me na próxima carta o que achas disto pois talvez possas me dar algo que talvez ainda não tenha percebido...

O grupo do Medalla está fazendo também espetáculos e existe um grupo na Argentina que faz somente isso, mas lá me parece que é no sentido político. O Medalla está também interessado na descoberta de objetos que encontra, mas a meu ver mais parece ainda uma atitude do Ready Made se é que entendi as fotos que o Jean Clay me mostrou. Para mim o objeto, desde o *Caminhando*, perdeu o seu significado, e se ainda o utilizo é para que ele seja o mediador para a participação. As luvas sensoriais por exemplo são para dar a medida do ato e também o milagre do gesto na sua espontaneidade que parece esquecida. Em tudo que faço há realmente necessidade do corpo humano que se expressa, ou para revelá-lo como se fosse uma experiência primeira. A mim não importa ser colocada em novas teorias ou ser de vanguarda. Só posso ser o que sou e pretendo ainda realizar os tais filmes em que o

homem é o centro do acontecimento. Para mim, tanto as pedras que encontro ou os sacos plásticos são uma só coisa: servem só para expressar uma proposição. Se eu construo ainda algo é pela mesma razão. Não vejo por que negar o objeto somente porque o construímos. O importante é o que ele expressa. Se eu sinto hoje na vida esse estado que você sente e que chama alucinatório, é porque aprendi com as proposições a sentir esses mesmos momentos e, se não as tivesse feito, talvez nunca descobrisse esses mesmos momentos que são sensoriais. O que eu quero é não esquematizar nada e cada dia comer uma nova "pêra" para ver se é bom ou não. O termo do Mário como sempre é ótimo mas para mim não é o momento do acaso mas é o "fruto" do momento. Fruto no sentido fruta, tal o sabor e a sensualidade do comer, viver esse momento. Achei também muito bom quando você diz que o elemento rudimentar já libera estruturas abertas, embora nós o usemos porque exatamente não acreditamos mais em conceito estético. O seu texto no final é esplêndido quanto à vivência poética e carga subjetiva, só que não acredito, como te disse acima, na marginalidade do propositor, mas o que é bacana é essa diversidade de posições, pois na medida em que há contradição e negação há também confirmação de uma realidade. Vou ver se o Jean Clay pode publicá-lo no *Rhobo* que será sobre o Brasil, tendo o meu especial junto. Mande material, meu amor, pois se sua exposição em Londres não

sair ou custar muito, eu mostrarei ao Kulterman que, diz o Jean Clay, te lançará imediatamente, pois todos aqui dizem que ele é o mais genial pois tem um grande faro para coisas importantes. A galeria Thelen é a melhor da Alemanha, e assim poderás começar lá como eu.

Mande também material para um *Rhobo* especial pois o Jean Clay quer fazer e está interessadíssimo! Peça ao Pedrosa um artigo sobre mim que saiu na GAM para ver se dá tempo de sair no meu especial pois tem artigo do Guy, do Medalla e Jean Clay e só falta o dele. Estou escrevendo pouco e sonhando muito. Vou ver se leio o tal de Marcuse pois é uma pêra que ainda não provei. Diga-me quais outros livros que devo ler pois acho que está na hora de mudar essa minha maneira de ser. De ignorância basta! O seu texto da descoberta do super-sensorial vai ser publicado nesse número do *Rhobo*. Outra coisa: pela sua carta a gente sente que é ainda no Brasil que as coisas importantes acontecem. Sua carta mais parece um programa do Chacrinha, onde tudo acontece ao mesmo tempo e tudo é trançado como uma tapeçaria. Onde se vê uma coisa como essa? Somente aí nesse país fabuloso que aprendo a amar cada dia mais e em que tudo é importante até para se ter opção para negar alguma coisa! Aqui a merda é geral. Não existe povo. Tudo é Inez Vardaz ou ainda o canastrão do Malraux que inventa todos os dias de enfeitar Paris. Sua última invenção mais parece coisa de russo: obras de arte no metrô! Morou?

26.10.1968

Mil beijos nos nossos, nos seus que começo a achar que também são meus: Caetano e Rogério! Um grande no muito Amado dos amados. Escreva por favor pois adorei sua carta.

Mil beijos para esse novo HéliCaetaGério!

Clark

P.S.: Raimundo recebeu minha carta? E o Gerchman?

Rio, 8.11.1968

Lygia querida,

Recebi sua carta e adorei. No mesmo dia várias coisas agradáveis aconteceram: o Itamaraty resolveu me dar ou a passagem de avião para Londres ou o dinheiro correspondente à mesma quando eu chegue lá. Optei pela segunda: são mais ou menos 700 dólares, e já que vou ficar na casa da tia da Iara, uma amiga minha de São Paulo que você não conhece, creio que este dinheiro dará para muita coisa em Londres, isto é, supondo-se que não venda eu qualquer coisa por lá, o que não creio. Estou certo de que venderei qualquer coisa, e aliás pretendo ficar em Londres algum tempo fazendo um trabalho qualquer e também criando coisas que aqui não tenho ambiente para tal. Resta, agora, arranjar um navio cargueiro para ir, por isso que preferi o dinheiro lá: Nilza, uma amiga de César e Roberta, que foi mulher do Gelli, e agora é mulher do Gilberto Macedo, um cineasta ótimo do novíssimo cinema brasileiro, apresentou-me à companhia de cargueiro pela qual ela viajou para a Europa por apenas cem dólares. O diretor, um holandês, pediu-me uma carta que fiz e ele gostou muito; pedi passagem para mim e para Torquato Neto, que irá comigo; não há problema porque a ca-

bine é mesmo para dois e se eu fosse só iria desperdiçar um lugar. O tal holandês enviou a carta para Gênova, na Itália, para obter ou não a aprovação: os navios são italianos, por isso eles é que opinam. A carta é para explicar quem nós somos e o que vamos fazer na Europa. O cara gostou muito pois viu que somos artistas e disse que teremos toda sua recomendação; daqui a 15 dias saberei se aprovaram ou não. Enquanto isso estou pensando em todas as outras possibilidades aqui e tentando vender desenhos de dez anos atrás, que redescobri guardados e resistem muito: são excelentes, secos e muito atuais. Estive ontem em São Paulo, durante um dia apenas, e deixei alguns com o Ralph Camargo, dono da galeria Art Art, que gostou e vai ver se os vende nesses próximos dias. Como você vê tenho que pensar em tudo ao mesmo tempo. Espero, daqui a um mês, embarcar, se arranjar tudo legal. Vai ser genial. Foi ótima idéia Torquato querer ir, pois ele também está meio sufocado aqui e está fazendo novas experiências com poesia e música: Gil vai transformar em música uma nova poesia de Torquato, totalmente diferente do que vinha fazendo, onde palavras e sinais se desintegram. Estou enviando aqui a *Geléia geral*, sobre a qual Gil fez música, magnífica, gravada no LP *Tropicália ou Panis et circensis*: creio que você já ouviu aí, ou não? Essa letra é magnífica no sentido da imagem, ou imagens que se acumulam e se fundem, de modo aberto, como uma condensação de vivências — já na nova experiência as palavras e os sinais começam a se

desintegrar numa estrutura totalmente aberta; o negócio vai ser transformá-la em música, já que os espaços funcionam como sinais, etc. Torquato está cheio de idéias mas é que aqui a barra está pesada: sabotam tudo, principalmente o pessoal de música: muita gente mal cumprimenta o pessoal da Tropicália, inclusive os antigos amigos, o que faz lembrar o que havia conosco na época neoconcreta. O fato é que quando há real inovação, a sabotagem sempre impera: nunca vi tanta gente mesquinha e idiota por aqui — é merda política, artística, humana! Em São Paulo há tremenda tensão: estive com Gil e na casa dele (apartamento) cada vez que tocam a campainha tem-se que olhar de uma vigia pela outra porta para ver quem é, pois ele tem recebido telefonemas chatíssimos e a ameaça paira permanentemente. É um inferno. Uma coisa engraçada: Torquato gosta, em geral, de coisas que ninguém gosta: aquelas minhas estruturas suspensas brancas e os quadros branco com branco daquela época, e ficou vidrado com aquele teu quadro, superfície, branco com quadrado amarelo que ele viu na casa do Mário, além de adorar o preto de linha branca que está aqui — uma semana depois ele ainda falava nisso, isto é, no quadro do Mário. Creio que está havendo uma espécie de síntese, em todos os campos, aqui, e certos valores e a reposição do que realmente vale estão sendo checados: as obras como que se revitalizam, ou, como dizia Rogério outro dia, não se limitam ao tempo em que foram criadas, como essas que a gente olha e diz: já sei, foi “daquela

época”, e as identifica com o ranço, no lugar e no tempo. Com a redescoberta desses meus desenhos, senti exatamente isto: não que eu queira hoje fazê-los ou teria querido que isso acontecesse, mas sim ver, sentir e achar coisas no que pensei já estivesse morto e enterrado. É bacana ver que não se perdeu afinal tempo algum, que as vivências se refazem e, ao aprofundarem-se, renascem umas das outras e com as outras, numa totalidade também aí.

Lygia, vou preparar o material para o Jean Clay, fotos, esta semana. Há um texto do debate que creio interessará, mas não está traduzido. Será que seria melhor mandá-lo já traduzido ou não há problema? E devo mandar para você ou direto para ele? Diga-me precisamente até quando você estará em Paris e qual o seu calendário para os próximos meses. Você irá quando à Alemanha? Espero que ainda esteja aí quando chegar esta carta.

Esta semana houve uma exposição relâmpago do Gerchman que deverá viajar domingo, dia 10, para New York, de navio cargueiro que ele arranhou em troca de uma obra. Pena que esta companhia, Netumar, só vá até N.Y. e não possua linhas européias. A exposição estava belíssima, e um texto que eu havia escrito, pesado e louco, muito bom, sobre ele, saiu hoje no *Correio da Manhã* numa página inteira: agora vou ver quanto pagam pois não estou para dar presentes para o *Correio da Manhã*, ainda mais um texto tão bom. Gerchman é muito bacana e me tem ajudado muito a arranjar coisas;

aliás sempre foi assim e o considero um grande amigo meu. A sua obra está em ponto de bala, muito mais densa e creio que ele ainda dará surpresas, inclusive aos sabotadores de sempre que diziam que ele era plágio da *Pop art* e outras as-nices. Gosto muito da piscina escrita *ÁGUA* dentro em acrílico: o acrílico fica no meio pegando toda a área e as letras formando a palavra são cavadas deixando que a água brote de dentro delas. E no *TERRA* as letras são negativos de fôrma numa caixa vermelha de madeira e a terra cobre até a borda das mesmas de modo que o cavado vem da superfície da terra para dentro. A meu ver o mais denso é uma estrutura pequena em L que tem em cada face silhuetas de cabeça: a mesma silhueta aparece numa face e depois na outra, como um desdobramento. Aí a imagem tem a força semântica da palavra. Chama-se *EU OU VOCÊ, QUAL DOS DOIS?*, mas nada está escrito, é claro, sendo que a diversidade dos materiais, fôrma preta, alumínio e preto pintado e as bordas luminosas, dão uma densidade incrível à peça. É como se cada face fosse o espelho dela mesma, distorcido dialeticamente, o que talvez lhe dê o sentido dramático que possui.

Sua carta, como sempre, genial. Esse problema de ser deflorado pelo espectador é o mais dramático: todos são, aliás, pois além da ação há a consciência-momento de cada ação, mesmo que esta consciência se modifique depois, ou incorpore novas vivências. Esse negócio de participação realmente é terrível, pois é o próprio imponderável que se

revela em cada pessoa, a cada momento; como uma posse: também senti, como você, várias vezes essa necessidade de matar o espectador ou participante, o que é bom pois dinamiza interiormente a relação, a participação, e mostra que não há, como vem acontecendo muito por aí, uma estetização da participação: a maioria criou um academicismo dessa relação ou da idéia de participação do espectador, a ponto de me deixar em dúvida sobre a própria idéia. Discuti esse problema muito um dia aqui com o Schemberg: ele acha que inclusive não existe participação ou o problema, talvez pela exagerada generalização dele em relação a isso. O que acho é que o lado formal do problema foi superado, há muito, pelo lado da "relação nela mesma", dinâmica, pela incorporação de todas as vivências do precário, do não-formulado, e às vezes o que parece participação é apenas um detalhe dela, porque na verdade o artista não pode medir essa participação, já que cada pessoa a vivencia de um modo. Por isso há a tal vivência, insuportável, de defloramento, de posse, como se ele, espectador, dissesse: "quem é você, que me importa que você tenha criado isso ou não, pois estou aqui para modificar tudo, esta merda insuportável que me dá vivências chatas, ou boas, libidinosas, foda-se você com tudo isso pois o devoro, o cago depois, e o que interessa só eu posso vivenciar e você nunca poderá avaliar o que sinto e penso, a tesão que me devora". E sai o artista estraçalhado da coisa. Mas é bom. Não se reduz a um masoquismo, como se

poderia pensar, mas é a verdadeira natureza do negócio. Engraçado, algo que vivenciei um dia, que, de certo modo, possui uma relação com isso, não sei se você achará: o ídolo, a pessoa-artista que se usa para expressar. Caetano, por exemplo, quando canta e faz tudo aquilo, é devoradíssimo, no sentido quase que físico: uma vez na saída do Chacrinha, nos corredores, vi milhões de estudantes, adolescentes, numa fúria incrível, agarrá-lo para pedir autógrafos, mas na verdade não era só para isso. O sentido verdadeiro, profundo, era o de uma verdadeira curra — Caetano reagia passivamente, *relax* como diz você, mas a coisa me apavorou tal a fúria coletiva em oposição às nobres e delicadas intenções de Caetano: um poeta, sensibilíssimo, de repente é jogado como numa arena de feras, mas feras, não animais dos quais você tem que se defender mais física do que psiquicamente, mas feras-gente, como eu e você, crianças quase, cada um a projetar sua carga psíquica de modo terrível. Coisa pior ainda aconteceu: na droga do festival da canção, nas eliminatórias em São Paulo, que assisti pela televisão, a fúria das torcidas organizadas, na platéia funcionou como a aclamação, de modo igual, só que no reverso da moeda, mas no fundo vaia e aplauso se identificam como devoração. A platéia gritava, vaiava como nunca vi acontecer aqui, a ponto de não conseguir cantar. Quando a música foi classificada, aí foi pior: a intenção intelectual de destruição como que tomou consciência de si mesma. Se Caetano estivesse ao alcance das pessoas teria sido destruído

de modo horrível: todos gritavam bicha, bicha, bicha, e jogavam objetos, pedaços de madeira nele e nos Mutantes e viravam-se de costas para o palco. Aí os Mutantes também se viraram de costas para a platéia e Caetano parou de cantar e disse as coisas mais dramáticas e profundas que já vi, não pelas palavras em si, mas pelo sentido que elas encerravam e o que representava ele ali naquele momento. Foi incrível e sabe o que me lembrou? A cena de *Napoleão* do Abel Gance diante do tribunal, com aquele *travelling* que o Gance fez imitando o movimento do mar, se lembra? Isso é que é terrível: a decalagem entre a intenção do artista, sempre nobre, etc., e a fúria da relação participativa. Creio que aquele momento me revelou muita coisa, principalmente pela aparência “bem nutrida” das pessoas, da fúria destrutiva, como se aquele momento de desrepressão fosse uma chance para a destruição, o que sempre é, em certo sentido. Mas é um bom teste para a validade da proposição: a não-aceitação passiva é mais importante do que aceitar tudo, e nessa dinâmica da relação crescem novas possibilidades, mesmo que dolorosas, mas essenciais. Creio que talvez em Veneza você tenha sentido isto em relação à obra-espectador-criador, e essa vontade de matá-lo, de afastar a tensão insuportável das pessoas, é muito importante na dialética do problema: porque *dar* não afasta o *tomar*, pelo contrário o estimula, de modo erótico também. Como diria Marcuse, libera o Eros reprimido por atividades repressivas: o *relax* da participação é uma atividade não

repressiva, o que desconcerta e libera forças realmente imprevisíveis, e nisso, creio, você calca muito a sua experiência, o que é também altamente revolucionário, é o grande problema da atualidade.

Creio que a grande inovação nossa é exatamente na forma de participação ou melhor, no sentido dela, no que diferimos do que se propõe na Europa supercivilizada ou nos EUA: há uma “barra mais pesada” aqui, talvez porque os problemas tenham sido checados de modo mais violento. Por exemplo, a sua fase preta de linha branca, ou mesmo a anterior, ou mesmo a quebra da moldura, contém uma dramaticidade *sui generis* nesse tipo de pintura, que na Argentina também não se deu pois o povo argentino, em certo sentido, é mais civilizado, mais europeu, que o nosso: o Brasil é uma espécie de síntese de povos, raças, costumes, onde o europeu fala mas não fala tão alto, a não ser nos meios universalistas acadêmicos, que não são “criação cultural”, mas sim arremedo. A criação, já mesmo em Tarsila e principalmente Oswald de Andrade, possui uma carga subjetiva que muito difere do racionalismo europeu, é o nosso “plá”, que Guy Brett soube muito bem entender e que os europeus vão ter que engolir, aliás com gosto porque estão cheios de tudo e parece que a civilização saturada está secando a imaginação deles. Nessa forma e desse ponto de vista, explica-se a liderança de vanguarda que é exercida aqui no sentido universal: o Brasil está destinado a ser uma espécie de líder do terceiro mundo, ou a

sua face mais sintetizada, principalmente no decorrer do tempo, quando se livrar dos prejuízos universalistas, do ensino e da cultura caducas, imitação européia, etc., e também política e socialmente. Mas, bote-se tempo nisso. Talvez se torne um novo país imperialista, tão terrível quanto os EUA, dominador e diabólico: tem toda a pinta para isso. Politicamente, a meu ver, é ter-se a consciência disso mas não aceitá-la como uma fatalidade e sim de modo crítico, ao menos tentar a modificação dessa estrutura pré-imperialista pensando numa outra que não tenha que ser fatalmente capitalista-imperialista. Para mim, não basta essa constatação mas também o sonho de um novo mundo para que o futuro não seja a repetição deste ou pior que este. Para Marcuse, os artistas, filósofos, etc. são os que têm consciência disso ou “agem marginalmente” pois não possuem “classe” social definida, mas são o que ele chama de “desclassificados”, e é nisso que se identificam com o marginal, isto é, com aqueles que exercem atividades marginais ao trabalho produtivo alienante: o trabalho do artista é produtivo, mas no sentido real da produção-produção, criativo, e não alienante como os que existem em geral numa sociedade capitalista. Quando digo “posição à margem” quero algo semelhante a esse conceito marcuseano: não se trata da gratuidade marginal ou de querer ser marginal à força, mas sim colocar no sentido social bem claro a posição do criador, que não só denuncia uma sociedade alienada de si mesma mas propõe, por uma posição

permanentemente crítica, a desmistificação dos mitos da classe dominante, das forças da repressão, que além da repressão natural, individual, inerente à psichê de cada um, são a “mais-repressão” e tudo o que envolve a necessidade da manutenção dessa mais-repressão. Além de Marcuse, leia algo muito bom: Frantz Fanon, um negro marroquino, revolucionário, que segundo Rogério é tão violento que Marcuse se torna um “metafísico”. Há vários livros dele, sendo que o mais famoso é *Les damnés de la Terre*, com prefácio de Sartre e que deve haver aí aos montes. Rogério está totalmente vidrado nele, como ficou Jackson quando o leu em Paris. Ainda não o li mas já está na boca de espera. Leia e diga o que achou. Rogério acha que o que Marcuse constata como filósofo, de certo modo ainda muito idealista, Fanon vivencia como um revolucionário, pela experiência mesmo: ele participou da guerra da Argélia e foi assassinado posteriormente não sei bem onde, creio que nos EUA. Confesso que tudo que sei sobre ele veio através de Jackson e Rogério, mas sei que ele influenciou muito, pelos livros que escreveu, a afluência do “poder negro” nos EUA, em todos os sentidos. Marcuse influencia mais o movimento estudantil, principalmente aí em Paris. Fanon começa a influenciar em grande escala a juventude parisiense, segundo contou o Jean-Pierre Léaud, um ator genial do Godard, sabe qual? Ele foi o ator principal de *Masculin-féminin*, *Weekend* e *La chinoise*, e, quando era menino, apareceu naquele filme do Truffaut, *Le quatre*

cents coups, se lembra? Imagine que ele veio aqui em casa, e eu ia mandar uma carta para você por ele, mas me atrasei e quando vi ele já estava embarcando para a França para fazer um filme com o Pasolini. O cara tem uma personalidade incrível. Ele veio fazer um filme com o Cacá Diegues (*O brado retumbante*) e contracenou com Rogério e Caetano. Ele adorou Rogério e disse que ele poderá se tornar um grande ator, o que entusiasmou Rogério que já deve estar para ir para Paris, a qualquer momento. Que loucura, hein? Você adoraria conhecê-lo pois ele é muito seco, inteligentíssimo, e, confesso, me lembrou muito você. Falei com ele sobre você pois ele gostou do quadro preto de linha branca — esse quadro é um verdadeiro teste de inteligência: quando alguém o nota e gosta, aí penso: bom, esse é porreta! Lygia, estou enviando também um poema, dos que estou fazendo, diga-me se gosta. Este é dos melhores — sinto necessidade da palavra, palavra-espaco-tempo, e objeto-palavra, tudo no fundo se reduz à mesma expressão só que por formas diferentes — mando também outro, que resolvi agora.

Fui ao programa do Chacrinha, servir de júri, com Nina Chaves, imagine. Parece que ela é que exigiu que fosse ou eu ou Rogério, por quê, não me pergunte, pois detesto a coluna de fofocas dela. Mas, a experiência foi genial. Chacrinha é realmente incrível, e, pela primeira vez, senti que o “público”, na platéia, é tão ator-participante quanto os que estão no palco. Há um calor comunicativo que me lembra o papel do

coro na tragédia grega, que era o representante do povo, ou da coletividade, para os gregos, mas só que aqui a sublimação deles é outra coisa: é o deslanchamento da ação sem sublimação, ultra-improvisada, contando com o imponderável mesmo. O cenário é estranhíssimo, pois parte da platéia entra pelo fundo do palco, além das ações de todo mundo do programa. Até eu entrei para escolher o melhor calouro do dia e a Nina também, mas o dela ganhou por aplausos. Foi bacana à beça. Outra coisa louca que vi ontem: a rainha Elizabeth, da Inglaterra, passou a poucos metros de mim, na rua, num enorme carrão Rolls Royce, pintada feito uma vedete ou *miss*. Batom carmim, a cara branca carnuda, parece-me sabe o quê? A *grande bicheira* desfilando de carrão, como se estivesse dizendo: “eu é que sou a boa, ouviu, seus merdas”, pois a malandragem dela é bem como a de um bicheiro — viver bem, ser admirado, e diante deles todo mundo é otário. Fiquei gostando da rainha: é como a *miss*, a vedete, etc. Velhas corocas, crianças, mães, todo mundo corria loucamente, excitadíssimo para ver a supermãe, “a mulher”, que passava. Verdadeira loucura coletiva. O pessoal da Mangueira desfilou para ela na Embaixada, e devem ter-se sentido realizadíssimos, pois se vestem todo ano de nobres, mesmo de reis e rainhas, e de repente aparece “a rainha”, imagine só que análise grupal genial! Isso é que é bacana hoje: a rainha, Chacrinha, Elizabeth Taylor, todo mundo é a mesma coisa, como se num gigantesco teatro onde tudo acontece — o consumo-teatro ou a própria

geléia geral (atenção: este termo foi criado pelo Décio Pignatari, e é muito bom, não acha?). Só não acho graça é quando aparece um chato feito Nixon na geléia — Jacqueline, ex-Kennedy, Onassis, esta é bacana: é a supermalandra. Aliás Onassis é o rei da malandragem de classe dominante: a barra dele é pesadíssima, confesso que não agüento (vide Maria Callas). Lyginha, vou encerrando por aqui. Escreva logo dizendo pra onde mando o material e vou logo preparando tudo aqui. Ok? Calendário também. Mary ficou de datilografar o texto do Mário que saiu na GAM, mas o problema é que não há meio de arranjar-se essa GAM que foi a primeira. Eu pensei que estava aqui um número, mas é justamente o primeiro que eu não possuía. Estou indagando a todo mundo para ver o que se resolve, pois na sede da revista só há parece um. Em último caso vou lá e copio lá mesmo. Vamos ver. Até logo com mil beijos. Raimundo disse que vai escrever, o que não fez porque não teve tempo: está disposto a se dedicar às atividades de cinema e prepara novo roteiro. Que ótimo, não?

Beeeeijos

Hélio

Lygia Clark.

14, Rue Cassini. Paris, 14^{ème}.

14.11.1968

Meu querido Hélio,

Acabo de receber sua carta e aqui vai uma resposta ultrarápida, pois é urgente para você os dados que te darei.

O material para o *Rhobo* que será o nº 5, publicado em seguida ao meu, você deve mandar diretamente para o Jean Clay (55 Avenue du Maine) Paris, 14^{ème}. Mande com máxima urgência pois ele tem pressa e também mande o material traduzido senão dará muita complicação, como no meu caso em que tivemos que retraduzir tudo e foi infernal, atrasando muito o número também.

Quanto ao Joelenbeck já mostrei a ele, que aqui esteve, fotos do livro do Guy Brett e ele adorou e ainda ficou mais entusiasmado quando soube que os trabalhos já estão aqui na Europa. Mande diretamente para ele fotos, *slides*, etc.: Galerie M. E. Thelen, Monsieur Kerl E. Joelenbeck. 43 Essen, Saarbrücker Strasse 36. Alemanha. É a melhor galeria da Alemanha. Mande o mais rápido possível pois o Kulterman deverá estar na minha exposição que será dia 30 deste.

Um grande abraço e depois seguirá carta com mais vagar.
Clark

.....

Lygia Clark.
14, Rue Cassini, Paris, 14^{ème}. France.
14.11.1968

Querido Hélio.

Mandei uma carta para você antes desta com os detalhes que mais te interessavam. Agora lá vai a minha resposta verdadeira a sua carta. Pela sua carta parece que a sua exposição aqui, ou, por outra, em Londres, vai sair. Não sei se você recebeu uma carta ou aviso do Guy Brett sobre o tal diretor da galeria que ele havia arranjado para você. Parece que o mesmo saiu da mesma. Não sei se a exposição sairá ainda assim, mas o Sérgio Camargo achou conveniente te prevenir. Nós não sabemos *de nada certo* mas há um mês, mais ou menos, o Guy telefonou para o Sérgio e falou que o tal diretor estava indeciso, etc., etc. Depois disso, soubemos não pelo Guy, mas pela turma da Exploding que o mesmo havia pedido demissão ou coisa parecida. O Guy te escreveu depois disso? Eu não sei *de nada ao certo* mas estamos preocupados eu e o Sérgio quanto a esse problema. Foi uma das razões por que te escrevi dizendo que se essa exposição demorasse a sair eu estava arranjando para você a Thelen. Naturalmente, mesmo que essa de Londres saia a da Thelen sairá também, dependendo do Kulterman que é o conselheiro de Joelenbeck. Quanto ao mesmo, não tenho dúvidas, pois já te disse e repito que é o melhor crítico da atualidade por aqui. Tem

Lygia Clark

.....

ótimo faro e a única condição dessa galeria é que não tenhas exposto ainda na Alemanha. Mesmo que haja alguma dúvida quanto à exposição de Londres o melhor é ficares calado aí no Brasil pois interessa muito o Itamaraty te dar os 700 dólares, tá? E poderás vir de qualquer maneira, pois o pessoal da Exploding te adora e poderás mesmo ficar na casa deles. Acho que está mais do que na hora de vires, pois isso aí foi ótimo por nos ter dado material para a nossa formação mas, quanto à obra ou ao pensamento, é o fim do mundo, um buraco, e nunca ficarás conhecido e ainda com dinheiro para fazer outros trabalhos. A meu ver é absolutamente necessário que venhas de *qualquer maneira*. Um artista como você, com a obra que tens, será reconhecido rápido e olha, no meu caso, se tivesse vindo mais tarde talvez nem tivesse adiantado nada. É a minha hora, não há dúvida, e acho que também está na sua hora. Que carta mal escrita...

De qualquer maneira, para mim, as coisas estão correndo como um rio e tudo está vindo ao mesmo tempo: Givaudan, Jeremy Fry, *Time Life*, Thelen, etc., etc.

E também dinheiro entrando avançado: mil dólares da parte do Joelenbeck e o mesmo da parte do Jeremy Fry. Quando é que no Brasil iria acontecer isso?

Isso aí é ótimo para medíocres como Scliar, Marcier, etc.

Que coisa fantástica a reação do pessoal daí contra o Tropicália! É de estarrecer pois tudo mudou mesmo em relação ao que foi o grupo neoconcreto...

O nosso grupo era pouco popular, pois era um grupo de artistas intelectuais que não tinha contacto nenhum com o povo. Nesse caso, em que o Caetano V. é um ídolo, é de estranhar! E, contra o neoconcreto, eram também artistas como nós ou intelectuais que abominavam nossas idéias. Deve estar havendo mesmo uma síntese como você me disse, pois só assim se explica essa agressividade. Mesmo que eu esteja de longe e mesmo que aí não estivesse *por dentro*, estou absolutamente solidária como se fosse comigo: filhos da puta. Aliás, estou fazendo uma série de máscaras sensoriais que lembram muito o seu *Parangolé*. Talvez pelo material empregado, pois uso uma espécie de sacos de aniagem em cor com pedras e sacos de plástico cheios. São imensas e quando se olha no interior debruça-se num verdadeiro abismo! Vivências essas que começaram quando houve a crise com o jovem da Exploding! Parecem papos de aves, barrigas de animais, e às vezes, além de máscaras, parecem mais *roupas*. Aí também lembram o *Parangolé*. Desculpe se estou te digerindo por circunstâncias do acaso e também pela visão que aprendi de ti em relação a esse material e também à própria cor!

De qualquer maneira, o mesmo problema do sensorial aí está e também do abismal e a nostalgia do corpo que há muito tempo me interessa. Mostrei ao Sérgio, que também acha que aprendi coisas com você mas que há coincidências de épocas e pesquisas. O mais difícil para mim é saber que *também me deram coisas* como nesse caso. O que eu dei nunca

foi problema para mim. Sempre achei fabuloso ter dado algo de meu trabalho para alguém se expressar mas não estou habituada a sentir que me deram como agora. O que me consola é saber que nesse momento estás muito mais maduro, não pela aceitação da própria influência, e que foi *um homem* que me deu coisas e não um irmão. Era como eu vivia o meu problema com você. Ou mãe ou irmã. De mãe, nada mais tenho a dar, mesmo em relação aos meus filhos. Já estou farta de ser sempre a mãe e também o pai. O meu diálogo agora só existe na base do equilíbrio, mas mesmo assim ainda posso me dar com alguém sem diálogo. É incrível mas é a pura verdade! O que não posso aceitar mais é alguém *dependente de mim*. Nem sei se agora não poderia ter uma boa ligação com o Schemberg, pois talvez antes eu também não o aceitasse bem porque ele me dava muito. Como a gente muda e que desencontros ou encontros fabulosos a vida nos dá! Precisaríamos de mil vidas para experimentar mil vezes mil coisas já vividas e seriam sempre experiências novas e diferentes... Estou muito curiosa do nosso próximo encontro. Muito contente com as notícias do Amado e do Gerchman. Sempre achei que ele tinha muito talento e ainda agora adoro a sua *Lindonéia*. O Antônio Dias foi morar em Milão. Dizem que está fazendo uma coisa entre eu e você... Quanto à idéia da participação, como sempre existiu, existem *artistas fracos* que não podem realmente se expressar com pensamento e portanto ilustram o problema. Para mim existe sim e é o mais

14.11.1968

importante. É exatamente essa "relação nela mesma", como você diz, que a faz viva e importante. No meu trabalho, por exemplo, desde 60 é o meu problema e, se formos mais longe ainda, em 55 realizei a maquete da casa: "Construa você mesmo o seu espaço a viver". Mas não é a participação pela participação e não é dizer como o grupo do Le Parc que arte é um problema da burguesia. Seria simples demais e linear. Nada profundo tem essa simplicidade e nada verdadeiro é linear. O que eles negam é o importante: é o pensamento. Acho que agora somos os propositores e, através da proposição, deve existir um pensamento, e quando o espectador expressa essa proposição ele na realidade está juntando a característica de uma obra de arte de todos os tempos: pensamento e expressão. E para mim tudo está ligado. Desde a opção, o ato, a imanência como meio de comunicação, a falta de qualquer mito exterior ao homem que o satisfaça e ainda, na minha fantasia, se ligando com o anti-universo onde as coisas estariam lá porque está acontecendo *agora*. Seria talvez pela primeira vez a consciência do próprio absoluto no agora. Outra coisa que muito me impressiona é a juventude que também como nós quer se dar sentido de dentro para fora em vez de ser como sempre foi, de fora para dentro. A verdadeira participação é aberta e nunca poderemos saber o que damos ao espectador-autor. É exatamente por isso que falo num poço onde um som seria tirado de dentro, não por você-poço, mas pelo outro na medida em que ele atira sua própria pedra... A

Lygia Clark

minha vivência de defloração não é bem a sua. Não sou eu que estou sendo deflorada mas sim a proposição. E quando eu choro esse fenômeno não é porque me sinto tão atingida na minha integridade como pessoa, mas sim porque escangalham tudo e aí tenho que recomeçar a construir de novo o trabalho. Ao contrário, nem ponho as minhas máscaras ou roupas e espero sempre que venha alguém para dar sentido a essa formulação. E quanto mais diversas forem as vivências, *mais aberta é a proposição* e então é mais importante. Aliás, penso que agora estou propondo o mesmo tipo de problema que antes ainda era através do objeto: o vazio pleno, a forma e o seu próprio espaço, a organicidade... Só que agora através dessas últimas máscaras sensoriais é o homem que se descobre em toda a sua plenitude, e mesmo quando ele enche os sacos de plástico (o importante agora é o fazer também a máscara) ele sente que ele está (na medida em que expele o ar e o plástico toma forma) se moldando, através desse mesmo espaço que dele sai, e tomando consciência de um espaço próprio do seu corpo que vai além dele, forma, para preencher todo um espaço ao redor dele mesmo. Eu, por exemplo, depois de formular esses grandes sacos com o meu pulmão, eu sinto quando deito no chão que poderia tocar com um simples gesto o teto do meu apartamento que tem nada menos que seis metros de altura... Quase como se tivesse criado um ovo de espaço que me pertence e me abraça. Seria o *Respire comigo* mais orgânico ainda e menos ilustrativo! O homem quando

14.11.1968

põe essas máscaras vira um bicho autêntico, pois a máscara é um apêndice dele, e não como as primeiras onde havia uma *máscara de verdade*. Viram monstros como elefantes ou enormes aves com grandes papos. Cada vez mais a frase do Pedrosa funciona para o meu trabalho: "O homem objeto de si mesmo". Você vê, a participação é cada vez maior. Não existe mais o objeto para expressar qualquer conceito mas sim para o espectador atingir cada vez mais profundamente o seu próprio eu. Ele, homem, agora é o "bicho" e o diálogo é agora com ele mesmo, na medida da sua organicidade e também na medida da magia que ele pode emprestar de dentro dele mesmo. Quanto ao problema do Caetano, é diferente, pois ele é atingido na sua pessoa mas é *um ídolo*, e é o oposto de mim, que nada mais tenho, nem mesmo de artista criadora que dá uma obra ainda total que no fundo seria o meu Eu. Perco cada dia mais a minha personalidade aparente e entro no coletivo buscando um diálogo e me realizando ainda através do espectador! E as crises, quando vêm, aparecem de uma maneira brutal, mais dolorosas ainda, mas passam mais rápido que antes... Estou procurando ler o Marcuse mas é muito difícil para mim que não tenho nenhuma cultura. O que percebi nele foi o sentido que ele empresta a Cristo na destruição do pai, autoridade, embora para mim ele, Cristo, fosse importante pela fusão do sentido religioso dentro do Homem. Evidentemente trazendo daí essa rebeldia contra o pai, autoridade, entrando aí a opção de liberdade, etc. Percebi, também, que essa minha crise com o jovem da *Exploding* me

Lygia Clark

deu esse sentido do abismal, pois vivi através dele toda a minha parte incestuosa que, diz o Marcuse, é o lado da destruição, pois no fundo é a busca do Nirvana. Vou ver se compro o outro livro pois parece que sendo mais vivência talvez me toque mais profundamente e seja mais compreensível para mim. Esteve aqui o Fernando³⁷ da Talula. Falou-me muito do Amado dos amados e me disse que minha obra era Buceta! Levei um bruto choque, pois teria sido o Amado dos amados que assim a classificaria e te confesso que fiquei um bocado danada... É brutal, mesmo que assim seja! Amém. Conversando com Fernando a respeito do seu filme que foi premiado em Locarno, cheguei surpresa à conclusão de que ele era uma pessoa inteligente! Mas depois, quando falamos do Pasolini, a respeito da sua atitude ultrafascista a respeito dos jovens, vi que não era tanto assim, pois ele justificava a atitude do P. (puta?...) através de um poema que o mesmo havia feito para justificar a mesma atitude! Poema aliás que não li, não gostei e na base em que há a justificativa, ou ele é um safado ou muito burro!

Mário deve estar chegando dia 23 e veremos se dá tempo dele escrever algo para o *Rhobo* que deverá sair a qualquer momento. Mil beijos e escreva!

Clark

P.S.: Adorei a poesia que você me mandou. Tem alguma influência do F. Gullar? Não estou certa pois quase não li a *Luta corporal*, mas é belíssimo... Adorei também a letra do Torquato Neto que tem a genialidade do rio que flui...

Londres, 24.12.1968

Lygia querida,

Estou para lhe escrever há dias, mas a loucura predomina e só agora consigo. Falei com Mário e Sérgio pelo telefone. Que loucura no Brasil, hein! Imagine que não recebo nada de lá e já cansei de escrever pedindo notícias e nada. Estou preocupado com Rogério, pois ele vem em janeiro num navio, que arranjei de cortesia, que deverá apanhá-lo em Salvador. Será que ele foi preso na tal *blitz* fascista? Torquato está agoniado pois a mulher dele até agora não deu sinal de vida, e como ele é fichado pelo Exército, desde 64, talvez a tenham pegado pra dar conta dele. É uma merda, e tive sorte em sair quatro dias antes disso, ainda mais que, na semana do negócio, saiu uma reportagem da Marisa, a cores, no *Cruzeiro*, chamada "Marginália, arte e cultura na idade da pedrada", onde apareço pendurado pelos pés numa árvore, vestido de sambista com a bandeira do Guevara (feita pelo Tozzi). Só espero que não estejam a telefonar lá pra casa, pois minha mãe anda nervosíssima com uns telefonemas que já estavam acontecendo antes; imagine agora, que estão com mais poder ainda! Merda e merda, naquele país só uma revolução violenta!

Hélio Oiticica

Estive com o pessoal da Exploding Galaxy, e conheci o Edward Pope; achei-o genial, lembra muito o Saldanha, aquele meu amigo de que lhe falei. O Pope tem uma grande admiração por você e por seu trabalho, o que muito me alegrou; até que enfim aparece gente que nos respeita e admira! O Guy é genial, gentilíssimo, e a Carol também. Hospedou-nos aqui, mas estou meio *gauche* em relação a isto e doido pra mudar, pois é demais o trabalho que já dei a ele e continuo a dar. A exposição será a 18 de fevereiro. Queria muito que você estivesse aqui. Será que vai dar pé? Afinal estamos tão perto, agora, e aqui tudo é mais fácil. Achei a comida baratíssima em Londres, nunca vi tanto assim. Vamos ver agora os aluguéis. Mas alugarei o mais mixa que houver. Se você vier até aqui é claro que ficará onde estiver; vamos ver. Mário disse que pretende vir, mas havia problema de dinheiro. Estou escrevendo artigos para o jornal *O País*, pelos quais receberei 60 dólares. A Embaixada deu-me 410. Com mais 80 que tinha trazido, creio que dá pra agüentar dois meses, sei lá. Há um sujeito querendo comprar coisas minhas; aí, sim. Estamos arranjando dinheiro para construir novas coisas, ainda pra exposição. Tenho muito que fazer aqui, inclusive consertar coisas estragadas, o que me enche o saco. Fui a um espetáculo onde uma mulher tirou toda a roupa na platéia, e não foi presa, apesar de haver polícia. Depois apareceram o John Lennon e a Yoko Ono que entraram num saco branco, germinante, e lá ficaram muito tempo, fazendo alguns movimentos que re-

fletiam na estrutura por fora. Achei bonito, como um ovo-útero. Gostei também do disco que eles fizeram juntos e onde aparecem inteiramente nus na capa: Torquato comprou-o aqui embaixo na livraria Indica, que é a única a vender o disco tal como foi feito. Um crítico, Paul Overy, que já escreveu a nosso respeito (o Guy me mostrou), aliás coisas ótimas, pondo-nos acima de Le Parc e cia., conhece a Yoko e vai nos apresentar a eles. Estou louco pra conhecê-los, pois o Lennon tem muito a ver com muitos dos problemas que procuro er-guer. Gilberto Gil virá a Londres bem na época da minha exposição, isto é, se não estiver preso (disseram que Caetano está, será verdade?, pois nos jornais que li na Varig nada consigo saber, estão censurados!). Mas Gil vai a Cannes para o festival da MIDEM, representando a Philips, e então daí virá pra cá. Creio que ele fará uns *shows* em Paris, aliás era o que estava planejando quando saí do Rio. Gerchman viria, mas a Ana Emília Beltrão me disse que ele escreveu dizendo que pretende ficar em N.Y. Lygia, mande-me o endereço da Sônia, sua irmã, pois quero mandar um cartão pra ela. Ela me ajudou muito nas vésperas de partir, pois a peste da Vera Sauer queria trancar o dinheiro que a Embaixada me daria, argumentando que eu estava querendo vir pra cá antes da hora e que só mandaria o tutu uma semana antes da exposição; telefonei pra Sônia e ela logo falou com a irmã do Magalhães e o Donatello me atendeu prontamente, e mandou a ordem relativa a uma passagem de ida de avião; o resto vai mandar

quando estiver marcada a data da exposição, o que já está. Em todo caso foi melhor do que nada, mas imagine você o meu nervosismo com tudo isso, pois já estava com a passagem de navio comprada. Foi o José Lima que fez intriguinha com aquela vaca malhada, aliás bem informado que estava por Jackson e Rosa, que nada têm a fazer a não ser falar demais o dia todo e atrapalhar toda coisa que se tenta fazer. São uns chatos e não escreverei uma linha pra eles. Amigos assim, passo. Estou mandando um cartão do Ucello, pois sei que você o adora, mas na Galeria de Arte de Londres há aquele outro genial das lanças: incrível o sentido de espaço; lembrei-me o tempo todo de você; pena é que só tivessem cartão deste outro e não daquele; mas este também é belíssimo, pois tudo possui uma virtualidade espacial impressionante, com muita ambivalência, o que supera de muito a própria época em que foi feito. Soube do seu sucesso na Alemanha, pelo Mário, o que adorei: vi aqui o catálogo com aquela foto fantástica: você é considerada hoje uma das maiores do mundo, pelo menos aqui em Londres, por todo mundo — e é mesmo, isto já sabia eu há muito. Valeu a pena todo o sacrifício, enfim. Eu, confesso, estou cansado de quebrar pedras — realmente só vou fazer esta exposição como uma nova experiência em si, mas dizer que acredito em arte, exposições, etc. seria negarme, pois não acredito mesmo —, estou farto, dá muito trabalho e a vida é muito curta. Adoro fazer coisas que nem pretendo que sejam nada, mas detesto promovê-las, impor-

me aqui, acolá, etc. Não tenho saco pra isso, apesar de sentir certo prazer quando vejo alguém gostar do que fiz, como o Guy ou você, ou Medalla. Creio que realmente só pode gostar ou sentir quem pensar do mesmo modo; o mais é conversa. Estou interessado é em descobrir a marginália londrina. Aliás no navio a loucura foi total, pois eu, Torq., Gina (uma belga filha de embaixadores), os marinheiros e alguns oficiais subversivos queimamos muito fumo, e eu trouxe uma mutucona do Rio. Na hora de desembarcar morri de medo de que me revistassem, mas nem malas abriram — a mutuca estava nos culhões e eu mal conseguia andar. Deprimente, mas genial pois não precisarei gastar dinheiro aqui com isso: aqui parece que é caro. Estou planejando uma festa louca de Ano Novo, com os marinheiros do navio, a Lilian Lijn³⁸ (estive na casa dela no aniversário dela, achei-a ótima!) e quem mais aderir à loucura. Ha! Ha! Ha! Imagine que a tal galeria é no lugar onde o Jack Estripador fez aqueles crimes geniais, misteriosíssimo à noite, o próprio *bas-fonds* de Londres. Gostei muito da casa da Exploding Galaxy; é do Paul Keeler. Pena é que o Medalla tenha viajado para a Índia; não há meio de conseguir encontrá-lo pessoalmente. Ele deixou recado pra que eu vá pra lá: mas, com que roupa, eu vou, ao samba que você me convidou? Com que roupa? eu vou, ao samba que você me convidou? Keeler telefonou, disse que daqui a pouco vem aqui, pois acaba de chegar de Paris: este é o próprio Dr. Jekyll e Mr. Hyde, mas em matéria de malandragem sou

mais do que ele, com vampirismos inglês e tudo. Hahahahahahahahahahaha aaaaaaaaaaaaaaaaaa iiiiiiiiiiiiiiiii
oooooooooôôôô uuuuuuuuuuuuuuu.

Queridíssima Lygia, minha única paixão, desejo-lhe maravilhoso Natal, Ano Novo e todo esse babado, e quero que você continue cada vez mais botando pra quebrar — chega de otários nessa Europa infecta. Agora é que eles estão vendo o peso da sua barra, que é ultratropicália e não é conversa pra intelectual ou boboca *aficionado d'art*: é culhão e barriga. Vou terminando pois o Torquato vai agora ao correio, e está impaciente, depois de dormir mil horas.

Beeeeeeeeiiiiijos mis mis mis (não van der roe) mas beijos reais, hahahahahahaha.

Hélio

.....

Londres, 18.4.1969

Lygia meu amor,

Aproveito a ida da Raquel Braune (ela é quem consegue tudo para mim na Embaixada aqui, e deseja muito conhecê-la pois trabalhou para sua exposição na época da Signals) para Paris para lhe dizer sobre os planos com o Clay; ele me telefonou, vaguíssimo como sempre, e não sabe de nada, inclusive pensava que o Mário ainda estivesse aí quando há três semanas está no Rio. Disse a ele que seria preciso a minha presença aí, pois os textos estão quase todos datilografados em inglês, mas tenho certeza de que farão mil burrices ao traduzilos. Aproveitei alguns que já havia escrito para o *International Times* (IT) e acrescento outros ultra-inéditos e sensacionais, como o da Hermaphrodipotesis (Mário gostou muito). Os não inéditos são informações sobre Tropicália. Isto, eu quero lhe explicar e quero que você o convença da necessidade de publicar a coisa inteira sobre o fenômeno Tropicália, onde incluo outras experiências além da minha, desconhecidas aqui, com música e tudo (Gerchman, L. Pape, R. Amado, A. Manuel, Lanari, Caetano e Gil, etc.). Não tenho interesse em aparecer desligado disso — prefiro nada fazer se for o caso. Se ele for esperto e inteligente fará uma edição inteira sobre isso,

Hélio Oiticica

.....

em vez de colocar tanta coisa com outras (no seu número só o que há de bom é o seu trabalho, essa é que é a verdade, pois aquelas entrevistas com Takis³⁹, Lilian Lijn, etc. são o fim). São informações preciosas para ele. Inclusive, explique a ele que estou reservando com prioridade uma série louca de fotos que ampliei com o Guy; tenho convite do *Studio International* para escrever artigos e se ele não anda depressa, sairá lá antes. O que não quero é ficar com indecisões por parte dele. O que não posso também é gastar dinheiro em Paris por isso, pois há dias em que mal como para economizar, aqui. O Guy comprou um carro e quer ir comigo para aí — portanto passagem já tenho. Há a possibilidade de ter lugar para ficar na casa do Peter Goldman (um cineasta *underground* famoso), que não conheço mas vou por um amigo meu, Stanley (compositor) — mas talvez não dê certo, não sei. Acho que já que vou trabalhar para eles o *Rhobo* deveria pagar ao menos pela comida, morou? Diga-me o que acha e converse com o Clay. César, meu irmão, escreveu dizendo que pode mandar um dinheiro, pois está cheio dele, mas não posso gastar muito com nada, pois assim que meu “teto” descer de um nível, mando-me para o Rio. Joelenbech não telefonou. Tenho planos ótimos que estão nascendo para ele. Será que ele é papo furado, ou não? Lygia, converse com o Jean Clay e diga que posso ficar quanto tempo ele quiser, se houver alguma ajuda financeira, eu pagino e faço tudo. Principalmente supervisionar as traduções, o que é mais importante,

8.4.1969

ok? Pode mandar tudo pela Raquel, pois ela volta na terça. Mostre coisas a ela, pois é simpaticíssima e faz sempre questão de ajudar quando preciso. Lygia, talvez semana que vem então eu vá, conforme o caso. O Guy está louco para ir logo.

Mil beijos.

Hélio

Londres, 18.4.1969

Lygia,

Raquel, louca, perdeu tudo quando foi e não entregou a carta, por isso reescrevo aqui; há pessoas que se oferecem para levar coisas e atrapalham tudo, pois agora estou mais atrasado e mando expresso.

Como lhe disse o Clay telefonou, vaguíssimo como sempre, e não sabe de nada, inclusive pensava que o Mário ainda estivesse aí quando há três semanas está no Rio. Diga a ele que seria preciso a minha presença aí, pois os textos estão todos datilografados em inglês, mas tenho certeza de que farão mil asneiras ao traduzirem, e é imprescindível que se faça uma supervisão na tradução. Aproveitei alguns de informação geral que havia escrito para o *International Times* (IT) e acrescento outros ineditíssimos e sensacionais, inclusive o da Hermaphrodipotesis (que Mário leu e adora) — os não inéditos são informações sobre Tropicália. Há também sobre *Apocalipopótese*. Isto, eu quero que você explique a ele o interesse e a urgência de publicar tudo sobre o fenômeno Tropicália, sobre o movimento em si, como se deu no Brasil, com informações sobre tudo, fotos, etc., incluindo música, teatro (Caetano-Gil-José Celso-Glauber), artes plásticas e *Apocalipopótese* (L. Pape, Rogério e o conceito de probjeto,

Lanari, A. Manuel, Gerchman), filme de Raimundo (vou escrever pedindo fotos do filme urgente, mas se não chegarem tenho *slides* do acontecimento onde Raimundo filmou e faço preto e branco, etc.). Não tenho interesse em aparecer desligado disso — prefiro nada fazer se for o caso. Na verdade ele deveria fazer uma edição inteira chamada Tropicália, a nova imagem. Que é o título do tópico de informação. São informações preciosas para ele. Inclusive diga que estou reservando uma série de fotos impressionantes para ele, que ampliei com o Guy. Tenho convite do *Studio International* para escrever artigos, mas quero reservar prioridades para o Clay, mas ele tem que andar depressa senão não dá pé. O problema como sempre é questão de dinheiro, passagem — irei de carro com o Guy (ele comprou um novo e quer ir comigo) —, lugar pra ficar: talvez Ceres, ou Peter Goldman (um cineasta *underground*), e ainda me lembrei do Jean-Pierre Léaud (aquele ator do Godard em *Weekend, Masculin-féminin, La chinoise*, etc.) que esteve em minha casa no Rio — portanto apenas uma ajuda de custo para me movimentar, pois afinal o *Rhobo* é vendido e não posso badalar em Paris gastando meu tutu, que é pouco, a não ser que César mande mais como prometeu (ofereceu, aliás) — pois aqui, confesso, há dias em que mal como para economizar. Há a possibilidade de eu ficar numa universidade inglesa onde pagam e ainda dão *studio* por seis meses, pois tenho muito trabalho a fazer ainda por aqui. Mas, este assunto de Paris ou decido agora ou nunca. Joelenbech não telefonou. Tenho planos ótimos que estão nascendo para ele. Será que ele é papo

18.4.1969

furado, ou não? Vou pedir ao Charles Spencer para mandar um *Art & Artists* para você, pois saiu meu artigo, “A descoberta do crelazer”, com muitas fotos e tudo, e ainda um editorial dele comparando-me com o Caro (que é mito aqui) e colocando-me como algo novo em relação à posição do Caro, que ele considera velha, representante da arte “ocidental” burguesa, etc. Veja que loucura. O artigo tem coisas interessantes, mas ele peca no lado filosófico, quando mistura tudo, e identifica impermanência da obra-objeto com não-burguês, e vice-versa, o que não é absolutamente certo, pois há mil exceções e contradições para tal. Mas, com isto, me deu um cartaz definitivo, que é comentado por toda a Inglaterra. O meu artigo saiu bem, mas com um erro, pois em vez de *licit* escreveu *illicit*, em relação à “recuperação dos sentidos”, o que é uma burrice e um erro grave; mas vão corrigi-lo no próximo número.

Lygia, mil beijos e vou colocar isto rápido no correio — escreva rápido com o Clay pois até domingo tenho que decidir para onde vou: ou para o campo, ou para Oxford ou para Paris. Estou de cama esses dias com uma terrível inflamação nas glândulas de caxumba (mas não é caxumba que tenho, e sim uma infecção louca, e tenho que tomar quilos de antibióticos).

Beijos, beijos
Hélio

Londres, 7.6.1969

Lygia,

Ao chegar encontrei aqui a resposta do Coppola⁴⁰ à nossa carta. Mando aqui a fotocópia e a tradução para que você leia. Para isso e por isso é que escrevo.

Como vê, o simpósio é sobre *arte do tato* (era *touch* e não *gouch*); obviamente tudo o que for levado será importado, e é uma chance genial para você apresentar suas *Arquiteturas biológicas*, que são as coisas mas avançadas que vi nesse campo. Assim que receber esta telefone-me ou mande carta, pois tenho que responder ao tal cara e digo logo tudo.

Pela carta pode ver o que será isso; fico contente em ver que não estamos tão isolados do mundo. Pense bem no que deseja fazer e de que modo. Tenho algo a lhe dizer e vou separar por assuntos:

1) Resolver se vai só, diretamente de Paris, ou se vamos juntos, de Londres. Se vamos juntos, obviamente terá que ser de Londres, pois é mais perto; seria ridículo pedir que me dessem passagem para Paris, para daí seguir para Los Angeles. Quero que você pense nos prós e contras. Eu, pessoalmente, adoraria ir com você, e como deveria saber sempre procurei ajudar na compreensão de seu trabalho (artigos, conferências,

etc.) muitas vezes botando até de lado outras coisas. Você, pelo que vi aí em Paris, não acha o mesmo. Aquele dia, depois que saí da casa do Le Parc, chegara mesmo à conclusão de que seria impossível ter alguma ligação de amizade como antes, com você. Depois, pensando, vi que são cúmulos de mal entendidos, desconfianças, competição pueril, toda sorte de argumento muito pequeno, dos quais me livrara definitivamente aqui em Londres, e pelos quais não me desejo envolver nunca mais. Pensei em coisas que acho importante dizer aqui para aclarar de uma vez tudo isso: esse negócio de sempre comparar meu trabalho com o seu, tentando *diminuir o sentido profundo do meu*, me irrita e na realidade não existe: no meu trabalho posso estabelecer relações *a posteriori* ou não com o seu, mas nada devo a ele, nada devo a *ninguém* — sei o que faço e penso, por isso há anos escrevo para deixar tudo claro, por isso também não posso admitir e aceitar toda sorte de *interpretação diminutiva* que queiram fazer; isto, é óbvio, não implica em discutir problema, em assumir críticas, como o fiz com o Pope aqui (foi a única pessoa que me fez alguma crítica que me interessasse, durante a exposição). Há alguns anos minha evolução tomou um caminho que só eu percorro; impossível seria alguém fazer o que faço, ou muito menos influenciar-me em “como pensar” ou “como agir”, por isso também não entendo sua insinuação de que Mário tenha transmitido alguma idéia a mim, sua ou dele, etc.; realmente infantil isso tudo e ridículo; quem ler meus artigos, desde

7.6.1969

Parangolé até agora, principalmente a série do *Eden*, *Crelazer*, *Hermaphrodipótese*, *Barracão*, etc. verá que não minto e que neles há imagens e idéias para explorar durante muito tempo; respeito Mário, mas jamais me deu nada, essa é que é a verdade, em relação à idéia para obra, bem entendido; minha grande dificuldade e qualidade têm sido a de sempre me manter fiel ao meu pensamento e não fazer concessões a ninguém; perdi amigos, perdi muita coisa, mas nunca deixei de fazer o que quis, o que *só eu posso fazer*; além disso, procuro sempre defender e valorizar coisas que me dizem algo, como o seu trabalho (principalmente ele, prova disso: os milhares de artigos que escrevi até hoje, publicados, fora o que não o foi). Essa merda de competição, da qual você me cita o caso Soto-Le Parc, penso assim: não pertence a meu mundo de pois que formulei a idéia de *Eden*, e *Crelazer*: é coisa velha, do passado, pertence à classe de *pensamentos corruptos*, opressivos, que são a contradição do que quero com o *Crelazer*. Descobri por mim mesmo que não é uma coisa essencial do homem; apenas um estágio, se se quiser, e muito baixo, do seu desenvolvimento: quem precisar da competição “para fazer algo” está fora do que quero; pertence à categoria capitalista-opressiva que precisa eternamente se envolver em competição “por dinheiro”, que é a única justificável, nesse caso. Isso tudo pensei pois para mim a idéia de objeto-arte vendável é coisa do passado — objeto-arte não existe hoje para

Hélio Oiticica

mim, escrevi muito sobre isso e é uma posição real a que devo ser fiel; quero um *novo comportamento*, integral, que exclua toda sorte de idéia corrupta, pequenez de “mundo de arte”, classe social (diferenças), intolerância com pessoas nas relações, etc. Hoje não excluo ninguém, a não ser as pessoas que automaticamente se excluem por serem opressivas; quero de verdade uma transformação total das coisas, fundamentada no comportamento individual; tudo o mais é infantilidade e mesquinha, vedetismo, intelectualismo excessivo, preconceito burguês. Digo isso tudo a você porque lhe tenho admiração, sempre respeitei suas idéias, seu trabalho; jamais distorci sua imagem como o fazem comigo, principalmente aí: fizeram uma espécie de “folclore” meu: sou paranóico, decadente, maconheiro, etc. são as informações que sempre correram aí a meu respeito; meu grande pecado: não conceder no que sou; quando me diziam: não vá à Mangueira. Pensava eu: não digo nada e vou, pois adorava; de repente, aqui, tudo o que era “pecado” virou virtude; tudo o que de folclore me retratavam foi posto abaixo, porque em lugar do maconheiro e decadente descobriram uma pessoa inteligente e criadora. Nada disso me amola demais, agora, mas o que me aborrece é saber que “pessoas amigas” foram as primeiras a fazer isso. Não a culpo por isso, mas quero que pense em que poderia ter contribuído para esse folclore; se lhe conto coisas é porque somos amigos, e mais do que isso, você bem o sabe, e fico sem-

7.6.1969

pre ansioso em lhe comunicar algo para compor uma situação minha total; por isso não entendo como você joga a coisa em termos de fofoca pessoal, tal como citar o que Galvão disse ou não à Aspasia, etc. Também me disseram muita coisa que jamais joguei desse modo, principalmente na presença de terceiras pessoas, pois o fazendo seria como se estivesse incorporando a informação como verdade — com isso há uma distorção intencional de tudo. Escrevo isso tudo aqui porque são coisas que verifiquei, e, se vamos juntos, o que muito me alega, é preciso que o ponha agora a claro. Esta relação de desconfiança mútua não me agrada, é ridícula, mas, sei que é mais profunda, por isso sei que pondo tudo assim é melhor e resolve muita coisa. Na verdade me senti bem infeliz em Paris; não vejo grandeza em nada; Jean Clay sem dúvida é o melhor de todos, pois sabe ficar bem frio e impessoal às fofocas reinantes; mas, como sempre detestei mundo de arte e artista demais junto, achei tudo uma boa merda. Sei que esta experiência em Long Beach pode ser importante; quero ajudá-la mesmo a comunicar tudo o que pensa, a introduzir seu trabalho às pessoas; mas exijo confiança absoluta no que puder fazer por você; posso muito: falo inglês, conheço sua obra, jamais distorço o que pensa. Portanto, essas três coisas já são o bastante para justificar irmos juntos. Além disso, sua companhia é sempre motivo para conversas profundas, sérias. Mas, do jeito que estava em Paris (saímos algumas vezes

Hélio Oiticica

tão bem, como naquela noite por Saint-Michel) não dá pé; pense bem, meça as coisas e veja se não tenho razão.

2) Tenho que responder esta carta o mais rápido; se quiser escrever, traduzo e mando, e lhe mando a cópia da tradução, etc. Tenho que perguntar ao cara se é tudo realmente por conta deles, ou não. Não posso gastar um tostão nessa coisa, esse sempre o mesmo problema. Nem roupa tenho, por isso ainda terei que comprar algo aqui. Sérgio me avisou que a vida está bem cara por lá. Levarei *slides* para projeção e o que puder, como aquela faixa preta (estou possuído) que está com o Guy. Não sei o que mais poderei fazer; talvez escreva um texto para ler lá, ou proponha fazerem os *Ninhos*. Sei lá. Tenho apenas três semanas para aprontar tudo. A viagem é bem longa: 6 horas de Londres a New York + 6 horas de New York a Los Angeles. Mas, creio que vale a pena. Sei que suas experiências terão uma receptividade enorme por lá, e pra você é importante agora jogar tudo para fora desse círculo mágico parisiense.

3) Conclusão: até o fim da semana espero ouvi-la (escreva, pois por telefone não se sabe nada); estarei aqui o tempo todo, exceto segunda (dia 9) que devo ir a Sussex com o Guy para acertar minha estadia lá. Se encontrar Jean Clay ou Le Parc, diga que estou aprontando o depoimento para a tal reunião, dia 16, sobre a Bienal de São Paulo.

Um beijo

Hélio

.....

Lygia Clark.

Cité des Arts. 18, Rue de L'Hôtel de Ville. Paris, 4^{ème}.

10.6.1969

Caro Hélio,

Recebi sua carta ontem junto com a cópia do Coppola e acho que evidentemente devemos ir juntos daí de Londres, pois somos os únicos brasileiros convidados para o tal simpósio. Gostaria de saber, e não sei se você poderá, ao escrever a ele, perguntar como farei para levar algumas peças: *Roupa-corpo*, *Nostalgia do corpo*, *Respire comigo* e também gostaria de propor lá *Au bon marché* que realizei na Alemanha. Naturalmente levaria também o que estiver pronto das *Arquiteturas biológicas* o que por ora é pouca coisa. Será que poderias, respondendo, perguntar isso para mim?

Vou fazer um apanhado geral de sua carta que achei por um lado clara e por outro muito confusa.

Nunca tentei rebaixar o seu trabalho pois se não te achasse importante não faria *nada* que pudesse ajudá-lo como tenho feito *sempre que posso*. Se procurei deixar claro a diferença entre nós dois é porque acho importante que, embora façamos coisas parecidas, tenhamos uma diversidade de pensamento. Aliás isso sempre foi a minha posição ao discutir com

Lygia Clark

.....

Pedrosa ou Clay ou mesmo com você. Se você se sente diminuído com isso, *não transfira para mim seu problema*.

Quanto ao terreno fofoca, paranóia, vedetismo, etc., etc., nada disso é comigo e torno a te dizer: se te falei aqui claro todas as vezes que foi necessário, é que sempre digo a você, na frente, o que acho, dado o respeito que tenho por você, em vez de sorrir como os outros (no dizer de você mesmo) e tentar trazer você para uma *comunicação real*. Mas estou um pouco cansada de tudo e peço encarecidamente a você que não toquemos nunca mais em tais assuntos pois de nada adiantará, e pelo visto você como sempre esquece as coisas importantes para sempre se queixar de mixarias ou disse-me-disse-que, etc., etc.

Já passei para o 3^º andar e estou melhor pois aqui não há barulho de música e dá de frente para o Sena! Tem também árvores, chão e terra, o que muito me equilibra, pois o espaço lá do 4^º andar era uma espécie de precipício em volta do meu apartamento...

Essa carta é rápida, pois tenho que a pôr no correio hoje mesmo e espero que me mandes resposta dessa e também do Coppola, tá?

Um beijo para você.

Clark

Londres, 20.6.1969

Lygia querida,

Recebi sua ótima carta agora pela manhã; tudo genial; Guy chegou e nos encontramos num café de sempre, em Soho, e ele estava entusiasmado com suas novas experiências, confirmando tudo o que pensara; ele tirou fotos e estou doido para vê-las; mas, a lentidão impera aqui: tudo leva séculos pra ser feito, tudo é longe e a comunicação entre as pessoas quase que total — é um milagre ter pessoas como Guy, realmente, pois ele possui essa “simpatia” (num sentido profundo) para com as coisas, na maneira de ver, pegar, sentir. Outra coisa que é importante nele é que quando acredita em algo leva até o fim, sempre, essa espécie de entusiasmo inicial, que é importante, pois não há o tal “envelhecimento” na apreensão da coisa e sim uma espécie de disponibilidade sempre renovada; nisso o Guy é mestre, e por isso pode apreender tão bem suas coisas, principalmente estas que são um apelo ao que é “disponível”, livre e para cuja apreensão pedir-se-ia um estado “livre de pensamentos corruptos” — não seria nada de “estado infantil”, apesar das relações óbvias, mas a “consciência de que há algo que se propõe e se pode manifestar fora de um estado repressivo”, de imediato, “ao alcance da mão e do

Hélio Oiticica

corpo”. Conversei muito com o Guy sobre isso e os olhos dele pareciam luzir com as idéias — foi ótimo ele também ter saído um pouco desse círculo fechado daqui; pretende voltar a Paris quando estivermos de volta dos EUA, digo estivermos de volta porque em vez de vir para Londres irei para Paris, *chez Desdemone*⁴¹ (ela está aqui e combinamos), e lhe explico: o troço de Sussex saiu já (estive lá com o Guy, antes de ele ir aí — é um lugar lindo, pertíssimo do mar, no sul, e mais ensolarado do que Londres), mas só na terceira semana de setembro, quando começam a funcionar as universidades, e dão-me a bolsa até 13 de dezembro: dão-me 200 libras (2 mil cruzeiros novos), *studio* e material para fazer o que quiser, sem obrigação de dar aulas ou conferências, além da liberdade de sair quando quiser para Londres, ou para a praia, etc. Adorei, mas surgiu esse problema terrível de como esperar dois meses; aqui na casa do Mark não dá pé: foi uma burrice eu ter voltado, apesar de ele dizer que muita falta sentiu, etc. Sinto que tem uma ansiedade em saber quando parto de vez etc., pois já estou aqui desde janeiro, e chega. Escrevi para o Rio; César ainda me mandaria dinheiro, e somado ao que tenho daria, forçando muito, para esperar até lá; mas, pagando aluguel seria mais difícil, por isso pensei nessa possibilidade, oferecida pela própria Desdemone; Ceres ficará louca de ódio, mas paciência, pois já fiquei lá um mês e ela bem que já começara a dar bastantes indiretas, pois fui para ficar uma semana; veja só que merda infernal, e isso desde dezembro;

estou cheio; pensei mesmo em voltar ao Rio com a passagem de volta de Los Angeles, mas, pensei bastante, e prefiro lutar um pouco mais e aproveitar a primeira oferta que me fazem como esta da universidade. Agora conto algo: do dinheiro que me darão lá, a metade terá que ser para comprar passagem de navio de volta para o Rio, pois o Itamaraty não me dá um tostão mais, apesar de ter o Donatelo prometido. Antônio Olinto esteve lá e voltou contando (Raquel Braune me disse confidencialmente) que estou na lista negra do Itamaraty; sei, é claro, que o próprio Antônio Olinto fez sua intriguinha pessoal, por causa do caso Embaixada-*Observer*-Caetano que causou todo aquele escândalo aqui e lá, e ao qual ele me atribui culpabilidade; na realidade quem incitou o ódio do *Observer*, e bem feito, contra a Embaixada aqui foi o Paul Keeler, e acho ótimo que o tenha feito para desmascarar imbecis como o Olinto; Guilherme e Paul foram lá e pediram apenas que entrevistassem a Embaixada sobre a possibilidade de trazerem Caetano e Gil para cá; Olinto, burro, começou a dizer que os dois não eram dos mais conhecidos e importantes, e depois disse algo pelo telefone e outra coisa quando foram lá — ora, pensa ele que um repórter do *Observer* (e era uma mulher diabólica, neta do Toynbee, um historiador famoso, imagine) é feito repórter brasileiro, que dizem uma coisa agora e desdizem daqui a pouco, etc. Ela mandou brasa nele, e depois Olinto escreveu uma carta primária e ridícula que o *Observer* publicou dando uma tremenda gozada; além

disso, sem caráter, pois diz coisas sobre Caetano que sabe que não são verdades, como a de que ele está preso por ofensas à moral pública, etc. Por aí você vê a mentalidade reinante na Embaixada aqui. Outra coisa: vão mandar as minhas obras porque assinaram um papel, antes, do qual não podem fugir; mesmo assim o Olinto achou que os *Ninhos* estavam encarecendo muito o transporte (imagine que não desarmam, por burrice do carpinteiro) e se recusa a enviar quatro das seis peças, pois têm espaço vazio e custam muito. Ofereci então a Sussex, pois em vez de construir lá, só pagam o transporte desses de Londres para lá, que sai barato, mas ainda não responderam. Raquel Braune telefona toda a hora; estou cheio, e com vontade de fazer algo, que seria então um escândalo: jogar essas peças no Tâmis, com a presença de fotógrafos, etc. (Desdemone já disse que quer exclusividade) e dizer: eis o destino dos artistas no Brasil, e dar um depoimento completo desse caso; será um escândalo mundial — mas confesso que me sinto deprimido realmente com toda essa situação de merda; a primeira vez que algo é feito por mim (os *Ninhos* foram as coisas mais caras construídas pela Whitechapel, em material e mão-de-obra) tenho que jogá-los fora, apesar de o Guy estar ansioso dizendo que faz questão de armá-los na casa de campo dele; bem, talvez seja a solução, dependendo do que me escrevam de Sussex. Por aí você vê que a coisa aqui não está nada fácil, além da dificuldade de comunicação com as pessoas; por um lado a experiência importa muito, pois ao

menos não se está na fossa irremediável no Brasil, mas voltar é importante na hora exata; para mim, creio que será dezembro mesmo; onde encontraria eu elementos para realizar essa experiência do *Barracão* que quero e é imprescindível para mim? Só lá, e no verão; no momento, nesse mês, parece um espaço vazio que se abre aqui, e sinto-me morrendo; só o agüento por causa dessa possibilidade que surgiu em viajar no início de julho; sei que esta experiência será importante para nós dois; será um modo de comunicar coisas em grande escala, num contexto tão eufórico; estou escrevendo um texto e ontem fiquei até tarde, cansadíssimo, mas consegui formular coisas bem importantes. Estou ansioso pela resposta do Coppola, com as passagens e tudo; você deveria vir alguns dias antes; sabe, Edward Pope apareceu, ótimo, pois creio que essa coisa de morar em Oxford, como ele está fazendo, e vindo aqui de vez em quando, foi muito bom para ele; está superinteligente, mais do que antes, genialíssimo, e passeamos tanto, ontem, que cheguei à conclusão que me deu mais forças; nunca vi uma pessoa tão bacana assim, pois tem uma disponibilidade eterna para tudo; lembramos você o tempo todo, a cada lugar que íamos, e por isso pensei que você devesse vir para ver coisas um pouco antes, quando mandarem as passagens, é claro; essa semana que passou fez um sol tão incrível aqui (agora está chovendo, mas Londres é linda sempre) que todos foram para os parques, onde há cadeiras lá para serem usadas (daquelas da Praia da Rasa), e as pessoas

ficam tomando banho de sol na grama, etc., vestidas da maneira mais genial sempre, pois improvisam segundo a vontade pessoal; descobri isso aqui — a vestimenta não responde a um padrão social mas à vontade de cada um; talvez só em Londres se possa sentir isso. Agora, Guilherme tem razão quando diz que em Paris, mesmo se estando só, não se sente a solidão daqui; tudo questão de comunicação entre as pessoas; isso o que Guy e Pope devem sentir em relação a nós: uma possibilidade de comunicar sem esforço externo-interno — e em certo sentido é o que os faz viver mais e florescer. Edward trouxe algum lixo para cá, e tem um material, espécie de juta laranja, que disse a ele você adorará, por isso separei para lhe dar — puxa, como estou louco para voltar ao Rio, pois lá podia catar coisas e levar pra casa, ao passo que aqui tenho que fazer um pouco às escondidas! Ontem eu e Edward nunca vimos tanto lixo genial pelas ruas.

Lygia, creio que quanto ao seu problema pessoal, não deve tomar resolução nenhuma agora, pois esta viagem abrirá uma outra visão para você, e novas perspectivas podem surgir — deslocar daqui para lá é um desafio importante e confio nele; o que é horrível tanto para você quanto para mim é apodrecer no mesmo lugar, ou tentar raízes em terra estéril; cheguei à conclusão de que cada experiência deve ser feita quando as possibilidades existam num determinado contexto; quando não existem é porque não podem ser feitas e aí, então, bater na mesma tecla é loucura; sei muito bem que depois de de-

zembro tenho que voltar; não me importam compromissos ou não; também não quero demais me misturar nessa ansiedade internacional do Gerchman e Jean, que procuram algo, pois já não procuro nada — creio que o sentido de disponibilidade é importante e novo, e nisso suas coisas e seu pensamento me interessam muito, pois são dos poucos que possuem isto —, por isso me cansa o “mundo da arte”, e muita gente pensa que é esnobismo, mas é que realmente não me interessa. Creio que há experiências muito mais importantes e ambiciosas, no desconhecido de cada um, para serem feitas; sinto uma terrível perda de tempo ao ter que participar dessa espécie de entusiasmo em planos aqui e acolá, exposições e promoções chatíssimas, e me recusarei muito mais em participar de tudo o que me der perda: muita energia para coisas que interessam é perdida nessa euforia superficial — prefiro nesse caso explorar o desconhecido sempre. Pense em tudo e escreva; não escrevi a Gerchman sobre essa nossa ida aos States, pois sei que nos prenderão em várias coisas quando chegarmos a New York. Penso que quando voltarmos poderemos vê-los; mas na ida, creio que seria bem dispersivo parar lá; além do mais vou com pouquíssimo dinheiro para parar mesmo que por alguns dias em qualquer lugar; diga-me o que acha de tudo; estou colhendo endereços de gente interessante em Los Angeles para convidar para o tal simpósio. Está em cima da hora. Reformei aquela faixa “estou possuído” preta, pois estava descosida; estou fazendo algo novo que havia

planejado para o *Eden* e não havia feito, um saco, como a cama, mais parecendo um saco de dormir, que adoro — será fácil de transportar; agora, o texto é importante para colocar certos problemas; vou ver se traduzo logo para o português para que você leia: coloco uma série de problemas gerais para mostrar a grande diferença entre as nossas posições, você de um modo e eu de outro, e as dos artistas que lidam com problemas de participação sensorial em geral; digo algo importantíssimo sobre o seu problema da *Nostalgia do corpo*, numa passagem, e sei que você vai adorar pois está bem formuladíssimo, relacionado com a descoberta do corpo, mostrando que para você o importante é essa descoberta, ali, e não a “participação num objeto dado”, pois esta relação objetual (sujeito-objeto) está superada lá, ao passo que em geral o problema de participação mantém essa relação objetual, e os contrários. Isso tudo no geral do texto está sensacional, pois muita coisa fica clara e será motivo de surpresa a maneira como os argumentos são tratados — ainda não terminei. O texto não será descrição ou catálogo de experiências, mas um pensamento total em que as coisas são citadas e reinformam em relação ao todo, e informam nessa idéia total. Creio que a comunicação será feita sobre os trabalhos lá, e também deveria ser numa espécie de texto pessoal: você deve fazer o seu, que traduzo; creio que deve vir aqui uns dois ou três dias antes, depois que chegar a passagem, claro; verei sobre a pos-

20.6.1969

sibilidade de você poder ficar em algum lugar aqui, mas nada posso prometer pois é uma cidade louca, só mesmo Desdemone e Jerry arranjam algo como onde estão: pagam duas libras e meia por semana (equivalentem a 30 francos semanais, veja só). Mas, não sei como é; não estive lá.

Esta semana estive numa festinha para lançamento em primeira mão (ouvi o disco ainda no acetato) do novo disco dos Beatles; era na casa do Fawcett, assistente do John Lennon, muito simpático, e fiquei surpreso que todos me conheciam por causa da exposição; Lennon e Yoko vieram, maravilhosos; quem havia me convidado tinham sido uns brasileiros da *Manchete*, que moram aí em Paris, Carlos Freire e Luís Antônio Garrido, repórter e fotógrafo; vi os *slides* que fizeram com John e Yoko, alguns muito bons, e notei que John e Yoko gostam muito deles, pois são inteligentes e sérios; o Fawcett disse que me vai convidar para conversar sobre coisas que talvez eu possa fazer (quem sabe se capa de Beatles para disco, ou outra coisa?), pois considerou minha exposição como o *hit* do ano em Londres. Estou rindo muito aqui, pois o Freire disse que está esta semana entrevistando o Richard Burton e deve encontrar Liz Taylor mais tarde; então perguntei se não teremos festa este fim de semana no iate deles que está ancorado no Tâmis; estou louco para conhecer Liz Taylor, as moças daqui, o Richard Burton; e agora alguém me telefona dizendo que nos jornais saiu algo assim: dois repórteres brasi-

Hélio Oiticica

leiros tiraram uma foto da rainha, ontem, e a fizeram parecida com Carmen Miranda, veja que maravilha, e eu que já achava a rainha mesmo uma mistura de Carmen Miranda e Liz Taylor!

Bem, para terminar a loucura, peço-lhe que escreva logo e aguardemos loucamente as passagens para Los Angeles; veja que luxo, verão em Los Angeles com tudo pago!

Mil beijos,

Hélio

Londres, 27.6.1969

Lygia, meu amor

Recebi duas cartas juntas hoje; a sua e a do Coppola. Primeiro traduzo correndo aqui a do Coppola; o Jean Clay telefonou agora e dei logo o recado sobre o dia em que devemos viajar, 6 de julho; então, traduzo aqui a carta para que você veja e dou outras informações, inclusive comentando suas ótimas idéias.

TRADUÇÃO: a carta é datada de 23 de junho 1969.

Caro Hélio:

Muito grato pela sua carta. Estamos muito contentes em ter você e Lygia no nosso simpósio e estamos ansiosos para trabalhar com as atividades que vocês planejaram.

Reservei passagens para vocês, que deverão ser expedidas da nossa agência de viagens provavelmente daqui a uma semana. O horário é o seguinte: Lygia voará de Paris no vôo 761 da TWA às 14h55min no domingo, 6 de julho. Você a encontrará no mesmo vôo, 761, às 16h45min em Londres e juntos voarão para Los Angeles, chegando lá às 20h15min, onde os encontrarei.

Hélio Oiticica

Em relação ao excesso de bagagem, ambos, Lygia e você, deverão checar seus materiais através da Carga Aérea TWA para ser colocada no mesmo vôo, Vôo 761. Para isso ambos deverão estar duas horas antes nos respectivos aeroportos, porque a bagagem é marcada por um outro escritório TWA. Os materiais devem ser mandados *collect* (em português significa "a pagar", mas dizendo *collect* é o termo universal, serve também para Paris, etc.), e eu pagarei pelo excesso no aeroporto em Los Angeles, quando nos encontrarmos. Espero que não tenham muito mais do que 25 libras (converter em quilos, pois sei lá quanto é a libra-peso) em excesso, cada. Excesso de bagagem custa muito, demais, e esta combinação terá o mesmo efeito. (Sei lá o que é isso!).

Quanto à sua pergunta, sou responsável por todas as despesas de alojamento e necessidades (alimento) e providenciei tudo por duas semanas. Gostaria que alguns de seus materiais escritos chegassem antes, e tenho um interesse particular de ler uma cópia do artigo de Lygia no *Boletim da Signals*, que não consegui encontrar. Espero que tenha conseguido selecionar as capas da bagagem que vai para o Rio.

Boa sorte. Esperando encontrar você e Lygia.

Sinceramente.

August F. Coppola.

Lygia, como vê, temos duas semanas lá. Portanto, o plano de você ficar aqui alguns dias, creio ser melhor quando vol-

tarmos. Jill⁴² convida você para ficar na casa dela. É um amor. Creio que, na volta, pode-se parar onde quiser, portanto, como ele nos espera na ida, e a viagem é tão longa, não se poderá parar nem aqui nem em New York. Como vê, chegamos lá às 20h15min, hora de Los Angeles, isto é, 8 horas de diferença pra trás, aqui, e aí já serão, então, 4h15min da madrugada; portanto ainda teremos a noite de Los Angeles e será o dia mais longo do ano para nós. Loucura, mas sinto-me muito feliz em viajarmos juntos. Será maravilhoso. Resolvi deixar de ser mesquinho e avisar a Gerchman a hora em que passamos por New York (lá pelas seis da tarde, hora de lá; dou o número do vôo e ele checa, pois sei que teremos que saltar lá, nem que seja por meia hora); assim ele poderá nos dizer alô no aeroporto.

Quanto ao material, nem creio que terei excesso; ele nos sugere não termos mais de 25 libras de excesso, imagine; (uma libra = 2,2 quilos; portanto, 25 libras são mais de 50 quilos) além disso permitem, sem excesso, no vôo, uns 11 quilos; veja que loucura; creio que nem 11 quilos terei, pois não consegui tirar as capas dos caixotes; levo o saco que nada pesa, pouquíssima roupa, aquela capa preta que já reformei e um cobertor-feltro; portanto creio estar tudo bem razoável. Você levará mais peso, mas também não creio que será tanto assim, pois são materiais leves. Em todo caso, calcule antes. Não esqueça de levar maiô, pois lá o verão está no auge; poderemos ir a Malibu onde as estrelas de Hollywood vão. Veja que onda.

Quanto ao *Boletim da Signals*, se você tiver sobrando leve de presente; mas leve de qualquer modo, pois se só tiver um podem tirar fotocópia; perguntarei ao Guy se ele tem ou a Jill se ela sabe onde arranjar, pois creio que o Paul deixou muita coisa da Signals na casa em Putney, onde moram os pais da Jill e ela.

SUA CARTA:

Gostei muito das idéias e relações incríveis com o que escrevi sobre você em outra parte do enorme texto que preparei para o tal simpósio. Vou traduzir um trecho e creio que você adorará, pois, inclusive, depois que escrevi, descobri que no livro mais recente que escreveu, Marcuse tem um capítulo em que propõe uma “sociedade biológica” como desrepressiva, baseada na comunicação direta em cadeia, o mesmo que pensei e já havia escrito sobre seu problema; veja o texto como diz, em certo pedaço:

“... as experiências mais recentes de Lygia Clark a conduziram para proposições fascinantes, e descobriu que certamente a sua comunicação terá que ser mais uma *introdução* a uma prática que chama *celular* de pessoa a pessoa, um diálogo corporal improvisado que se pode expandir numa total *cadeia* criando como que um *todo biológico* ou o que eu chamaria de *crepática*. A idéia de criar tais relações está acima da de uma participação simplista como manipulação de objetos: há a procura do que se poderia chamar de *ritual biológico*,

onde as relações interpessoais se enriqueceriam e estabeleceriam uma *comunicação de crescimento* num nível aberto. Eu digo aqui um nível aberto porque ele não se relaciona a uma comunicação objetal, de sujeito-objeto, mas a uma prática interpessoal que conduz a uma comunicação real aberta: o contato *eu-você*, rápido, breve como o próprio ato; nenhum proveito corrupto, interessado, deve ser esperado — as observações de “isto não é nada” ou “de que se trata?”, etc. devem ser esperadas; a introdução como iniciação é necessária. Os elementos usados em todas essas experiências baseadas num processo, um processo-vital, são eles mesmos partes dele e não objetos isolados: são *ordens num todo...*”

Creio que nisso tem muito do que Marcuse propõe e chama a Grande Recusa, isto é, o próprio ato do dia-a-dia na recusa de “ajudar a repressão”, que muitas vezes é chamado de “gratuito”, mas não o é na medida em que propõe uma “prática” nova. Isso também coincide com suas idéias na última carta, e creio que você tomou consciência de muita coisa importante. Creio que a idéia de comunicação celular é realmente o centro de suas experiências, e cria um sistema *em cadeia*, realmente vivo. Quanto às experiências de contatos coletivos, de um a um, só fazendo-as mesmo, pois então comecem as complicações. Creio que não são complicações só de como os outros entrarão na coisa, mas de como nós mesmos informaremos pelo ato introdutório; Edward Pope, por exemplo, já naturalmente informa pelo modo de abranger

“coisas estranhas”, infra-sensoriais, catar coisas na rua, como se veste, etc., mas, Guy, por outro lado, seria mais seco, podendo funcionar dependendo do contexto ou não; aliás, tudo isso pesa muito: o grupo que introduz, o contexto, etc.; quando eu saía muito com Jill, Paulo Keeler, Anabel, Edward, e o pessoal da Exploding, a comunicação minha com as pessoas, e a das pessoas, e tudo, era sempre grande, aqui; mas, será que em Paris já seria o mesmo? No Rio, só na *Apocalipopótese* se conseguiu uma aproximação e diálogo novos, porque tinha Saldanha, morro, etc., por isso estou achando que será um desafio fascinante fazer suas experiências e vou discutir com Guy, Jill e Edward; eu, pessoalmente, sinto que devo informar mais pela minha presença; vou me vestir de outro modo completamente, e se não o fiz ainda foi por falta de dinheiro para comprar mesmo panos, etc., pois creio que a vestimenta informa muito no *approach* com as pessoas; descobri isso ontem quando fui a um espetáculo do “Living Theatre” (Teatro Vivo) e ao mesmo tempo pensava em problemas meus, e nos da sua carta, pois há uma relação grande entre a coisa deles e essas suas, de um lado, e minhas de outro; uma coisa estranha se passou, como uma espécie de ritual mesmo; a coisa se fundiu tanto de um lado com o fato de se “estar lá”, que as pessoas que agiam no “espetáculo” nos informavam sobre os que estavam presentes, a gente; o começo foi ótimo porque começavam os “atores” a surgir por entre a “platéia” que estava sentada, em pé, no banheiro, no bar, em

27.6.1969

todas as dependências da Round House (eu estava em pé, pois sentado me sinto chateado e prefiro circular); então, começavam a dizer frases baixo e aumentando a voz, e a repetição fazia como que uma cadeia obsessiva, p. ex.: diziam “prá viver é preciso ter passaporte” — “não me permitem fumar haxixe” — “não me permitem tirar a roupa”. Então todos tiram a roupa toda; mas, ao contrário do que se poderia pensar, tudo se passou naturalmente sem a morbidez de uma peça “no palco”, porque certa distância havia sido abolida entre os “atores” e a “platéia” — e, incrível, as pessoas se transformavam também “na vida real”, porque estavam *reinformadas* pela atuação dos “atores”. Pensei muito em você pois creio que havia uma certa cadeia de comunicação; as pessoas estavam estranhíssimas, como que dominadas pelo ritual; de repente uma das mulheres da “platéia” tira a roupa toda; os “atores” se jogam nus sobre grupos de gente; só não gostei muito das discussões baseadas em “conceitos” que, de tão redundantes, apesar de serem revolucionários, se tornaram incomunicáveis; mas, a experiência me transformou em certa maneira de ver as pessoas naquela noite; tudo claro, transparente; mas, se uma prática não é repetida, ou agrupada, a comunicação se torna limitada. Por isso tenho que criar minha comunidade definitivamente no Rio; não me interessa mais nada, e então todas as experiências comunicativas poderão entrar num contexto real; não farei concessões; roupa, vida diária, etc., tudo se torna para mim uma experiência reveladora; por isso sua

Hélio Oiticica

prática me interessa mesmo; mas, o modo de colocá-los funcionando tem que ser discutido com Guy, Pope, etc. Temos que conversar muito sobre isso; creio que a experiência na Califórnia poderá ser importante.

Bem, que loucura, tenho que colocar isto no correio; qualquer dúvida, telefone será a solução.

Um beijo pra você

Hélio

P.S.: Creio que a experiência da pedra na mão, que você fez com o Guy, é um começo introdutório muito bom, genial. Ele ficou fascinado e eu também; preciso fazê-la com o Pope.

.....

Paris, 9.11.1969

Hélio,

Só hoje achei um tempinho para te agradecer tão belo cartão de aniversário... Realmente é uma jóia e mil vezes obrigada, não só pelo mesmo mas também porque você se lembrou do meu aniversário! Nessa data estava no Brasil, tendo batido papos fabulosos com tua mãe sempre a teu respeito. Ela está muito saudosa mas acha que deves ficar por aqui ou, se a bolsa Guggenheim sair, tanto melhor, na América. Ando muito feliz e tenho a impressão de que vivi dez anos no mínimo depois da minha ida à Califórnia. Muitos problemas, e sérios como sempre, mas cresci tanto que deixei de roer as unhas depois de roê-las durante quarenta e quatro aninhos de idade, oba... N.Y. foi uma experiência vital nisso tudo e quase fui engolida por um fabuloso *big men* que queria me amarrar toda num contrato, passado, presente e futuro e os termos do mesmo eram incríveis. Acabei dando uma banana para todos eles e voltei para cá sem vintém no bolso, para daqui mandar uma contra-proposta a esse *big men* que deve ter passado a roer as unhas depois que me conheceu... Gerchman, como sempre, um anjo, e adorei suas novas coisas.

Essa aventura em N.Y. só posso contá-la pessoalmente, pois é engraçadíssima e enorme. Aqui encontrei também mil

Lygia Clark

.....

problemas para resolver, o que ainda não acabei de fazer, mas estou equilibrada, saí da grande crise, não preciso mais de ajuda e essa passagem "da eroticidade à vida", incorporando-a nas minhas últimas experiências, foi vital para mim. Hoje já a encaro como coisa natural e até gratificante. "Engolir" o objeto sensorial e fazer o homem assumir sua própria eroticidade foi um parto dos mais terríveis, porém, estou não só salva, mas mais gente e adulta também.

Pediria muito a você que peça ao Guy, se ele vier por aqui, para trazer para mim alguns *Bichos* que vão ao plano e também, se for de carro, as proposições que levei para a Califórnia, pois vou precisar das mesmas para expor em Cologne, no mês de janeiro.

Os *Bichos* são para eu tentar vender, pois a falta da gaita é total e absoluta por ora. A situação do Brasil vai de mal a pior e estamos quase que numa guerra civil ainda clandestina, mas todos acham que isso pode durar ainda dois anos para a mesma ser oficializada. O filme mais genial brasileiro de todos os tempos eu o vi, *Macunatma*. É soberbo, sob todos os pontos de vista. A música mais genial é *Aquele abraço* do Gil, que tem uma vitalidade espetacular, depois de tudo por que ele passou é espantoso! O livro brasileiro melhor que li se chama *Panamérica* e é de um jovem paulista... ótimo!

Mil beijos para você e espero receber uma sua carta bem bacana também.

Lygia

.....
Londres, 23.12.1969

Lygia baby

Recebi sua carta e um cartão da Sônia⁴³, do Rio; minha estadia na Universidade terminou dia 13 e voltei para casa da Jill, pois dia 1º de janeiro volto rumo ao Rio. Realmente nada tenho a fazer aqui; sinto-me morrendo aos poucos. Em Sussex foi bom, construí células para a experiência *Barracão*; os estudantes fantásticos, e cooperaram à beça; acho que me satisfez mais do que a experiência, além disso o período lá foi dos mais criativos; comecei a escrever coisas que chamo de *contos* numa linguagem inventada, e os *autos*, que seriam uma autobiografia inventada também, isto é, nada de narrações ou textos factuais, etc. Penso em publicar os *contos* lá para o fim do ano, no Brasil, e creio que possa fazer tutu com isso. Tenho lido muito e tenho plano completo para um filme e uma “peça”, que não sei quando começarei a fazer, apesar de simples. No Brasil não quero aparecer nem fazer coisas públicas, pois seria uma compactuação com o regime; além disso, se eu não ficar quieto, prendem-me; se a bolsa Guggenheim sair, melhor, mas só conto com o que tenho em mãos e jamais com utopias. Iria então para New York, por algum tempo, pois é o único lugar, fora o Rio, onde posso

Hélio Oiticica
.....

respirar; adoro a violência em New York; todos estão loucos, pode-se ir ao cinema de madrugada, ou ao Harlem, etc. Quanto a “ambiente de arte”, péssimo como em toda parte, mas tem o Perreault⁴⁴, que propõe o Street Works, o que é mais interessante. Não quero ficar nessa cena de arte, como um artista que nada sabe fazer, ou limitado a contar com minha “obra”, etc. Exposições não me interessam, além de achar todo mundo na cena burro, etc. Mas, quanto a inventar novas possibilidades de contacto público, isso me interessa; penso que posso ganhar um certo dinheiro com *shows* musicais, *shows* ambientais, principalmente no Brasil onde conheço tanta gente agora; vou propor a Roberto Carlos, talvez dê certo, ou a Gal ou Bethânia, etc. Quanto a produções minhas, levaria mais tempo para conseguir fazer o que quero. Filme seria mais imediato. Portanto, como vê, filme, conto, “peça” e tudo o mais, além de experiência-comunal, é tudo parte de uma ambição maior, mais universal e mais difícil; encerrei minha época de fundar coisas, para entrar nessa bem mais complexa de expandir energias, como uma forma de conhecimento “além da arte”; expansão vital, sem preconceito ou sem querer “fazer história”, etc. No que vai dar, não sei, mas também há dez anos não sabia no que dariam as primeiras coisas “ambientais”; portanto, acho que vale jogar tudo para o alto outra vez e recomeçar, como se nada houvesse contado.

Lygia, comentando com o Guy sobre esse assunto seu de New York, ele me pede que lhe mande uma informação, que

acho será de grande importância pra você: o Jeremy Fry parece que produziu e quer lançar uns múltiplos do seu *Bicho*; imagine que ele estava à sua procura; ao menos é o que diz Guy; procure comunicar-se com ele; não sei se Guy deu seu endereço, mas creio que deve ter feito. Creio que isto chegou bem na hora, não acha?

O texto que fiz para o simpósio foi simplificado e corrigido, com ajuda do Guy, e proponho ao *Studio International*; sairão fotos suas, fantásticas; creio que isso será importante no contexto internacional. O Peter Townsend⁴⁵ me pediu a coisa, e me senti feliz em poder fornecer material tão importante. Creio que para você os anos 70 devem ser de consagração total; Guy acha o mesmo; Perreault a considera uma das maiores artistas do mundo; portanto, esse lado de imprensa é importante, principalmente agora, para tornar certas idéias e coisas conhecidas no mundo. Por favor não o despreze.

Em Londres, as coisas andam meio mortas. A não ser pelos músicos Tropicália, cuja casa virou reduto aonde todos vão; Mike Chapman e Edward Pope, Trixie (que lhe adora), Jill, todo mundo *hippie* vive lá, onde tivemos filmagem para a TV alemã. Caetano cantou músicas incríveis novas e Gil idem. Falo muito em você; Caetano estava dizendo outro dia: "tenho loucura por conhecer essa mulher". Portanto, se vier a Londres, procure-os. Vi lá um livro do Haroldo de Campos onde você é citada, e parece-me um ótimo livro. Li uma en-

trevista de Décio Pignatari, muito boa também, vinda do Rio. Não me interessa muito o que representam, mas são conscientes, e isso basta dentro da loucura surrealista brasileira, que aumenta dia a dia. Pena que os cantores chegaram já no outono, pois Gil quer ir comigo para a rua fazer coisas; eu dançaria e ele tocaria violão e tambores; propus levar suas experiências, e ele adorou a idéia, talvez façamos isso essa semana, já que tenho só mais uma semana e alguns dias; no verão propus isso a várias pessoas, mas todos fizeram corpo mole; Guy estava fríssimo com a idéia; no fundo todos têm medo de se comprometer com alguma coisa. Creio que a vinda dos cantores mobilizou outra vez gente que estava meio morta. Edward Pope, cá entre nós, estava no fim; não falava, e havia secado; agora, quando o vejo sempre na casa de Caetano, ele vira outra coisa, como nos velhos tempos. Creio, hoje, que o David realmente trazia uma vitalidade que movia todo mundo; uma vitalidade dos trópicos, porque inglês, sinto dizer, tem uma desvantagem, é frio, não é muito inteligente, pensa devagar, é branco, etc. Portanto, ventos tropicais realmente dão vida a isso aqui. Mesmo assim, creio que a cena ultravibrante londrina, de uns anos pra cá, está decaindo. Há quem escreva sobre isso até; outro dia li algo. O país é muito mais conservador do que se pensa; realmente quem mudou foi uma pequena minoria, que mal se agüenta em pé.

Gerchman é maravilhoso mesmo; adoro-o. Antônio Dias, não confio nada; sempre que escreve é com intenções obs-

curas e fazendo fofoca. Estou cheio. Escrevi algo sobre Gerchman para a GAM. Há o texto em inglês, que ele tenta colocar numa das revistas americanas. Ele vai ficar triste em saber que estou embarcando, por isso nem disse nada. Mas, na verdade, preciso me organizar. Agora, o pouco desse dinheiro que recebi, ficando e trabalhando num lugar fixo, me ajudará. Tudo é questão de objetividade. Que adianta ficar aqui, na fossa, gastando, e nada fazer?

Lygia, há pessoas que devem seguir para Paris, mando então as valises suas. Um é o Graham Stevens, um amigo meu e do Guy, que faz balões gigantes. Assim fica bem, pois mandar as malas sem acompanhante sai caríssimo. Aviso o dia que forem (talvez semana que vem). Elas estão aqui na casa da Jill.

Annabel está aqui com o filho. O Paul ficou nos States e vai lançar um guitarrista, Mahmud Mirza, em fevereiro. Annabel segue então mês que vem para lá. O bebê está lindo. Esta família aqui é mesmo incrível. Jill está cada dia mais linda! Guy vai mandar os *Bichos* que estão com ele, também. Quando você receber esta já deverei estar embarcando, esse é que é o problema. Mas, conforme for, telefone para qualquer urgência. O telefone aqui é: PUT 1812. Embarco dia 1º de janeiro, de Liverpool, aliás não, de Southampton. É quinta-feira. No navio, vou ler o *Ulysses* do Joyce inteiro. Assim posso discutir com Mary, quando chegar. Quero ver o que vão dizer dos cabelos, que estão pela metade das costas, agora. Não cortarei um milímetro. Minha mãe, como sempre, já

começou a fazer pressão. As cartas do Rio, cada vez piores: todos paranóicos, surrealismo total!

Jean Clay telefonou, ainda sobre o assunto *Rhobo*; agora vai mandar as cópias das traduções; faço uma idéia como não estarão! Mas creio que só do Rio poderei mandar corrigidas, pois até agora não chegaram. Ceres, irresponsável como sempre; escrevi pedindo para ajudar o Antônio Manuel, que vem meio fugido do Brasil, e ela nem respondeu. A. Manuel virou uma espécie de mártir das artes plásticas, no Brasil. Mandou-me foto da cabine que fez e parece interessante. Acho que ele vai para Paris. Recebi uma carta fantástica do irmão da Rose, que está na prisão por cumplicidade de homicídio no Rio. Caetano quase caiu duro, pois é genial o que ele escreveu, e há muito não recebia algo que me emocionasse tanto.

Lygia, nunca li *Panamérica*; quem escreveu é um amigo meu, José Agripino⁴⁶; dizem que é bom (...) *Macunaíma*, filme do Joaquim Pedro, parece que é mesmo o maior, tô louco pra ver! Quanto à música do Gil *Aquele abraço*, adoro; é o próprio Gil, a quem amo de verdade; ele tem feito umas em inglês, emocionantes. A presença física de Gil é o que a música é: essencial.

O filme que mais me impressionou em todos os tempos foi *Chelsea girls* do Warhol, procure vê-lo quando passar aí; é um filme *underground* (só vi três horas dele, mas o original possui seis), a linguagem se desintegra: é a coisa mais americana do mundo. Warhol é muito maior em cinema do que

na época das proposições *pop* (caixas de sabão, Marilyn 30 vezes, etc.). Paralelo ao filme *Chelsea girls* está o livro do William Burroughs, *Naked lunch*, que se desintegra de tal modo que só suporta ler algumas páginas de cada vez. Perto disso, todas essas artes (*pop* é para mim hoje o que de mais velho existe) caem; e o cinema Godardiano-Pasolini idem; por isso parece-me tão terrível Glauber se influenciar ainda com isso, quando poderia ser o verdadeiro *underground* americano-latino; ninguém entende que esse cinema não existe mais. Virou *establishment* e acabou.

Estou lendo Kerouack e me lembro muito de Califórnia o tempo todo; ele é uma espécie de espírito de Los Angeles; detestaria viver esse espírito (ou talvez não), mas há algo de cósmico nele, de grandioso e terrível; talvez o que lhe deu essa revitalização ao ir lá tenha sido isso: Los Angeles e a Califórnia possuem essa cosmicidade quase que oriental. Mas a gente, isso é outra coisa; sinto-me perdido e amedrontado diante deles, do óleo deles, dos carros, do poder destruidor (vide Vietnã, etc.), construtor, etc. Li uma reportagem enorme sobre o tal Esalen Institute, onde o Gunther, aquele cara do simpósio de quem você mais gosta, trabalha; muito bem, há experiências ótimas por lá, mas, me pergunto, por que fechado e limitado a pessoas riquíssimas? e sem gente de cor? (os preços para morar lá e fazer as experiências são uma fortuna; portanto, só gente rica mesmo pode desfrutar de tudo aquilo; e, pior ainda a meu ver (o que não invalida o sentido

das mesmas), a coisa atua como “dessublimatório” sempre; é uma espécie de “pão para os que estão cansados da vida chata, de ganhar dinheiro”, etc. Se a coisa fosse levada para um contexto coletivo, tomaria outro caráter; ou talvez não, não sei. Há uma coisa lá, de eleitos, que não me cheira bem; diz o repórter: um paraíso na terra, uma busca do Eldorado na mais rica região da mais rica potência mundial! (e estranha ele não haver pretos, ou orientais, ou indianos... eu não estranho nada, pois é assim que as coisas andam por lá). Pra dizer a verdade, prefiro o contexto das universidades em São Francisco (Berkeley, etc.) que anda meio reprimido no momento, com o governinho de Reagan, etc. Guardei a reportagem pois tem material à beça. Lygia, vou terminar por aqui. Mando muitos abraços, daqueles que Gil manda pra todo mundo. Ou, como diz o irmão da Rose, não é mais aquele abraço, mas

AQUELE AMPLEX (não é genial?)

Abraçobeijo

Hélio

Rio de Janeiro, 19.2.1970

Lygia meu amor

Acabei de receber sua carta; telefonei logo para que Eduardo desse o recado à Sissy; agora liguei para ela, outra vez; que merda, essa coisa de falta de dinheiro sempre. Aqui, ando na mesma, tentando vender alguns artigos, etc.; vamos ver se Álvaro manda logo o seu; Eduardo não fala com ele, como você sabe, e diz que Sissy dá o recado. Aliás estive lá, vi sua neta que é linda, e gostei muito de reencontrar Sissy; ela é legal e ótima praça. Eduardo tem vindo aqui quase que diariamente. Bem, conto aqui as loucuras: Antônio Manuel resolveu fazer fotonovela para vender para o *Pasquim*; a primeira é *O guru*, baseada em mim; a fotonovela tem uns vinte e poucos quadrinhos. Tineca⁴⁷ (irmã da Rose) e Paulo (um crioulo aqui de cima) são os outros “astros” da coisa. Eduardo então fotografou com o Kiko⁴⁸ o troço. Mas o que Eduardo está mesmo fazendo é o roteiro do filme que vai fazer comigo, eu de “astro” ainda; fez vários desenvolvimentos do roteiro, e ficou bacana o último; hoje ele arranjou quem financie; vai ser um curta-metragem, ele está absorvido na idéia, o que me deixa bem contente, e passa aqui dias e dias a discutir e conversar; Tanit Galdeano e Vergara⁴⁹

Hélio Oiticica

nos convidaram para passear de lancha, e foi ótimo; vou mandar umas fotos tiradas lá (tenho que imprimi-las); procuro apresentar Eduardo a pessoas importantes, como cineastas, músicos, etc. Fomos ver *Mulher de todos*, do Rogério Sganzerla, que é genial; conheci o Sganzerla na praia, um dia; ele me procurou e talvez eu faça algum trabalho com ele, em cinema; vou fazer o *show* próximo de Gal, Macalé e Capinam, e a capa do disco idem; tudo isso será para adquirir experiência e dinheiro, pois do jeito que está, não dá; quanto ao filme do Eduardo, seria para criar uma imagem minha, que deverá se basear nos cabelos e numa espécie de *make-up* duro (penso um pouco em Buster Keaton) que eu deverei criar para mim mesmo em filmagens. Vamos ver no que dá tudo isso. O difícil aqui é saber-se em quem confiar; as pessoas são em geral irresponsáveis, falam demais, etc. Aqui em casa fiz as seguintes leis: para vir, hora marcada, proibido maconha, revólver, marginal, etc. Imagine que agora resolveram fazer o maior folclore de tudo isso, e ainda dizem que eu inventei a coisa; muita gente tem sido presa por isso, etc. Jackson e Rosa queriam vir aqui, mas tenho sempre uma desculpa para impedir que isso se dê; avisei a Tineca que não é possível trazer marginais armados aqui, e pronto, pois até piranha da praça Mauá apareceu no dia seguinte em que cheguei; loucura total! Além disso, mil pessoas novas aparecem a telefonar e chegam à porta, pelos mais diversos assuntos, principalmente músicos e baianos!

Quanto ao Jorge Ben, consideramos ele o maior mesmo; Caetano descobriu ele há muito tempo (Guilherme era empresário dele); creio que Jorge Ben é precursor e continuador da Tropicália; nos Estados Unidos ele tinha bastante cartaz, mas foi engolido por Sérgio Mendes, que o destruiu lá, mas como o Mendes é péssimo, Jorge Ben voltará, desta vez via Europa (foi um sucesso no festival da MIDEM, em Cannes); o disco novo dele aqui é genial; Gal e Caetano cantam coisas dele; ouvi Caetano cantando *Charles 45* e é genial!

1) Encontrei finalmente Mário Pedrosa esta semana, só, pois chegou da Rasa, mas volta hoje; achei-o ótimo, queimado de sol e bem vivo; de repente apareceu toda a minha corte lá, de baianos e fás; Mário gostou muito; Oku⁵⁰ e Iara estavam lá; Mary está queimadíssima e o apartamento estava bem bonito, pintado de novo e tudo. Falei muito em você, e foi bacana.

2) Jean chegou e passei *slides* lá, inclusive os de Los Angeles, que passo sempre; Eduardo foi também; Geneviève está para parir a qualquer momento; Pedro Correia de Araújo (que é um louco reacionário) gostou tanto que vai dizer ao Maurício Roberto para pagar-me para dar uma conferência no Museu; só faço bem pago!

3) Guy escreveu dizendo que o *Studio International* recebeu o artigo, e que vai me escrever; acho que vão mesmo publicá-lo; Guy é que fez suas fotos; por isso pensei: escreva para o Guy e peça se ele pode fazer algumas para essa coisa da Elayne Varian; há bastante tempo, pois a coisa só seria em

dezembro ou janeiro; o Vergara tem um amigo que tem uma máquina de duplicar *slides*, por isso estamos vendo por quanto vai sair cada duplicata; então, eu faria os melhores seus, que tenho aqui, e mandaria; o Gerchman tem muita duplicata de *slide* minha em N.Y.; disse a ele que os apanhe no Jewish Museum e os mostre a Elayne; mas Gerchman tem mania de dar material, o que só se faz quando se tem galeria financiando por trás; mas como nós somos *free lancers* não estamos em condições de dar nada; americano não dá nada a ninguém; Gerchman quer bancar o superdesenvolvido, e já disse a ele que não posso todo dia fazer fotos pra dar e duplicata de *slides*, etc. Estou vendo se o Zivaldo compra um artigão para a *Fairplay* (ele mandou pedir) pois pagam bem e então faço tudo; no momento, imagine, mal tenho dinheiro para comprar jornais e mandar cartas; mas saiu uma bosta de lei de censura (imagine, censura prévia de livros e publicações, coisa que nunca aconteceu, nem na Rússia, desde que foi inventada a imprensa; conclusão, o *Fairplay* está aguardando qual o destino que lhe será dado; só sei que mulher nua não vai poder mais sair; e aquela besteira de *Pais e Filhos* tem que ser vendida dentro de plástico! — isso tudo é que ainda atrasa mais as coisas aqui). Creio portanto que com algumas fotos feitas por Guy, outras que você puder arranjar aí, mais as duplicatas que posso fazer aqui, terá bastante material. Tomara que saia logo o troço do *Studio*, porque vai pesar, e muito.

4) A coisa do Romero Brest⁵¹, já sabia aqui, apesar de o Itamaraty ter escondido a novidade por uns tempos; bem, como você sabe, a mim não interessa expor nada, etc., vou escrever a ele propondo construir algo, se eles derem dinheiro e passagem, senão, nada feito; e fazer algo no parque, etc. O Glusberg é que disse que me paga tudo para ir a Buenos Aires em agosto; acho que ele quer rivalizar com o Brest, sei lá; ele vai aparecer aí, pois estava tomando o avião para Londres.

5) Jean Clay é louco: disseram-me que saiu o novo *Rhobo*, inclusive com algo a meu respeito que ele escreveu; nem me mandou; nem mandou textos revisados, aliás, traduzidos para revisar; nem responde a carta alguma que se lhe mande; incrível! O que acho é o seguinte: ele escreveu esse texto para me compensar de tudo, e os que fiz, que deram aquele trabalho, não vão sair, mesmo porque já estão atrasados de um ano! É bom para aprender: agora só faço coisas do modo mais profissional, pago e com garantia de sair; chega de picaretas! Não perco mais tempo com "amadores".

6) Bacana o que você escreve sobre o trabalho; genial! Creio que você está na melhor fase possível; o tal *Túnel* deve ser genial; quando possível faça *slides*, pois vou fazer conferência à beça e uso sempre; os de Los Angeles funcionam à beça, e todo mundo que vê está impressionado com suas coisas, principalmente as *Trombas* que não conheciam. Nem Eduardo conhecia aquilo. Seu cartaz está grande aqui, principalmente

entre estudantes (minha corte é quase que toda de gente jovem, estudantes) e baianos!

7) Então, fica assim: a experiência americana sempre vale a pena; a de Buenos Aires vale, é claro, mas dependendo de como for feita (aliás o filme do Raimundo foi escolhido pelo Brest! Minha fala foi toda cortada pela censura, mas não deram certificado, mesmo assim; por isso vai clandestinamente para lá; Raimundo está eufórico; Odete Lara me disse que quando projetaram o filme algumas vezes no MAM, quando eu apareço a platéia aplaude!); estou me organizando aqui; a casa está um caos; em geral, só saio de carro; quando saio só, coloco boina com cabelo preso pra dentro, e mudo de personalidade; fui à Mangueira de cabelo solto; foi um escândalo; algumas pessoas gostaram, outras não; mando em outro envelope recortes, e lá diz tudo.

Escreva. MIL BEIJOS

Hélio

.....

Lygia Clark.

Cité des Arts. 18, Rue de L'Hôtel de Ville. Paris, 4^{ème}.

23.2.1970

Meu querido,

Adorei receber sua carta. Cheia de coisas boas, não muito boas e ruins, mas pelo tom acho que o importante é que estás otimista apesar de tudo que aí anda acontecendo. Adorei os retratos... já estão na parede de lembranças! Que tipo! Nunca debes cortar esse cabelo. Imagine que os dinheiros não chegaram até agora e continuo a zero. Estou começando a gastar o que o Jean me emprestou mas na hora de pagar o aluguel é que o caldo vai entornar! Fiquei muito contente com as notícias sobre o Eduardo e hoje recebi também uma carta dele. Já havia escrito outra para ele não em resposta a essa, mas uma que não era resposta de nada e sim uma confirmação. Estou numa fase de doido. Trabalhando como uma maluca, comprando plástico que é baratíssimo, catando pedras nas ruas, ajuntando aqueles sacos vazios e felicíssima! Acho que é a primeira vez que estou num tal estado depois da descoberta do *Bicho*. Fazendo coisas enormes que abertas no plano não cabem na minha sala... Essas mesmas coisas diminuem depois que entra o suporte (o homem) e aí começa a maravilho-

Lygia Clark

.....

sa aventura da estrutura que sempre pode ser modificada... Outro dia estiveram várias pessoas aqui, entre as quais o Luciano⁵² outra vez e o Camargo. Esse ficou verde de medo e terror e Aspásia idem. Disseram que é bruxaria pura... quem sabe se não é verdade? Acharam tão impressionante o espetáculo e tiveram percepções incríveis depois que entraram nas estruturas formadas por outros ou por eles próprios. Virei a própria bailarina, pois faço tantos gestos que até aprendi a costurar com um ritmo que me parece oriental. Parece bobagem mas não é não. O fazer, o tocar o plástico no momento de o formular para mim passa a ser quase um cerimonial... É essa fase que levarei para a Argentina e depois para o Brasil, onde pretendo fazer espetáculos seja no MAM ou no Aterro, quem sabe? Conte ao Mário o que te conto pois o tempo é pouco para escrever e também a gaita muito curta. Quando sair o *Studio International* mande-me dizer que quero comprar também. Tentei falar hoje pelo telefone com o Jean Clay e não consegui. Não sei de nada e nem se o *Rhobo* saiu. Só sei que esse número não era o seu. Era sobre o Japão e o seu seria o seguinte. Quem te deu essas notícias? Não sei se o Romero Brest terá dinheiro para construíres algo lá mas de qualquer maneira vale a pena participares pois você tem tanta coisa para mostrar... *Parangolés*, etc., etc.

O meu problema evidente é mais fácil, pois o que levar poderei fazer não importa onde, nos jardins, salas fora ou

23.2.1970

dentro, dependendo do espaço e do tempo. Acho que será importante essa mostra. O Romero Brest está entusiasmado! Pela primeira vez eu o vi sem ser o Citizen Kane e estava até humilde sem fazer discursos. Ele confessou ao Jean Clay que o número 4 do *Rhobo* (enviado por mim) lhe mudou completamente todo o conceito sobre o que era arte... Está evidentemente agora do lado das proposições. Entrou no túnel e o Pizza teve medo de ele ter um troço no coração ou quebrar o pescoço... mas ficou tão orgulhoso depois que valeu o risco. A *Cité* para mim valerá ao certo até outubro. Em julho terei que pedir para ficar até fevereiro. O meu advogado ainda não me chamou para resolver o contrato de N.Y. Apanhei um *big* resfriado e estou morta de dor no corpo mas alegíssima! Hoje comecei outro grande trabalho mas circular. É aquela invenção do meu livro provando que o plano não existe, lembra-se? Agora o homem agachado formula ele próprio com o corpo essa experiência e depois volta à tona sobre a outra camada do plástico. Parece que será sensacional. Mil beijos e escreva! Muito obrigada...

Clark

Rio de Janeiro, 16.5.1970

LYGIA mil beijos

Estou há semanas para lhe escrever; a loucura anda tanta (trabalho) que vivo adiando tudo; estou trabalhando no *show* de Gal e no filme de Fontoura⁵³ (roupas e cenografia); além disso fiz e já mandei os planos para *New York* (Museu de Arte Moderna) para a exposição INFORMATION, para a qual me deram uma sala; achei importante participar disso, se bem que não tenha mais sentido participar em museu ou galeria, mas o que visa a exposição é informar sobre coisas internacionais relacionadas com ambientação, etc.; deram-me essa sala (fui um de três a ter sala grande; o resto da exposição são filmes e informação escrita) e achei que seria ridículo e pretensioso recusar, uma vez que é loucura pensar que alguém nos States saiba muito a meu respeito; sabe como é lá; enquanto não se aparece *in loco* não se existe; e lugar mais central e visceral para aparecer que o MOMA de N.Y. não existe; planejei algo parecido com a coisa que fiz em Sussex, com três andares, tudo ninho para ficar dentro, coberto de anagem; são vinte e tantas células; creio que será mais importante que a da Whitechapel; eles vão construir tudo e me dão passagem e estadia de duas semanas na segunda quinzena

de junho; irei e penso em voltar via Londres (teria que pagar 50 dólares do meu bolso, o que vale a pena) e talvez passe por Paris; quem sabe se você não gostaria de visitar Londres e encontrarmos-nos lá? Você é das poucas pessoas que gostaria de encontrar e conversar; hoje vejo que não há tantas no mundo, apesar da badalação total por aqui.

Gal e Capinan chegaram e me contaram sobre a visita; fiquei radiante e eles mais; Caê e Dedé ficaram impressionadíssimos com você e seu trabalho; Gal fala muito em você depois disso, e acha você genial; Caê não tem escrito porque estava viajando na Espanha; mas espero carta a qualquer momento; que tal achou eles? E o Carlos (*blue eyes*) como vai? Dê-lhe um abraço por mim; Eduardo e Maria Helena foram conosco, quando Gal chegou, ao Galeão; Eduardo está trabalhando com um grupo de teatro; infelizmente as coisas que havia planejado para ele falharam, como de resto quase tudo por aqui; é realmente loucura se trabalhar no Brasil: todos irresponsáveis, picaretas, etc.; agora o *show* de Gal estréia dia 28 na Sucata, pois o Canecão falhou, e fiquei com ódio, pois trabalhei em vão, e nem me pagaram o que fiz, os projetos estavam lindos: *show* ambiental, etc., mas a mentalidade curta + sabotagem da máfia (Mièle e Boscoli) estragaram tudo; ao menos na Sucata a coisa será mais modesta (mas não menos ambiciosa) mas pode-se confiar em Ricardo Amaral, etc.; os ensaios estão indo bem e Gal está maravilhosa, cantando músicas novas; Macalé ensaia o

pessoal (Bubbles), que é um conjunto + metais + tambores (quem toca é Naná, um crioulo bom à beça); estou bolando coisas maravilhosas pra lá (vamos tirar fotos e depois mando); por enquanto ainda não se pode armar nada pois há o *show* de Chico Buarque (este, cada vez pior) que sai só daqui a uma semana. Quanto ao filme, boleí todas as roupas e agora estou nos cenários (ambientes); tem sido uma experiência bacana; Fontoura é ótimo e de confiança pra se trabalhar; o produtor é o Cesar Thedim, marido de Tônia; receberei a primeira parcela talvez na semana que vem; bem a tempo, pois estou duro desde que cheguei; quero ver se viajo com algum dinheiro pra comprar coisas vitais pra mim: livros, discos e alguma roupa (saí mais barato; aqui está tudo uma droga e caríssimo), que deixei de comprar por falta de dinheiro quando vim.

Lygia, só estive com Mário uma vez; você já deve saber da encrenca que houve: uma mulher que foi presa (do Itamaraty) denunciou Mário como redator de notícias sobre torturas enviadas pra fora; nada aconteceu, mas poderia ter sido grave; agora ele está em casa, mas Vera⁵⁴ recebeu advertência; parece que ela foi cortada de um congresso para onde iria por isso; falei com Mário no aniversário dele pelo telefone, pois ele ia jantar com Barreto e o pessoal; ele disse que quer verme com calma e quando não houver muita gente à volta; aí é que se complica tudo: lá vive cheio; aqui, uma romaria permanente; outro dia já ia sair para ir lá; quando vi, chegou

tanta gente aqui que não consegui sair; um drama; agora está mais alegre, pois Luis Fernando, que estava na casa de Caê em Londres, chegou e está aqui hospedado; ele é muito inteligente e bacana (trabalhou com Teatro Oficina) e está dirigindo o *show* de Gal; outras pessoas bacanas: Lee Jaffe, um artista americano (lindíssimo) muito inteligente, tem algo de Edward Pope (não na aparência, mas na maneira de perceber as coisas) e adora as suas coisas que mostrei em *slides* e no livro do Guy; ele vem toda hora aqui e toca gaita da maneira mais corporal que já vi; Macalé vai inclui-lo num *show* que está planejando e num disco; Macalé é um gênio; fiz música com ele chamada *putney-jill*, em homenagem a Jill, usando só as duas palavras que se desintegram e formam *eyjill* no final, que se distorce fazendo uma sonoridade de *angel* (anjo); é lindíssima, e Macalé fez a música baseada em dois acordes obsessivos. Outros: Os Kids (garotos), que é o tal grupo que era do Colégio São Fernando – Ivan, Sidiny, Barreto, etc. Vou inclui-lo num filme que penso em fazer: totalmente experimental; talvez faça com Super 8, que é uma câmera pequena (tipo daquela que você comprou pra Eduardo) e é genial pois pega tudo “ao alcance do olho e da mão”; imagine que existem filmes a cor de 3mm, que podem ser revelados como se fora fotografia, e Fontoura andou fazendo uns que ficaram geniais; Rogério Sganzerla também; você sabe, Rogério e Julinho Bressane + Neville de Almeida são os cineastas realmente importantes agora aqui (vi um filme, *Um anjo nas-*

ceu, de Julinho, que é genial) e têm vindo aqui muito. Rogério, quando falei sobre você, disse: é uma mulher extraordinária, e disse que há muito aprecia e admira seu trabalho (bacana é que ele picha violentamente todo mundo, principalmente Glauber, etc., monstros sagrados que ninguém ousa tocar; detesta Cordeiro, e acha que ele e outros querem fazer, ou queriam, o que você faz, mas não conseguem); a mulher dele é Helena Inês (que é genial; você precisa ver *Mulher de todos*), ex de Glauber; eles têm feito Super 8 também, e nós estamos pensando em termos uma casa, um lugar, onde essas experiências possam ser mostradas, etc. Capinan pensa em alugar um casarão aqui perto da minha, na rua de cima; seria genial, e talvez algo importante possa nascer daí.

Como você vê, as coisas andam em certos grupos aqui; quanto a artes plásticas (que termo antigo!), a merda total, acho tudo fraquíssimo, e as pessoas se dedicam mais a fofocas do que a outra coisa; não há pensamento, nem nada; Frederico anda péssimo; convidaram-me para ir amanhã mostrar *slides* no MAM; irei, porque vai ser um modo de desmistificar muita coisa; acho alienante o seguinte: todo mundo me cita, faz fofoca (prato diário de coluna social), mas na realidade não sabem o que faço, etc., típico do Brasil; vou projetar o filme do Raimundo (que aliás foi escolhido para ser exibido permanentemente na tal exposição de New York; adorei isso, ele está positivo à beça) e mostrar tudo, inclusive os seus de Los Angeles; depois conto como foi;

Amélia Toledo esteve aqui, muito simpática; Vergara chegou de Medellín (Colômbia) e esteve com Lea Lublin e Le Parc (que falaram muito em você). Gerchman tem escrito, mas devo carta a ele. Guy esteve aí? A Jill me disse que ele ia; ele não tem escrito há tempos.

Bacana a visita do Brest; e as coisas que você conta; creio que a coisa do *Studio* sai em junho ou julho (que demora bem inglesa!). Sua experiência é realmente das poucas que contam hoje; há um nível de crescimento impressionante, nos significados, nas proposições, no desdobramento delas no dia-a-dia; tudo fica claro como "atividade" diante da mesquinhez da "arte", como a água; não há gratificação a não ser a da própria descoberta-atividade; isso é admirável, num mundo onde essa atividade quase não existe; a própria solidão passa a ser importante (se bem que não deva ser cultivada): daí para a comunicação total. Essa coisa de Buenos Aires será importante; mais um canto do mundo; gente nova, etc.; a possibilidade, como você diz, no tempo e no espaço; bacana.

Lygia, vou parando por aqui; quero colocar no correio essa carta. Hoje é sábado, de manhã; à tarde tenho convite para aparecer na TV (merda Excelsior), nem sei bem para quê; vou pegar uma praia também. Penso em você e envio as melhores vibrações (popeianas). *I love you.*

BEEEEIJOS (lembranças a todos)

Hélio

Lygia Clark.

Cité des Arts. 18, Rue de L'Hôtel de Ville. Paris, 4^{ème}.

20.5.1970

Meu querido,

Radiante com sua grande carta e ainda mais com a notícia de que vais expor em N.Y.!

Vai ser uma grande experiência e os americanos terão oportunidade de conhecer o seu trabalho que para mim é dos mais importantes em qualquer lugar do mundo! Estás com um grande cartaz: num jornal francês, o Restany te cita como o artista sul-americano mais importante, e também a Niomar⁵⁵ o fez, infelizmente colocando ao seu lado o Serpa como o maior pintor vivo do Brasil (!).

Tenho certeza de que você vai tirar a bolsa Guggenheim pois não existe ninguém com mais qualificações que você para isso. Te desejo a melhor sorte do mundo e marque N.Y., com sua passagem, pois a verdade é que lá é que acontecem coisas como nós fazemos e achamos importante.

Quanto à posição, *a priori*, de ser contra galerias, museus, etc., etc., não leva a nada de positivo a não ser criar uma nova elite, e como eu sempre lutei contra isso me recuso contra toda a pressão que me fazem nesse sentido. Acho que o que

fazemos é que é importante e teorias nesse sentido são muito boas para o crítico que nada comunica e pode se dar ao luxo de assim pensar. Por que eles não podem admitir que as coisas mudam e também as próprias instituições? Muita pretensão a gente achar que nós mudamos para melhor mas que do outro lado só querem nos "recuperar" para se dizerem *à la page*... Acho também que se não abriremos os olhos nem teremos mais condições para comunicar algo, pois muitos propositores estão se fechando para, no dizer deles, não serem recuperados... Eu pessoalmente topo tudo. Faço minhas proposições onde me convidarem, na rua, na minha casa e ainda no inferno se houver possibilidade! Recebi aqui em casa um grupo vindo de Grenoble, de mais de cem pessoas, misturadas com alemães, e ainda outro grupo de 35 jovens americanas que se esbaldaram nas minhas proposições. Recebi em seguida carta de lá me comunicando que estão fazendo por sua conta e risco o que viram aqui para comunicarem a outros jovens! Bacana, não? E essas americanas me foram mandadas por um *grã-fino burguês* que conheci em N.Y., na festa que fizeram para mim, onde fui tratada como se fosse uma [...] subdesenvolvida... Você vê como não se deve fechar nada, nem uma porta, nem uma oportunidade, nem gente só porque são burgueses, ricos, etc. etc.

Adorei o Caetano, Dedé, Gal e Capinan. Achei o Caetano maravilhoso e fiquei espantada, pois pelas fotografias tem um grande nariz, mas na realidade é até pequeno! Gal,

bonita e classudérrima, e Capinan, de uma grande sensibilidade! Foi uma grande experiência que fizeram e o Carlos Augusto saiu tão zozzo que se jogou debaixo do primeiro carro que passava, só faltou se quebrar todo para valer! Hoje fiz experiências na rua com crianças que adoraram e fizeram tudo na maior voracidade, pior que as surdas-mudas daí, e quase dei na cara de um rapazinho que queria botar fogo nos meus plásticos!

Nada sabia a respeito do caso Pedrosa! Conte-me em detalhe, pois, coitado do velhinho, não escreve nunca! Mande fotos para ele mas é pena pois duas mandalas maravilhosas que fiz e que considero a melhor coisa dessa fase ainda não foram fotografadas!

Uma é enorme e precisa de 15 pessoas inicialmente para armar a estrutura. Círculos em camadas de plásticos, ligados com elásticos em toda a sua volta. Do centro três sacos com três pessoas que sustentam a abertura para a penetração. Todo o mundo se põe ao redor, amarrado como o jogo do rúgbi, e quando se levantam as camadas do plástico, sai um barulho como um grande ha..... ha..... ha.....ha. Como se um grande pulmão abrisse seus enfolhos e começasse a viver: respirando. Na outra, só duas camadas de plástico, as pessoas entram entre as pernas dos que suportam a estrutura e recebem choques com o movimento do plástico que é elétrico... não sabia mas descobrimos no ato de habitá-la. Devo parar de trabalhar pois vou expor na Alemanha em junho. O

Guy aqui esteve e adorou tanto o meu trabalho que nem queria ir embora e prometeu voltar em maio, o que não fez. Me convidou para fazer uma grande manifestação em Londres, como a sua, para o ano. Será gozado pois as salas serão vazias e só vai existir algo na medida da ação. Pensei também em explorar as salas vazias com plásticos, mas que só se desenvolvem também à medida que as pessoas quiserem passar pela sala. Por exemplo: numa porta um rolo de plástico pendurado no teto que se desenrola na medida em que as pessoas fizerem esforço para entrar no espaço vazio da sala. Outro plano: rolos de plástico quase junto às paredes e, nessa espécie de corredor, as pessoas vão passando e desenvolvendo para o interior da sala, com o próprio corpo, corredores que cortarão o vazio em vários sentidos. Isso me lembra um projeto que havia proposto a você há tempos no Brasil, lembra-se? Um grupo de quatro pessoas no centro da sala com faixas de pano no corpo que iam se desdobrando ou se enrolando na medida da ação... Outra idéia: sala vazia, repleta de gente; uma pessoa que entra na sala traz pregado nas costas o plástico que vai abrindo caminho, separando gente, agrupando e formando células vivas que depois serão desfeitas. Que tal? Tudo com plástico transparente sem cor, quase como um ectoplasma que liga imaterialmente os corpos.

Nada conheço do Rogério e do Bressane. Quando aí chegar gostaria muito de conhecer toda essa gente e será formidável!

Desdemone aqui esteve aliás muito simpática e muito queixosa com respeito ao seu material. Me mostrou o seu bilhete que sugeria que eu pagasse com um *Bicho* e, num raro bom senso, ela me disse que achava absurdo eu pagar o mesmo desde que ele fora confiado a você e foi você que emprestou ao Eduardo. Sugeri a ela que escrevesse diretamente para o Eduardo para resolver com ele o problema, pois a responsabilidade *é dele, a meu ver*, e sua, no dizer dela. Enfim, veremos como isso vai se arranjar.

Recebi daí um artigo sobre um grupo organizado (...). Daqui a pouco estão cortando o próprio pau, comendo os culhões num ato verdadeiro de "barbarismo". Quanto a sua idéia de pista de açúcar na estrada, fiquei com muita pena dos pobres que gostariam de lambar o chão... o que aqui já me aconteceu! Aliás, num momento de grande penúria já me levantei de madrugada, tirei uma costeleta do lixo, lavei-a e a comi como um selvagem, mas era de fome, *não um happening*... Essa história me lembra a de um padre que aqui juntou muita porra de masturbação e a expôs dentro de um tubo de plástico, e o máximo que aconteceu é que acabou sendo expulso do convento pois *padre não se masturba* (!). Não chocou ninguém, deu muita fome em mulher sem homem e acabou sem batina nem nada. Continua evidentemente a se masturbar e é só. Essa arte de conceito me lembra muito essa história. Vi uma exposição do Lamelas⁵⁶ no Ivon Lambert e achei chatérrima, mais parecia o que se diz da *Montanha*

mágica: livro genial mas ultrachato! Por falar em livro, li um muito bom, *Lor*, de um tal de Blaise Cendrars, conheces? Diga ao Eduardo para comprar que ele vai adorar.

O americano escreve sobre o possível contrato mas o Krugiers, de Genève, está interessado em fazer a mesma coisa e por isso estou esperando para ver qual será a sua proposição.

Ele, o Krugiers, já está expondo em Balle *Bichinhos* meus para ver a reação do público. Recebi convite também para expor múltiplos na Arts Council of Britain em novembro e vou mandar também o nosso diálogo. O Guy deu ótima cobertura no *Times* sobre os múltiplos feitos pelo Jeremy Fry e parece que estão se vendendo como pão quente.

O Jean Clay como sempre formidável. Depois de vender uma escultura para o Museu de Grenoble, vendeu outra para o Museu de Arte Moderna de Paris, dinheiro que só receberei daqui a cinco meses mas certo: 2 mil dólares!

Radiante pelo Raimundo, o amado dos Amados, pela possibilidade de mostrar o seu filme em N.Y. Que bacana!

O Medalla está aqui, muito charme, muita sensibilidade, muita paranóia, mas por ora é só. Para mim o mais forte deles é ainda o Fitzgerald, que você conheceu em Londres! Se acha um "gênio", se recusa a trabalhar e vive tirando dinheiro de todo o mundo, só o meu é que não tenta pois tenho fama de ser dura como sempre o fui com o resto do grupo. Acho que todo mundo faz força para ganhar o seu dinheiro, e por

que não faz ele a mesma coisa? Acho graça, pois toda vez que o John vem aqui sem ele diz: o Medalla está atrás de dinheiro... no fundo ele trabalha mais ainda para pedir aos outros do que se fizesse uma caixa para vender! O garoto pede dinheiro a todo o mundo e está muito magro, coitado. Cada coisa nova que eles vêem eles dizem já ter feito mas não têm fotografias, *nenhuma documentação*. Dá para desconfiar, não achas?

O Laus⁵⁷ aqui esteve e deu na minha casa uma festa para os seus amigos; a Ceres veio e está magérrima, seis quilos a menos e com cara de doente. Não tem jeito não, de uma vulgaridade e burrice doentia, coitadinha! Tenho visto muita gente e quando fico sozinha acho ótimo pois *preciso muito de minha solidão*. Talvez para compensar o que dou na comunicação que é paca e até já perdi a minha medida e sou a dos outros. Boa troca pois agora sou *todos* e não eu só.

Vi um filme do Visconti, *Les damnés*, que é uma droga, e além disso mostra uma complacência enorme por todas as burradas do inconsciente: é um puto. Vi também *L'enfant sauvage*, e só mesmo o francês com todo o seu cartesianismo poderia justificar uma pseudo-recuperação de um maravilhoso bicho-menino que acaba sua vida no subúrbio de Paris sem ser gente, e nem bicho. Experiência das mais dramáticas para mim pois o menino é tratado como um objeto de pesquisa por um professor que é o próprio Truffaut, que é um grande canastrão! O garoto: um cigano adorável!

.....
Lygia Clark

Jamais trabalhei tanto na minha vida e com um pensamento tão claro. Quanto aos outros nada sei, mas de mim sei até onde o trabalho já me levou, mas vou "caminhando", estou viva, viva!

Helinho, meu anjo, por hoje chega. Estou exausta e vou dormir. Não deixe de passar por aqui ou Londres e bateremos aqueles papos imensos... temos muita coisa a nos dizer, aliás como sempre.

Te mando um grande beijo, e para os seus que também são meus, muitas saudades, mas muitas mesmo.....

Clark

.....
Rio de Janeiro, 2.8.1970

LYGIA,

Finalmente escrevo depois de tanto tempo; e ainda mais com urgência, pois penso que você pode ajudar em algo: Mário teve ordem de prisão preventiva (talvez você já saiba) decretada; se mandou, e Mary continua em casa, etc.; o que acho que poderia ajudar muito é o seguinte: como no caso do Hélio Pellegrino, pessoas (críticos, etc.) do estrangeiro que escrevam pedindo por ele pode causar efeito aqui; AÍCA, etc.; fale com Jean Clay; estou escrevendo para Guy Brett; talvez o Clay possa telefonar para ele e combinar uma investida em conjunto, etc.; são ossos do ofício (como se diria, bem lugar-comum) neste paraíso surrealista; nem mesmo eu sei onde nosso amigo está, mas sei que está bem; solto; a mim, me deprime tudo isso; Mário tem até visto de saída pois foi ao Equador este mês; as pessoas brincam com fogo aqui, jamais deveria ter voltado de lá, conforme o advogado dele avisou; de qualquer jeito Mário teria que estar no Canadá no mês de agosto (dia 15), onde vai participar de um troço com MacLuhan, etc., mas, como você já sabe, a "calma" do casal Pedrosa é de espantar; Mary diz assim: "não é a primeira, nem será a última vez"; mas, loucos, nem vêem os

perigos ou vêem mas acham que são corajosos; mas, no mais, tudo bem; há um lado, o que funciona aí, que é positivo; mas só terei descanso quando vir Mário fora do país, em New York.

Lygia, cheguei aqui de volta de New York dia 19; fiquei um mês; a exposição foi o maior sucesso e realmente sinto que desta vez sou respeitado de verdade por todo o mundo de arte; os americanos são mais vitais e estão mais interessados em tudo; Perreault é maravilhoso e lhe adora, fala em você sempre com todo mundo, etc.; pra mim, foi um cartaz louco, pois tive um espaço enorme e gastaram mundos pra fazer o meu plano, nessa exposição que é a mais importante de verão em New York, e das mais do ano; ainda me deram a passagem e 400 dólares de estadia por duas semanas; acabei ficando um mês, porque tinha ficado com Gerchman; ficou incrível a construção da experiência *Barracão 2*: a quantidade de gente que aparece é louca; os filmes passam numa máquina grande da Olivetti, inclusive os de Raimundo Amado e Barrio (que adoro); Perreault escreveu bem à beça sobre o troço no *Village Voice*, e as pessoas mais importantes perguntaram por que eu não apareci antes em New York; veja você, ainda consideram um favor tomarem conhecimento da coisa (favor meu pra eles), quando é, para mim, o oposto. Quando cheguei aqui, imagine o que aconteceu: recebi comunicação de que tinha ganho a bolsa Guggenheim, o que vai me possibilitar morar em New York por certo tempo, o que vem ao

encontro de todos os meus planos. Adoro aquela cidade e é o único lugar do mundo que me interessa. Outra coisa: terei um grande apartamento no East Village, onde poderei receber gente, hospedar, etc. com a auto-suficiência que sempre me faltou; sinto-me livre, de repente, e isso me agrada bastante; essa viagem e agora a perspectiva de voltar me deram tais plás, que parece que estou vivo outra vez; depois de trabalhar aqui completamente desrespeitado e sempre “à margem”, aturar indiferenças, etc., você imagina quanto bem não faz ver que há pessoas capazes de entender e amar o que se faça; fiquei num tal delírio ambulatório que não parei de andar dia e noite pela cidade; Gerchman ficou louco pois eu não dormia e mal tinha tempo de comer; bacana à beça; Perreault é o maior fã que você tem; adorou (e eu também) as fotos que você mandou: é das poucas pessoas que podem ver a profundidade e a grandeza do seu trabalho.

Gerchman mudou para o *loft* no Bowery; foi a maior aventura e acho fantástico que ele e Ana a tenham executado. Só o tempo de dois meses e o dinheiro gasto na reforma, ou melhor, na faxina pra tornar o *loft* habitável, pois era uma antigo hotel de *bums* (bêbados) do Bowery. Lygia, a primeira vez que fui lá, pensei que estivesse entrando num cenário de Bosch: mil corpos pelas ruas, com mijo, sangue, feridas, lixo, garrafas vazias aos montes, e as pessoas avançando pra pedir dinheiro, etc.; imagine que eles tiveram que dar banhos de ácido muriático no banheiro, pintar, rebocar, raspar, etc., dois

meses sem parar, pra sair o cheiro milenar de mijo que havia no ambiente; todas as vedetes da arte americana moram por ali agora; os bairros de dentro são italianos e porto-riquenhos; logo dois blocos ao norte, o East Village (para onde pretendo ir), onde todos pedem dinheiro na rua também porque estão viciados irremediavelmente em pico, etc.; a barra é realmente única.

Achei Gerchman meio deprimido quanto a trabalho; meio perdido talvez; mas isso é importante, pois acho que ele deverá sofrer uma mudança forte mesmo. Ana ganha bastante fazendo desenhos pra tecido, o importante é que optaram por ficar e lutam por isso; Rubens acha que dei sorte a ele, pois muita coisa começou a aparecer, inclusive emprego numa escola pra ele. Aqui, tudo anda cada vez pior, e seria um desastre voltar. Amílcar vai ficar também, pois arranjou algo na Universidade da Filadélfia pra fazer (aula de arte, sei lá); achei-o bem, mas muito desconfiado de mim; não me convidou nem uma vez pra casa dele, e nada comentou sobre a minha coisa no Museu; sei que deve ter detestado, está cada vez mais "mineiro": fechado e na defensiva, e é impossível se estabelecer um nível de discussão com ele; nós, como vivemos de discussão sempre, não podemos entender isso muito bem.

Lygia, estava para lhe explicar algo: aquela coisa que você recebeu do Frederico⁵⁸, sobre a experiência de Belo Horizonte, nada tem a ver comigo. Não participei da coisa, o que

aconteceu foi que propus Lee, esse amigo meu americano, com a coisa que ele queria filmar — trilha de açúcar e as mudanças que se passariam nessa trilha de hora em hora; isso, quem conhece minha evolução e minhas idéias vê que nada tem a ver comigo; pois Frederico teima em usar meu nome nessa manifestação, como se Lee⁵⁹ tivesse ido lá para me representar ou coisa parecida; ainda por cima me usam nos jornais, etc., em artiguinhos sublitteratos mencionando a "miséria brasileira" e outras coisa reacionárias; o que gosto mesmo é da coisa do Barrio⁶⁰, que esteve representado nessa exposição de New York também, aliás, ele fez filmes curtos e o pessoal gostou muito lá; imagine que eram tantos filmes projetados na tal máquina, que quase não vi nenhum; gostei muito do *Empire State Building* do Andy Warhol, e vi um outro dele chamado *Ondine's loft* na casa de um dos atores, que é amigo do Gerchman e que aparece nu no filme. Tenho planos para meu filme, e talvez filme aqui muitas das seqüências-episódios antes de ir, e leve o material para acabar lá: nada de montagens, dublagens e toda essa merda de cinema acadêmico; vai ser tudo direto; Luís Fernando, um amigo meu, quer produzir a coisa; vai ser em 16mm; os episódios são muitos, vão crescendo, por isso acho que não poderei fazer tudo dessa vez, mas algo feito já será alguma coisa; enquanto isso estou fazendo coisas pra ganhar dinheiro: capa de disco de Gal e filme do Fontoura.

Estou pensando em alguns planos de fazer coisas nos parques em New York, com Perreault, etc., quando for; vou estruturar uns planos e propor a ele assim que chegar lá; quero fazer uma comunidade; o pessoal daqui vai todo pra lá, mais cedo ou mais tarde; assim, poderei produzir algo que valha a pena enquanto é tempo, nos States; lá me sinto livre e com vontade de trabalhar.

Dê um abraço no Carlos Augusto; vocês namoram ????????

Diga a Sérgio Camargo que vi o Banco do Brasil em N.Y. com os relevões lindíssimos; até que enfim se vê alguma "instituição" brasileira com algo que preste dentro; eu, como sempre, passo meio de longe, pois de brasileiro já basta o que se tem que aturar aqui. Fora do país, só falo com brasileiros amigos ou excepcionais, pois aparece cada abacaxi!

Conte-me tudo daí; adorei sua carta com as descrições incríveis das coisas, as fotos ficaram tão lindas!

Guy Brett telefonou para New York e falou meia hora no telefone; disse que Medalla estava fazendo algo com você e que ele, Guy, ficou impressionado com suas coisas; disse que o David tratou-o muito friamente, etc.; as bonecas estão "de mal"; conte-me muito sobre o David, pois é dos caras que mais gostaria de conviver com; deve estar um tremendo barato por aí.

Nunca li Blaise Cendrars; cheguei à conclusão de que não li nada apesar de viver lendo; agora estou lendo os grandes livros novos americanos, de protesto, mas protesto de verdade:

Woodstock nation do Abbie Hoffman, que é um dos "sete de Chicago" e o grande líder da contestação americana: é um livro genial, ele constrói todo um pensamento nos fenômenos *rock*-políticos americanos, como o festival de Woodstock (vi o filme, é lindo) e outros milhares de festivais que se sucedem a cada semana durante o verão; fui a um numa ilha (Randall's) perto do Harlem, em N.Y., e foi incrível, tinha de tudo: as pessoas, nuas, fumavam em frente à polícia, fodiam, faziam tudo; me senti otimamente, pois a comunicação entre as pessoas era total; cheguei só, e saí com muitos amigos e uma namorada preta e gorda, com uma cara linda e de turbante; ficamos na maior libidinagem durante todo o concerto que acabou já de dia, com Jimi Hendrix, o maior dos maiores; New York é bacana por isso: as pessoas se amam, não importa o sexo, se falam sem precisar apresentação, etc.; ninguém liga pra nada, pede-se dinheiro à beça na rua (Medalla é que adoraria; com todo aquele charme, até eu daria dinheiro — e cobraria bem caro, ha, ha, ha!). Um dia, resolvi não sair com dinheiro, pois estava gastando demais; de repente senti fome e estava com preguiça de voltar pra casa; então resolvi pedir a um cara, num carro, e ele me deu dois dólares; genial! nunca ganhei tanto dinheiro tão facilmente, ha, ha!

Vi Eduardo tirando fotos pro *Última Hora* no Teatro Cimento Armado, numa noite de festival Curtisom aqui; tinha gente à beça, Macalé foi o grande da noite e aclamado em delírio, mas isso não era festival cretino e sim de

música *pop*; agora vão fazer um na Ilha do Fundão, dia 7 de setembro; faço idéia do que não acontecerá! Pois o pessoal tá ficando com a corda toda e daqui a pouco, quando virem o filme de Woodstock, que está pra passar aqui, vão começar a tirar roupa, etc., e aí a barra vai pesar, ou não, não sei; realmente tudo aqui é imprevisto; não sei mais nada, nem de nada.

Estão pra sair fotos do *show* da Gal aqui e dos troços que bolei pra isso; vou lhe mandar algumas; ficou lindo e fizemos filmes em Super 8. Lygia, compre pra você, quando puder, uma Super 8; é incrível que é tudo ao alcance da mão, e a pessoa sai filmando (é baratíssimo) e pega coisas que você nem imaginaria pegar; é como um segundo olho (visão).

Vou colocar isto expresso no correio; discuta com o Clay o assunto do Mário; fale com ele sobre minha bolsa e diga que vou escrever agradecendo as prováveis referências que ele deu pra eles (chi, preciso ligar pro Schemberg!). Depois escrevo mais.

MIL BEIJOS de quem lhe adora

Hélio

Lygia Clark.

Cité des Arts. 18, Rue de L'Hôtel de Ville. Paris, 4^{ème}.

11.8.1970

Meu querido,

Por pouco a sua carta não chegava às minhas mãos. Primeiro porque o endereço estava todo errado! E depois porque estou de partida, no domingo, para a Espanha, onde todos estão, Jean Clay, Soto, Tahis, Hackie, etc. Estava estranhando falta de notícias suas e até havia reclamado numa carta que escrevi ontem para Sônia! Estou radiante com a notícia de que a bolsa saiu para você!!!

Formidável e também é ótimo que seja agora, depois da vitória Londres e N.Y...

Você terá o único campo possível para gente como nós que fazemos as nossas proposições. Aqui ainda é zero comparado a N.Y. Vamos pôr ordem nessa carta senão não dá pé. Falei com o Camargo pelo telefone e ele disse, aliás, o que já sabia, que todo o mundo está fora de Paris. Falarei com o Jean Clay assim que chegar à Espanha e te escreveremos em seguida, isso para o nosso grande amigo. Quanto ao seu sucesso em N.Y. jamais duvidei e sempre achei que você é dos artistas mais importantes atuais e o seu lugar é lá! Imagino a gratificação que você teve e está tendo depois de tal sucesso... Veja se você consegue se fixar lá *em definitivo*. Estou contigo.

Eu tive o maior impacto com N.Y. e acho que é o único lugar do mundo onde acontecem coisas vivas e importantes. Bom que o Perreault gostou das fotos embora não se possa sentir o problema sem fazer a experiência. E depois tudo é dobrado e o desdobrar-se faz parte da experiência. Já estou me sentindo um pouco sabida demais em relação a esses últimos trabalhos. Vou cavar uma crise com certeza para sair para outra coisa e, se não puder, pararei simplesmente de propor algo, mas só o farei se parar sem sentir perda e angústia. Gerchman não me escreve há muito tempo e torço para ele e Ana! Acho também bom que ele esteja em crise pois tudo que ele e Antônio Dias fizeram até agora tem qualidade demais. É preciso que eles errem para encontrarem um caminho pessoal e único! Parece que o Dias está fazendo coisas como o Ferreira Gullar em 1960... Não vi mas me descreveram e parece que há algo de verdade dentro. Estou numa boa fase de futuro. O Krugiers está estudando um contrato com múltiplos meus para me dar uma renda certa por mês. Vendí uma escultura para o Museu de Medellin, Colômbia, por 2 mil dólares, o que vai me permitir viver um pouco menos apertada, pois o dinheiro do meu emprego vai acabar e papai concordou em me mandar 300 dólares por mês até dezembro. Começarei o tal curso de pesquisa com os jovens arquitetos em outubro e parece que eles pagam 300 dólares por mês e por cada conferência ainda outro tanto. Imagine eu fazendo conferências sem saber falar bem o francês... Dei o seu endereço para um francês muito inteligente chamado Michel que procurou por

11.8.1970

o senhor mas parece que não conseguiu falar com você. Queria o seu telefone daí pois, se ele voltar ao Brasil, é aviador mas inteligentíssimo, ele gostaria de te conhecer. Eu lhe disse que você é a personalidade mais impressionante da realidade brasileira!...

Não namoro o Carlos Augusto, de onde você tirou isso? Quanto ao Medalla, não estou fazendo nada com ele. Ele queria me usar, como sempre faz com todo o mundo, e imagine que em Londres ele mandou o seu amigo dizer ao Guy Brett que estava comprando um barco com eles... me usaram até nisso e fiquei safada da vida. A mim não interessa grupo. O meu grupo são as pessoas que aparecem quando faço um espetáculo e é todo aquele que participa e aquele que também não participa. O Medalla me fez de paca e compraram um barco de um americano me levando lá como se fosse uma milionária bem vestida, ao lado deles que estão vestidos sempre como *clochards*... Cada vez que dizia não querer fazer parte de grupo ele concordava como bom oriental para me pegar na curva mais adiante. Colou tanto que resolvi dar o basta, o que fez com que ele sumisse completamente. Foi pena por um lado, porque a solidão aqui é de amargar, mas ainda prefiro ficar só a ter que sempre dizer não, não e não para depois ser pega noutra curva como aconteceu várias vezes! Acho que vocês não se dariam nem um dia. Ele é muito vedete, quer ser sempre o líder e muito inteligente para, invertendo as coisas quando interessa, depois retomar tudo a

seu modo. O Guy disse a Vera, que passou por aqui, que vai me propor uma grande exposição para o ano em Londres e que adorou a minha última fase. Grande e querido Guy! Contarei ao Jean Clay todo o seu sucesso e ainda a notícia da bolsa. Vai ficar radiante! Ainda bem que você viu o Eduardo trabalhando. Tive notícias de que ele está muito feliz! Vi *Woodstock* e adorei o fenômeno, a música a mais violenta e acho que deve estar acontecendo pela primeira vez na América o fenômeno de uma síntese. Não é à toa que é a primeira vez que existe uma música americana mais direta sem influência da negra (é verdade?) e vi no filme o lado índio americano e o lado do faroeste nos tipos jovens, o que adorei! Tanto mais violenta de ritmo mais adoro essa música. Estou começando a ler uma mulher com boa cara chamada Simone Weil. Uma mística das antigas eras mas que o Michel acha que eu estou passando também por uma grande experiência mística na medida em que sou o outro. Imagine uma experiência mística e erótica ao mesmo tempo, mas um erótico nada transcendente e camuflado... Aconteceu um fenômeno incrível essa noite. Depois de começar a ler o tal livro, e ela usa muito a terminologia do vazio pleno, e também outros termos que uso, só que em uma outra concepção etc. e tal. Dormi. Acordei duas vezes à noite e, aterrorizada, percebi uma luz difusa dentro do quarto... no duro e pela primeira vez tremi de horror. Mesmo na Praia da Rasa, quando aconteceu aquele fenômeno, lembra-se, de minha cama ter sido

levantada e batida no chão, não tive tal medo... Acho que coisas começam a se remoer dentro de mim e devo passar ainda por grandes transformações! É duro, mas o que se há de fazer? Devo estar agora com 15 aninhos de idade.

Terei tempo de ficar adulta antes da morte? Poderei amar ainda na minha vida? Ou isso me foi tirado na relação direta sendo eu "o outro"? Até no ato do amor é como nos últimos trabalhos. Soergo como as camadas de plástico, tomo a estrutura proposta pelo outro e sou na sua medida para depois cair no plano sem forma definida, sem fisionomia própria até o fenômeno tornar a acontecer, o que pode ser com o mesmo parceiro ou outro que apareça... Passei ou ainda passo por uma vivência nada gratificante. É como se tivesse perdido minha cara. Me vejo em todos, podendo ser todos, tal a identificação, menos eu própria! Estou à procura da minha cara e tem dias que me encontro, mas é raro e espero o dia lindo em que poderei fixar minha fisionomia tal qual é e aceitá-la na maior alegria.....

É isso, meu anjo, a sua amiga é assim mesmo e se faço o que faço é porque assim o sou, e nada a fazer de melhor do que ser-se sendo o outro.

Tê mando o maior abraço do mundo e espero notícias suas. O endereço de Carboneras é a/c de Jean Clay. Almería. Carboneras. Espanha. Escreva! Mil beijos de quem muito te ama e demais!

Clark

Rio de Janeiro, 19.10.1970

Lygia, meu amor, até que enfim consigo escrever algo pra você ou pra quem quer que seja; tudo está atrasado cada vez mais e não consigo definir datas nem horários. Michel é um cara tão bom e legal, e adoro quando ele aparece, principalmente porque é uma pessoa que, como eu, lhe adora; espero que tudo esteja bem por aí; recebi também convite para a tal exposição de múltiplos em Londres, e mandei um projeto de capas feitas no corpo, como as que fizemos em Sussex ano passado, mas não sei se toparam ou não; recebi convite também de Buenos Aires (Glusberg), mas como estou me preparando para ir pra New York, mandei projeto de uma piscina (semelhante ao que fiz aqui em *Orgramurbana*, no aterro há dois meses) e Waly, um escritor que está aqui em casa (baiano e amigo de Caetano; estou fazendo a boneca do livro dele; os textos são geniais: quando estiver impresso, ele lhe manda um exemplar, é seu fã) fará filmes em Super 8 durante o tal acontecimento que deverá ser no parque; Mário Pedrosa estará lá, pois já havia sido convidado (segue do Chile pra lá); fora isso, o que tenho feito é a capa do disco de Gal, que está lindíssima: o “cabelo” são milhões de fotos em tamanho de contacto, e a cara pela metade na borda do disco, de modo que quando o disco é retirado parece que está saindo da boca. Na série de fotos pequenas, escolho tudo o que

Hélio Oiticica

seja uma referência poética, virtual, nada de coisas “ligadas a Gal”, mas imagens sem limite: uma das fotos é do seu trabalho (uma daquelas que enviou para Mário), que aí funciona também como uma homenagem; espero que você goste; estou adorando fazer este trabalho, pois ao menos é algo em que posso ganhar dinheiro e algo “real”, que pode ser feito; isso é o que me agonia aqui: encontrar algo palpável, que não se limite à mente das pessoas; tudo parece ser “planos”, nada de real, de vivido; além disso, os horrores que acontecem (Michel deve lhe ter contado). Sua carta é tão incrível que me perco nela: vital, muito você; adorei tudo o que disse sobre Medalla, já conheço bem o tipo; o meu fascínio por ele é mais ainda porque não convivi com ele: conheço-o de fotos, cartas, e ouvir dizer, o que faz o “mito” Medalla em mim, mas talvez você esteja certa de que não me daria nem um dia com ele; não sei, mas me cansa essa coisa de as pessoas se assumirem importantes quando não estão com nada; aliás, mesmo que estivessem; mas o que ouço mais é falatório: tenho planos disso e daquilo e nada se vê, a não ser “cavar” dinheiro quando precisam, sem dar nada, sem propor nada; chega, isso tudo me cansa; não que seja imprescindível sempre propor algo ou mesmo fazer, mas o que há é que só funciona um lado: sugar quando precisa e nunca dar quando pode; assim realmente não dá pé; pobreza interior, vazio-vazio, etc.; realmente é preferível a solidão à convivência pobre; em se tratando de intelectuais, pior ainda; vivo dizendo aqui agora: quero que se fodam; enquanto todos fun-

dem a cuca, saio dizendo “chau, chau” pra New York; todo mundo se diz “discípulo” meu, etc., mas na realidade não sabem o que penso e nem mesmo o que já fiz: tudo é puro folclore promocional. Vão se campar, mas a mim não pegam; a pior coisa é a burrice reinante. Lygia, é inacreditável! O fim.

Adorei seus planos e tudo o que diz; como foi a viagem à Espanha? Caê adora a Espanha e também esteve por lá; telefonaram de Londres e só pensam em passar dois meses na Bahia, mas estou certo de que terão tanto aborrecimento que nem imaginam; fora do Brasil pensa-se somente em matar saudades, etc., mas é que o tempo passa e a burrice-opressão aumenta. Muitos amigos de Caê e Gil, meus, etc., uns se mandaram, outros presos, outros loucos, internados; é horrível tudo isso, somado ao folclore local! Rogério Duarte, a quem amo demais, ficou atacado e pediu-me que desse solução: fez tratamento em Engenho de Dentro durante duas semanas e melhorou à beça; agora está em São Paulo com a tia, fazendo filme e tudo; as relações dele com as pessoas são assim (arquetipos o tempo todo): eu sou Cristo e o Sol, Rose é Deus, meus amigos e os dele são apóstolos, e no filme que bolou comigo (eu como ator) eu sou Cristo que constrói a cruz o tempo todo: a cruz é feito os *Ninhos* em forma de cruz (lindíssima a estrutura que foi desenhada pelo próprio), e tudo se passa na construção dela e dentro — em volta dela; bem, quem quase ficou louco com tudo fui eu, pois durante as filmagens de que participei, tudo aconteceu; mesmo assim tem sido bacana; não sei quais os resultados; ninguém pode

saber; mas ao menos Rogério procura fazer algo, pois antes estava impossível: linguagem simbólico-freudiana o tempo todo, a não ser quando se procurava estabelecer uma relação afetiva maior (amor), o que é difícil também, pois ele procura sempre “divinizar” as pessoas; creio que agora, pra ele, viajar seria o melhor.

Michel chegou, mas com mil coisas nos encontramos muito pouco; ele esteve muito com Eduardo (o fotógrafo de maior charme da cidade); acho-o muito inteligente e bacana: lhe adora! Pena que vocês não viram os Rolling Stones aí; foi genial. Realmente, as coisas que mais me interessam como “espetáculos” são essas de música: não se as vê como algo feito como espetáculo, mas há essa coisa de um todo (que acho velha, isto é, conceito velho: todo, etc., mas aqui ainda cabe pensar nisso, uma vez que detesto teatro ou coisas em que tenha que me concentrar para aprender algo); em música (Woodstock, e como esse festival há milhares toda semana, cada vez mais) não se precisa concentrar, etc., o que me revitaliza de um modo incrível; faça a experiência e veja; adorei tudo o que disse sobre *Woodstock*; é realmente lindíssimo; imagine que, no último dia dessa vez em New York, fui a um estádio e vi inclusive o Jimi Hendrix: viu que maravilha no fim de *Woodstock* o solo dele? Creio que nunca mais aparecerá um guitarrista desse nível; é demais!

Gerchman me escreveu e preciso responder; ele me ofereceu um apartamento por 150 dólares mensais, de uma

19.10.1970

amiga dele que está em Londres, e é mobiliado e tudo; mas não quero: quero chegar e não morar em nada com móveis e de amigas de ninguém; quero um lugar grande e vazio, onde eu possa criar um ambiente pra viver, etc.; adoro Gerchman, mas tudo o que me fala pertence a um mundo no qual não me coloco; sei lá, as ambições são outras, os valores idem, sabe como é; pela primeira vez terei oportunidade de viver como quero totalmente, sem dependência direta em nenhum esquema: ele ainda fala muito em obras, trabalhos, etc., isso me cansa; quero fazer logo lá alguns filmes, não sei o que são, não me interessa que sejam obras ou não, quero também planejar algo no Central Park para abril ou maio (penso em sua participação como das poucas importantes, vamos ver se se consegue algo dessa vez); o que me cansa é ter que lidar com pessoas desligadas disso tudo; sou muito cruel; só sei falar com quem entende, em qualquer nível, estou farto de "explicar" coisas, lembrar conceitos, etc., e artistas me enchem; o que quero em New York é começar tudo do zero, comigo mesmo, nova vida; amar demais, estar só ou bem acompanhado; que acha?

Meu amor, vou terminar; Jorge vai levar essa carta agora pra Michel no Excelsior, pois ele sai às 16h. (Jorge mora aqui também; é irmão de Waly, que também está aqui; são geniais; Nando, que estava aqui, está preso em Bangu mas deverá sair esta semana).

I love you, mil beijos. Escreva logo.

Hélio

Lygia Clark.

Cité des Arts. 18, Rue de L'Hôtel de Ville. Paris, 4^{ème}.

22.10.1970

Meu querido!

Sua carta como sempre foi para mim um enorme prazer. Você ainda é das pouquíssimas pessoas que admiro realmente como um grande artista e também como personalidade. A mediocridade é quase total e às vezes me sinto falando num deserto e já não tenho a mínima comunicação com artistas como Camargo e parece que somos de outro planeta, tal é o desencontro em tudo que toca à arte e também evidentemente à vida. Para mim a fusão das duas coisas está se fazendo e Carboneras foi para mim fundamental, pois lá vivi, numa só noite, o primeiro choque direto vindo de percepções da vida e passei lá uma noite alucinatória como se tivesse tomado L.S.D.! Não me é fácil contar o que se passou, vai além de tudo que posso dizer.. Quando estava ainda no avião o primeiro impacto foi do solo que se abria como se fosse o começar do processo do mundo. Quando descii do avião senti um calor interno como se tivesse engolido um tijolo quente e senti que havia começado em mim um processo interno imperioso e profundo do inconsciente. Na primeira noite meu consciente se abriu de repente como o próprio solo e tive toda sorte de alucinações que podes imaginar. Com uma tal

violência que pensei em ficar louca ou morrer. No caminho para Carboneras, tomando um táxi, antes dessa noite, senti uma sensação estranhíssima. Era como um sonho que havia tido há tempos: estava voando no rabo de um pacote no cosmos, na garupa de um demônio, e toda a atmosfera era vermelha... O táxi era o foguete, o chofer era o demônio e tudo a minha volta era a terra em processo contínuo se fazendo a todo instante, e essa viagem, que era de 70 quilômetros, eu a vivi já como uma eternidade! Pois bem, nessa primeira noite a alucinação começou e eu vi uma forma fálica ultra-arcaica, que no dizer do Carlos Augusto poucas pessoas conseguem ter dela uma percepção! Vivi cada minuto como horas e escutava gritos da criança que havia dentro de mim pedindo socorro! Pegava nas minhas unhas que continuam grandes e me dizia rangendo os dentes, cagando de medo: mato essa menina mas não roerei as unhas... pois bem, matei essa criança essa noite. No dia seguinte, ao me ver no espelho, vi uma imagem que havia envelhecido 20 anos, toda cavada; pensei em Goya, e senti como se todos os meus ossos estivessem torcidos dentro do meu corpo e como se minha carne estivesse se descolado dos mesmos. Saí para a varanda e senti tudo como mercúrio! A água, o ar, a areia e cada som que apreendia entrava no meu corpo com uma agudeza tão extraordinária que ia até o fundo de mim mesma. Assombrada, vi uma manada de bodes pretos com olhos rasgados até as orelhas cor de ouro e pensei que eram os demô-

nios soltos que vinham ao meu encontro... Desci de gatinhas o morro pois não tinha forças para andar e peguei na água que virou água, respirei o ar que virou ar, e peguei na areia que se tornou areia outra vez... Só o solo continuou a ser processo e mesmo no dia que de lá saí não o podia fixar pois tudo se movia! Passei três noites sem dormir e na quarta comeci a bocejar e a chorar de tanto sono e senti que havia entrado dentro de mim outra vez e dormi pra valer. No dia seguinte, quando me vi no espelho, descobri maravilhada que minha cara, que há muito havia perdido, estava lá, olhando para mim e doce, Hélio, como nunca havia sido... que alegria senti; foi como se me reencontrasse depois de viver “o outro” tanto tempo, e hoje me sinto eu mesma! Depois disso me pergunto se ainda precisarei fazer proposições, pois o que preconizo — arte-vida — já foi “declanchado” diretamente em mim nessa noite!

Estou tranqüila. Nada de angústia e sinto na vida já por várias vezes esse estado como se estivesse drogada, mas sem essa violência, sem medo, com uma extrema alegria; e o melhor é que depois não sinto o estado depressivo, senão seria uma ciclotímica... Penso que o meu caminhar é maravilhoso, pois agora já não sei o que vem antes, se é a arte em forma de proposições ou a vida que, de repente, se despenca dentro de mim e me traz esse estado de supersensibilidade! Conservei depois dessa experiência um olhar meio espantado; acho que depois disso nada mais poderia me dar um choque, e às

vezes, quando sinto o meu interior, as pessoas me olham espantadas, pois devo traduzir no meu olhar essa espécie de visão do meu interior; mas me disse o Carlos Augusto que essa noite que poderia desestruturar qualquer pessoa para mim foi o oposto, saí dela mais estruturada do que jamais o fui e fechei um ciclo...

Quanto ao resto: Guy aqui esteve para me propor uma exposição em Londres, na Hayward Gallery, que, diz ele, é o lugar mais importante de Londres, mas para ser feita daqui a dois anos. Caríssimo Guy, como o adoro e admiro. Que delicadeza ele traz inserida nele mesmo. Que sensibilidade para as coisas, pessoas e situações... Falamos muito de ti como sempre, da sua importância e ainda da sua personalidade que põe todos no chinelo e os coloca na sua mediocridade... Michel, um querido amigo, e Violeta⁶¹, com sua família que virou também minha família aqui, e três jovens venezuelanos que admiram o meu trabalho e me ajudam a fazer os múltiplos de Londres. O resto é silêncio. Ainda resta o Cruz Diez, que de longe me acompanha com carinho e admiração, e Jean Clay, que faz o que pode para me ajudar.

Radiante com as notícias do Eduardo. Mandou-me de presente discos maravilhosos e fiquei muito comovida, pois sei que já é do seu dinheiro, ganho agora por ele! Vou começar a aprender o inglês o mais rápido possível, mas para isso é preciso que ganhe dinheiro, pois ando pobre como Jó! O tal curso para os arquitetos deve começar em novembro e

o tal *atelier* da Ville de Paris, se sair, sairá nessa semana. Devo me mudar e nem sei ainda para onde... Michel, que aqui esteve ontem, está disposto a me ajudar a fazer toda a mudança. Imagine que é uma mudança de dois anos, mas é como se fosse de dez anos, tal é a quantidade de coisas que fiz e material que recolhi para futuras proposições, se é que ainda as farei...

Mande para mim a capa da Gal em que entra uma foto do meu trabalho e também gostaria de escotá-la, pois a dizem genial. Para mim o rei é o Jorge Ben mas existe ainda Caê e Gil e Paulinho da Viola e ainda Roberto Carlos... Quanta gente boa em música; é fantástica a música brasileira! Medalla reapareceu como se nada tivesse passado e isso eu gosto, prova que ele é forte. Sempre embrulhado e embrulhando tudo. Nunca se sabe onde se está perto dele. Só fala agora no instante, no precário, no efêmero...

Quando você me conta que coisas horríveis aconteceram com os seus amigos, acho muito positivo, pois prova que é gente que tem uma porrada de coisas para dizer! Aqui é o contrário: todos estão bonzinhos, de uniforme, precisando de uma loucura para tirá-los dessa mediocridade, mas ninguém ousa botar os pés para fora dos cobertores, *todos estão mortos!* Os seus estão vivos na própria loucura, na própria extrapolação, e é daí que sairá qualquer coisa de vital e não daqui... Ando farta de gente certinha; já prefiro um Engenho de Dentro onde entra um fabuloso Rogério Duarte, onde

Lygia Clark

um Emídio se expressou ou um Rafael come lápis e fezes, mas que maravilhoso personagem, e o que expressa é magistral!

Mil beijos para você e me escreva, pois com você ao menos posso me comunicar.

Todo o meu amor que é intenso, enorme e total...

Lygia

Rio de Janeiro, 7.2.1971

Meu querido,

Recebi ontem o seu cartão gigante com a Estátua da Liberdade. Que lindo! Já estava devendo a você resposta de um outro que recebi em Paris. Andei mal, muito mal... tive uma grande crise de pedras nos rins e, se não fosse a Violeta, teria morrido, pois nem dinheiro tinha para ir para um hospital. Passei dez noites e dez dias chorando, vomitando e gritando de dores, emagrecendo nesse período cinco quilos. Tive a segunda já no meu *atelier*, sozinha, com injeção pronta para me picar se fosse tão violenta como a primeira, mas essa foi suportável. Vim aqui para ver se a tal pedra havia saído e se tinha outras. Felizmente os exames deram que meus rins são de broto e agora falta fazer outros com um ginecologista. Tratei dos dentes, tinha dois quebrados com nervos expostos, e voltarei nova em folha para a Europa. O meu grande problema agora é dinheiro, pois terei que pedir licença sem vencimento do meu emprego. Me ofereceram trabalhar na Galeria Debret em Paris e tive que recusar. Papai ameaça me retirar os 300 dólares que me mandava até agora lá. Não sei como me virar mas uma solução tem que aparecer. Aqui não poderei mais morar e meu lugar é lá. Quero notícias suas de

trabalhos e espetáculos. Não deixe de começar rápido pois o tempo passa e podes, com os resultados, pleitear outra vez essa mesma bolsa que é a melhor do mundo...

Pena você não ter levado algumas caixas e objetos daqui, acho importantíssimo não só porque são vendáveis mas também para dar uma medida do seu passado de pioneiro. Isso é mais importante que se pensa! Se não puder mandar buscar por que não realiza algumas aí? Lembre-se que se para você são coisas do passado para muitos jovens será ainda muito importante essa medida. Lembre-se que muita gente está fazendo coisas parecidas mas sem nenhum pensamento e as suas são notáveis! Pense, pense e pense! Gullar aqui estive e fez uma entrevista comigo supergenial para o *Estado de S. Paulo*. Fala em você também na entrevista. O Caetano passou por aqui deixando um brilho de astro por toda parte. Falei com ele pelo telefone mas não o vi, que pena... Eduardo continua muito bem na fotografia. Graças a você, que o pôs em contato com o Paulinho. Fui ver o *show* da Gal e achei sensacionalíssimo! Seu arranjo ficou espetacular, pois dá uma mobilidade a ela num palco minúsculo e isso foi importantíssimo para a dinâmica do *show*! Diga ao Jorge Mautner que lhe devo resposta a uma belíssima [carta] que me escreveu, mas pelos mesmos motivos que lhe dei ainda não pude responder. Achei-o formidável e tão genial com os sonhos que me contou depois de fazer minhas experiências... Estou tentando fazer um grande *Trepante* para a casa do Zé Luís mas

as dificuldades para realizá-lo são imensas! Tudo é difícil. Raimundo parado, sem verba nem nada. Franz Weissman numa grande fase — obra aberta que vai realizar em tamanho gigante para Antuérpia. Está muito feliz. (...)

Te mando todo o meu amor que é como certas águas, profundo, livre e imenso.

Clark

Lygia Clark.

Cité des Arts. 18, Rue de L'Hôtel de Ville. Paris, 4^{ème}.

10.2.1971

Meu querido,

Recebi seu cartão mas é um cartão de um sádico, pois levei horas para decifrá-lo!

Por favor me escreva à máquina, pois sua minúscula letra é ilegível... Ontem o Romero Brest esteve aqui para me convidar para uma exposição que ele pretende fazer de artistas propositores brasileiros na qual você está incluído também. Ele disse: Gerchman, Dias, você e eu. Falou também na Mira Shendel e em alguns novos daí que o Frederico Moraes lhe mostrou. Não sabia o nome de nenhum, mas os elogiou muito, inclusive o Frederico, dizendo-o muito sensível e inteligente. Claro que aceitei e estaremos reunidos lá na Argentina no mês de setembro. Acabei o *Túnel* que é a coisa mais sensacional que já fiz em toda a minha vida! Veremos até lá o que irá nascer a mais. Mandarei fotos para você assim que o Desjardins⁶² o fizer. Quanto a dinheiro, ando na maior miséria possível, pois o dinheiro de Grenoble ainda não chegou e muito menos o que pedi ao Álvaro. Devo a todo o mundo e o pior é que já não tenho a quem pedir mais dinheiro emprestado... A perna continua dando problemas mas eu ando muito bem, equilibrada, contente e virei pelo visto a maior

Lygia Clark

débil mental, pois nem tenho tantos motivos para tanto. Graças a Deus recebi carta de Sônia e o Sérgio, pelo visto, já está se recuperando. Me disse ela que estás fazendo, junto ao Eduardo e Kiko, fotografias para fotonovelas, é verdade? Recebi uma carta do Gerchman muito preocupado também por falta de dinheiro etc., etc. Houve um carnaval no *atelier* do Camargo que foi genial! Pulei tanto que tive câibras que iam das batatas das pernas até a boca do estômago... Luciano esteve aqui num grupo grande para fazer experiências no *Túnel*, o Jean Clay idem e disse coisas geniais do mesmo... O Jean Clay, como um bom francês, ficou apavorado com as cenas que viu e não quis entrar em hipótese alguma. *Eu fiquei ébria...* tão gratificada que depois que o pessoal se foi não queria dormir de alegria, comoção e fiquei alimentada por longo tempo, como aconteceu na Califórnia. Os dias aqui deram para ficar bonitos mas toda hora tens que ascender a luz pois escurece de repente e o sol volta logo depois... Saiu numa ótima revista suíça um enorme artigo sobre minha obra, cheio de fotografias e uma do tamanho da página da revista. É pena que não sei alemão para lê-lo. Agora em fevereiro o Maître Dupré vai repor o tal contrato de N.Y.; veremos no que vai dar. Soube que saíste em grandes fotografias no *Jornal do Brasil* ou *Correio da Manhã* e que estavas bacanérriimo! Escreva-me e conte-me coisas daí, da nossa gente, tudo, pois estou com saudades daí. Já viste o Pedrosa? O Brest o achou muito deprimido e abatido... O Carlos Augusto esteve jan-

tando aqui anteontem e trouxe o seu gravador para tocar coisas para mim; e meu queixo caiu, pois tudo do Jorge Ben me lembrava o Caetano, mas muito mesmo! Acho que o Caetano saiu dele pois não é possível maior parecença... O Jorge Ben já foi contratado aqui. Eu o vi na televisão e o achei genial. Vi também o Simonal, que é ótimo e muito charmoso, mas entre a sua interpretação e a do Ben do *Pais tropical*, vê-se que ele é estilista e o Ben é o maior, mesmo na interpretação... Não tenho visto exposições nem nada. Estou numa fase de muito trabalho e alegria pela realização do mesmo! E você o que anda fazendo? Sua mãe já sarou? Um grande abraço nela que mando. Nem sei quando porei essa carta no correio, pois só tenho dez francos na bolsa. Hoje é 10 de fevereiro. E o Carnaval, e Mangueira, voltaste lá? Conte-me tudo, pois adoro receber cartas suas... Um grande abraço no meu filho e diga-lhe para me escrever, pois o adoro muito. Para você um grande beijo.

Clark

sldata

Meu querido,

Acabo de receber um bilhete do Gerchman a respeito de uma possível exposição organizada por uma tal de Elayne H. Varian, Fincn College of Art. Contemporary Wing. Naturalmente você recebeu a mesma coisa. O problema é que ele pede material urgente, fotos, *slides*, etc., etc. e eu estou, como te disse na carta anexa, que foi escrita antes, a zero!... Para botar essa carta no correio terei que pedir dinheiro emprestado. Queria te pedir um grande favor. Peça ao Álvaro dinheiro e tire cópia de todo o material fotográfico que tens de meu trabalho, incluindo *slides*, e mande junto ao seu material, pois não tenho nada para mandar para ela! Se o Álvaro puder, tire uma cópia para mim também e peça-lhe dinheiro inclusive para botar no correio para mim...

Como vês, estou na miséria mais absoluta, mas isso não tem importância. Não diga isso a meus filhos, pois o dinheiro vem, é só ter paciência; mas diz o Gerchman que é importante mandar o mais rápido possível esse material. O Desjardins está em viagem e só poderá fotografar os últimos trabalhos daqui a duas semanas, na sua volta, e isso o

Rhobo paga, pois é para o Jean Clay, e aí mandarei essas novas para ela.

Sei que posso contar incondicionalmente com você e o Álvaro. Desculpe te dar trabalho, mas eu faria por você o mesmo... Mil abraços e beijos. Se escreveres para o Gerchman explique a ele que por hora estou a zero e nem uma carta posso lhe mandar, quanto mais material para a tal mulher. Topo naturalmente a exposição mas no momento só posso dizer isso... Escreva por favor urgente, dizendo o que podes fazer por mim.

Mil beijos para você,
Clark

31.3.1971

Meu querido: há muito tempo estava para lhe escrever, mas voltei do Brasil ainda com uma pré-flebite, conseqüência de um “refrescamento de *lifting*” que lá fiz com o Pitanguy que, aqui entre nós, nada mudou, para o bem e para o mal, e ainda peguei uma gripe bravíssima de 39 graus com essa mudança de tempo! Agora estou ainda bastante resfriada mas melhor, e estou em tratamento na base de anticoagulante para a perna que está quase boa. Muita merda junta mas passa... Vamos às notícias: Fui à Holanda, a Utrecht, para fazer as proposições, e ganhei gaita; filmaram tudo, mas a comunicação foi uma merda total. Cheguei numa grande crise, pois já não crio mais e se não consigo nem comunicar o que já fiz é demais! Pensei em morrer de desgosto e agora o Jean Clay está me arranjando para trabalhar numa clínica em Loire, clínica essa a mais avançada da França, onde trabalha a Dolto e outros [profissionais] interessantes que estão trabalhando com o corpo. Se isso der certo será minha salvação, o que é um paradoxo, pois quem como eu fez arte para escapar ao hospício, acabar lá é incrível! Mas não há lugar para mim no mundo dos normais. Meu trabalho, que de um ano e meio para cá aboliu completamente o objeto e se exprime somente pela parte gestual, está fora de qualquer esquema de arte, e

estou sem lugar entre o artista e o sistema. Se esse trabalho não der certo meus planos são de voltar para o Brasil, pois pelo menos lá terei outras compensações... Quanto ao seu grupo de lá, foi a gente mais interessante que conheci e adorei. (...) Tanto o Ivan, quanto o Waly, o Torquato, etc. E quanto ao cinema achei o seguinte: a expressão do *wounder graw* (?) é em si a coisa mais importante que está acontecendo em matéria de cinema, pois a realidade toma uma força tão grande que quando se vê a platéia, tribal, não se sabe mais o que é cinema e o que é real. E as pessoas que participam do filme estão lá também: a turma funciona como uma coisa global, e tudo que é precário é importante como nas outras coisas hoje, sejam quais forem, mas há um defeito grave para mim. A linguagem, que deveria ser aberta, é oposta: é fechadíssima e sente-se a personalidade de quem fez o filme, inteira, sem abertura, e os seus problemas de ordem subjetiva. Como fazer com esse cinema uma coisa aberta, que hoje é fundamental, esse é o problema a meu ver. O Ivan, que é cineasta nato, que trabalha com imagens, fez do seu depoimento uma biópsia dele próprio, não dando abertura para quem olha e vê. O que mais gostei foi o primeiro, em que não existe história e nem barra pesada da sua parte. Mas de qualquer modo foi a coisa mais importante que vi ultimamente e pensei até em fazer uma coisa no gênero, só que no meu filme não há filme e a máquina passava na assistência como se estivesse filmando mas não está. É só para mostrar o que chamaria de "pensamento

mudo" da própria linguagem do cinema, que já não existe na realidade. Quanto ao Ralph, é boa praça, porém muito desorganizado, e está devendo até hoje a conta da transportadora I.A. que foi feita a seu pedido por meu intermédio, o que é uma chatice, pois me cobram sempre e não posso e nem devo pagar! Faça negócio com ele na base da promissória que ele é obrigado a pagar na data certa. Me comprou toda a obra mas em vários pagamentos, mas para mim foi importante, pois abri um mercado no Brasil para coisas antigas das quais ainda posso tirar peças. Não li sua entrevista na *Flor do Mal* que, aliás me contou o Waly, fechou. Não vi a Gal nem o Caê nem o Gil; estava com flebite e fiquei um mês de cama sem poder receber ninguém lá, o que foi pena, pois esperava fazer melhor contato com a sua turma que é excelente mesmo... Jean Clay está na Rue Halle, nº 67, Paris, 14^{ème}. Se quiser lhe escrever é para lá. O Guy foi para o meu espetáculo e conheci a Carol, na Holanda; achei-a simpaticíssima, linda e adorei. O Guy foi um amor como sempre; apareceu lá o que foi um sucesso mas acho que ele ficou também um pouco decepcionado com os resultados das minhas experiências. Mary na maior alienação, como sempre, mas de saúde bem. Soube agora pelo Luciano que o Mário esteve com bronco-pneumonia, coitado do nosso velhinho tão maravilhoso... Vou mandar para a tal de Lucy⁶³ fotos, etc. e tal mas não tenho *slides*. Não tenho o seu poema Barnbilônia e gostaria de ter, porque adoro os seus escritos; mande por favor. Você

..... Lygia Clark

pede perdão pela sua carta e eu pela minha. É uma carta informativa, sem conteúdo nem nada, mas a crise é violenta e quando ela bate não posso nem me expressar. Peço-te que me escreva sempre pois existem hoje pouquíssimas pessoas com quem se pode trocar qualquer coisa e você ainda é uma delas. Quando tiver bossa vou te escrever uma carta mais vivenciada, mas não queria te deixar sem resposta...

Um grande beijo com todo o meu amor.

P.S.: Perdi seu endereço; deixei-o no Brasil. Mande na carta outra versão, por favor!

Clark

..... Paris, 16.4.1971

Meu querido,

Aí vai uma pequena carta aproveitando o Pedrosa. Peço-te que preenchas por mim o formulário sobre o Raimundo Amado para a bolsa Guggenheim, pois imagine que nem eu nem Mário sabemos de detalhes sobre o filme que ele realizou no Brasil. Desculpe, mas como nós amamos muito o Amado dos Amados, é preciso lhe dar essa chance!

Espero carta sua em resposta à minha enviada do Brasil. Gostei imenso de rever o Mário que continua a mesma grande figura de sempre...

Falei com sua mãe pelo telefone várias vezes e parece que tudo na sua casa anda certo.

Recebi convite para expor aí no mês de janeiro na mesma galeria em que expôs o Gerchman, e aceitei, em princípio, dependendo de dinheiro para realizar os *Bichos* que seriam vendidos durante a exposição. Faria espetáculos também. Por hora estou parada e pensando. Nem sei se farei mais alguma coisa de arte. Por aqui a paradeira é total, e no Brasil nada vi de interessante, a não ser coisas do Franz W., Ana Schultz⁶⁴ e adornos de Amélia Toledo. Parece que lá o ambiente criado pelo Frederico é o caos mais deprimente do mundo. Não vi

Lígia Pape e mais ninguém, a não ser o próprio Raimundo que está muito esperançoso de tirar a tal bolsa e ir para aí.

O *Rhobo* até hoje não saiu e nem sei quando sairá. Ando meio desanimada de por aqui ficar mas o Brasil está uma merda total.

Escreva rápido pois adoro suas cartas. Mande um grande abraço pra o Gerchman; não vi Ana no Brasil, pois ela chegou na véspera de minha partida.

Para você mil beijos e abraços.

Clark

Babylon, 14.5.1971

Lygia, até que enfim, depois de tanto tempo, deixa eu explicar logo isso que segue junto: são xéroxes do que “você escreveu sobre Raimundo Amado” para a Guggenheim; eles devem lhe enviar uma notinha agradecendo, portanto qualquer dúvida você tem o xérox disso; mandei esse pequeno bilhete explicando por que a coisa foi posta no correio aqui, etc.; não comente isso com ninguém, pois eles ficariam bem chateados em saber que foi feito assim. Bem, você sabe, guarde os xéroxes no seu arquivo e pronto. A estadia de Mário aqui foi maravilhosa: é o mesmo de sempre, muito boêmio, chegando em casa todos os dias de madrugada, etc. Encontrou muita gente e ficou cansadíssimo, mas conseguiu sobreviver aos 44 degraus daqui, o que para ele é um pouco demais; mas como foi por pouco mais de uma semana, foi legal; a Mary foi de navio e já deve ter chegado ou está chegando; foi pelo Estreito de Magalhães, que era o sonho dela há quarenta anos. Estou fazendo umas pesquisas aqui para ela na Biblioteca Nacional, e já consegui descobrir uma das coisas que ela quer; a outra vou pedir ao Haroldo de Campos, que chega amanhã; quanto a catálogo de telefone antigo de Dublin, e coisas assim, não sei nem por onde começar, mas, procurando-se, acha-se: esta cidade tem o mundo todo! E o

tempo cronológico, e também toda a neurose imaginável e inimaginável.

Vera passou por aqui e Luciano está em Washington, mas deve voltar por esses dias; já combinamos para sairmos juntos, adorei revê-lo: inteligente como sempre, achou você muito bem; é bacana rever todo esse pessoal, na solidão superacompanhada de Babilônia; fomos ver um filme do Godard, *Vento dell'Este* (que é uma maravilha; você viu? Ele mudou muito, adoro esses filmes novos). Glauber está aqui perto, num *loft* grande no Bowery; Gerchman divide o dele agora com um artista negro chamado Malcom Bailey, que é um cara maravilhoso e deve seguir para o Brasil em duas semanas; está sem dinheiro e bem parado, se bem que seja mais conhecido hoje aqui: saiu uma página na *Avalanche*, que é uma revista nova do Willoughby Sharp, mas ele anda deprimido; a Ana já está lá desde aquela época e tudo, e a vida aqui não é mole; o que ele deveria ter feito, que não é tão difícil assim de conseguir, é dar aula de arte, ou coisa assim. Estou pensando nisso desde já, para mim também, pois com bolsa e tudo gasta-se demais; só penso quando ela acabar, se bem que seja renovável, etc.

Estou preparando idéias para um espetáculo no Central Park em agosto, ainda não sei em definitivo como será, mas quero que seja bem ambicioso e que marque tanto quanto a INFORMATION no ano passado. Na realidade foi essa coisa que me fez definitivamente conhecido aqui e, portanto, no mun-

do (relativo, é claro); mas a bolsa, ganhei, segundo o Geldzahler (diretor do Metropolitan e juiz das bolsas, pessoa das mais influentes aqui), pelo catálogo de Londres, que o impressionou muito; uma coisa puxa a outra, como você vê.

Estou terminando um curso de cinema na New York University, que me dará direito a fazer outros em que posso usar equipamento, etc.; por enquanto só tenho usado Super 8, que comprei; tenho também uma montadeira e quero que essa primeira experiência (um filme: *Brasil Jorge*) seja já algo palpável; vou ampliar, depois de montada, para 16mm, o que possibilitará a exibição em outros lugares, etc.; é trabalhossíssimo, principalmente quando se têm outras ocupações, etc., mas dá bastante prazer, no final; hoje, por exemplo, perdi tempo procurando um parque com aves em gaiola, para uma cena de 20 segundos, veja você; com isso andei a cidade feito barata tonta e fui parar perto do aeroporto, para nada, pois o que quero está em outro lugar que só descobri depois; tudo isso por 20 segundos de filme, veja que loucura; os primeiros rolos ficaram lindíssimos: Super 8 é bacana pois pega coisas em detalhe, ao alcance da mão-visão; mas falta tanta pra terminar que dá desespero em pensar. O *loft* aqui está ficando legal: construí seis *Ninhos* para viver; também um troço que tem dois níveis, e por onde se entra para o de baixo, por cima; Mário ficou louco, pois quando queria falar ao telefone tinha que subir na tal plataforma; embaixo dela, fica como um subterrâneo, ou porãozinho, e tem um lugar que se tem

que rastejar para chegar; está tudo no começo, mas quero criar um lugar tão complicado-complexo que seja um mundo, sem móveis e essa coisa chata de apartamento, etc.; Mário morria de rir, pois eu dizia: por concessão, porque você está aqui, ainda temos quatro cadeiras, o que é um escândalo; o teto possui vigas onde vou adaptar um teto de corda para se rastejar por ele, etc.; vai ver que quando preparar tudo isso (se bem que a coisa seja interminável), resolva mudar; o aluguel é caríssimo (US\$250), fora as continhas que ainda não chegaram (só começaram a contar luz e gás de agora); mas, você sabe, New York está pela hora da morte: com a guerra, tem imposto a pagar, em tudo que se compra, de seis por cento; tudo é vendido, tudo é comprado (segundo Mário, até bosta), e a vigarice impera: a decadência do capitalismo que se autodevora; só o dinheiro é respeitado. Como você sabe, por experiência própria, mudanças, principalmente de um país pro outro, são sempre assim: nos primeiros meses, perde-se tempo e dinheiro à beça. Aqui, foi uma loucura achar lugar sem precisar dar luvas, etc.; depois, a mudança de gente, amigos, etc. No Rio, com todos os trágicos problemas que se deram, principalmente quando voltei daqui em agosto, minha casa estava sempre cheia, e posso dizer que tinha gente à beça (até demais) à minha volta; portanto essa desadaptação e readaptação, etc., é terrível, ainda mais no inverno crudelíssimo e tudo o mais; mas a fome de ver filmes e coisas era tanta, quando cheguei, que creio ter compensado; cheguei

14.5.1971

a um ponto de achar que todas as coisas que acontecem aqui ainda servem para dispersar, portanto é preciso saber equilibrar tudo. No Brasil, como você deve ter visto, as coisas andam caindo aos pedaços. Há gente jovem bacana, que você não conhece, nem ninguém quase, mas qual o futuro deles, se não escapulirem também? É o fim. Mesmo assim consegui que Waly Salomão, um cara genial amigo meu, que mora lá em casa e é do grupo baiano de Caê e Gil, escritor, conseguisse publicar o livro; o Leo Vitor vai publicá-lo, e vai ser um sucesso, pois ele é dos maiores mesmo. A estadia de Waly, nos últimos tempos, é que me refez dos choques terríveis e de tudo o que houve lá; conversávamos muito sobre você, horas e horas, como nós antigamente, lembra-se? Revimos coisas da época neoconcreta, *Boletins da Signals*, e é pena que vocês não se tenham encontrado, mas a escrotidão geral de tudo no Rio é de matar, desde a coisa de Mário, tão chocante, até a prisão de Nando, que estava morando lá em casa comigo; tudo por causa de um filme Super 8, e, por ironia terrível, era a pessoa mais inofensiva e inocente, condenada a um ano por fumo forjado, além de reportagens incríveis nos jornais (fui dar explicações e desmistificar e fizeram uma sujeira louca nos jornais, com minha cara e tudo), casa invadida pela polícia, minha mãe paranóica e com razão, Rogério Duarte louco (pôs fogo no corpo, um dia, de manhã; se não fossem os gritos de Zeni⁶⁵, que me acordaram, tinha morrido) — teve que ser internado em Engenho de Dentro e ficou

de 3º mundo, etc. Vi outro de Godard, *Vladimir et Rosa*, que é uma obra-prima; estou louco por ele; Godard é o rei, principalmente de montagem, e esse faz lembrar *Greve*, de Eisenstein, pela complexidade de montagem, invenção verbal (se bem que *Greve* seja mudo), etc.; os filmes de Warhol e Morissey continuam a arrasar: *underground* invadindo e sendo absorvido irremediavelmente pelo cinema comercial: *Trash* continua em cartaz e é realmente belo. Há um cineasta que quer me fazer de ator — filmes mudos *underground*: é Jack Smith, mito do *underground* americano; estive lá uma vez e ele depois ficou me procurando, até que o amigo dele me encontrou numa festa louca, e disse que estavam quase colocando anúncio no jornal à minha procura; fui lá, e além de interesse intelectual havia sexual, também, como já era de supor; aliás, estava dizendo a Glauber isso: amizades intelectuais estão sempre muito próximas das sexuais, até demais; mas, um dia você há de ver os filmes dele: são incríveis. Fui a uma projeção de *slides* com trilha sonora, uma espécie de quase-cinema, que foi incrível; Warhol aprendeu muito com ele, quando começou, e tomou certas coisas que levou a um nível diferente, é claro; Jack Smith é uma espécie de Artaud do cinema; seria o modo mais objetivo de defini-lo; o lugar onde ele mora são dois andares de *loft*, um labirinto de coisas inacreditáveis, que parecem os filmes, e tudo o que acontece é como se estivesse acontecendo num tempo de filme: há refletores de teatro que se acendem, e os acontecimentos

se passam a noite toda; no dia em que fui lá pela primeira vez, Jack e um amigo dele estavam vestidos de árabe; ligando o andar de cima, que é cerrado ao meio, ao de baixo, uma escada feito escada de incêndio, de ferro; todo mundo espalhado pelo labirinto de coisas. Sentei-me numa mesa de *antiques* para ser entrevistado por ele e foi incrível; depois mil coisas aconteciam simultaneamente; já nisso, não existe a tal distância de espectador e *performance*, como missa, nem nada: a coisa simplesmente vai se desdobrando, como num ritual não ritualístico. Tomara que você venha em janeiro para que possamos ver tudo isso. Juntos.

E Guy Brett? Nunca mais. Escrevi uma carta importante pra ele e nada. Não sei o que houve. Perdeu o interesse por mim, sei lá. O pior é que ele tem uma série de negativos que estou em falta, aliás, de que preciso, e nada: escrevo e não responde; que vou fazer? Essa moleza inglesa me dá raiva, me desacostumei e ainda acho que foi o maior milagre ter feito algo lá. Lygia, vou enviar junto com essa o tal texto que saiu no *Pasquim*, em xérox do original. Leia. Guarde-o. *C'est pour vous*.

Michel apareceu, antes de voltar aquela vez ao Rio, e foi ele que levou tudo. Adoro-o; é um amigo real e bacana; sempre saímos para jantar ou [ir] à casa dos amigos dele, etc.; engraçado é que eu, sendo tão diferente dele, tenha essa afinidade; bacana mesmo.

O Gil deve chegar em julho. Guilherme vem daqui a quinze dias. O disco de Gil foi lançado e parece que está

tendo repercussão; as letras de Jorge Mautner para algumas das músicas são boas e são as que impressionam. Dei seu recado ao Mautner: ele lhe adora e espera carta sua. Eu e Mautner somos amigos e discutimos muito, pois discordo dele em muita coisa; sempre que nos encontramos saem beijos e fâscas ao mesmo tempo: bonecas temperamentais dão é nisso; já com Glauber, posso passar dias e anos como irmãos que se adoram, que jamais brigaria. *C'est la vie!*

Bem, vou ler e dormir: amanhã tenho que filmar; vamos ver no que dá.

Lygia, escreva logo; seus planos, etc.; adorei as fotos no livro do Kulterman — o livro aliás é lindíssimo e, como sempre, o nosso diálogo superfamoso: engraçado é que é a coisa que fiz com que tive quase que nenhum contacto, a não ser quando fizemos, e é o que badala mais: bacana; isso mostra ainda mais que houve algo; foi um tempo.

Vou terminar, estou exausto, escreva e escreva.

Adoro-a *as always*, você sabe.

Um grande beijo, cinemascopo.

Love

Hélio

P.S.: Meu endereço todo é:

81, Second Av. Loft 4

New York, NY 10003

Telefone é: (212) 777 7427 (o 212 é quando se liga de fora de Manhattan.)

Paris, 17.5.1971

Queridíssimo:

Até que enfim veio uma carta-comunicação me dando como sempre enorme alegria e também uma enorme saudade de você. O que gostaria de te comunicar é tão simples e tão complexo, como a própria realidade-vida, que nem sei por onde começar. É por essa razão que gosto de novelas na televisão, nas quais as coisas nunca acabam de acontecer; é como a vida. Comigo é sempre assim — enquanto eu vivo mil voltas em volta da Terra o resto do pessoal daqui está marcando passo, com raras exceções, indo para trás, e nada é dinâmico, tudo é pausa e morte. Na própria vida nota-se o processo. O quotidiano, que para mim é sempre mágico, rico e nova aparência, para eles é o vazio, a repetição, e nada representa como maturação. Até acho que invento minha própria vida, que a recio todos os minutos e ela me recria à sua imagem; vivo mudando, me interrogando maravilhada, sem controle de nada, dos mínimos acontecimentos, me deixando fluir, despojada de quase tudo, guardando somente minha integridade interior. Me sinto como caldeirão da própria porra, processo, me sinto toda lá até antes do nascer e acho que é nesse misturar que ora aparece a menina, o leite

na mamadeira, a adulta-adúltera, a louca, a velha de 5 mil anos de idade, a atual, a equilibrada que sendo atual nunca é uma só e a consciência não é de colar pedaços que foram quebrados com culpabilidade mas o recriar-se inteira a partir de novas experiências antigas como o próprio nascer, ou até antes. Sem nada controlar, eis a contradição, me reconstruo, faço minha biografia, eis-me qual obra antes projetada para fora dividindo pessoa e coisa, hoje uma só identidade. Onde a patologia, onde a saúde, onde a criação? Nada sei. O não-saber é lindo: é a descoberta, é a aceitação da mistura das situações das decalagens, das integrações do recomeço, do não-tempo linear, da percepção pura da descultura que nunca tive, fundando a minha própria, que é posta em questão sempre. A descoberta nunca pára e às vezes penso que viver uma vida é viver todas as fases anteriores da humanidade. Depois de Carboneras, na redescoberta do meu Eu deixando de ser "o outro", tudo mudou em mim. Perdi o "estado de graça" vivido por mim assim e catalogado provavelmente pelos outros intelectuais de ninfomaníaca ou prostituta pelos burgueses e comecei a ter sonhos belíssimos com "o casal" integrador dessa imagem que fora por mim tão quebrada e destruída na infância. Depois o acordar, o trauma de se estar só, cinquenta anos sem possibilidade de realizar casal com alguém. O dormir passou a ser o medo da realidade, do amanhecer, da solidão profunda do ser-se só. A paz só voltou quando me apercebi que o importante não era viver essa experiência na vida real,

mas viver isso no inconsciente já era o suficiente. Compenetrei-me da minha idade, aceitei-a e daí me amarrei de tal maneira que ela deixou de ter importância e não mais existe como problema. Fase belíssima qual punho fechado, tranqüila, me rindo dos outros que talvez agora me achem menos puta, exatamente agora que, redescobindo o meu Ego, readquiri de outra maneira o pecado original... Não é maravilhoso o conhecimento que se pode adquirir através de uma experiência pessoal de um antigo e lendário pecado? E não é fantástico que a própria aceitação no meio cultural venha não de um estado de graça, mas de uma aparente identidade, tabu do que se chama pecado?

Minha estadia em Belo Horizonte foi em duas etapas. Na primeira, em que o meu pai pensava que não ia mais voltar para Paris, me tratou como namorado com enorme carinho e houve pela primeira vez dentro de mim uma enorme aceitação da minha casa de infância, do ventre da minha mãe, do pau do meu pai. Jamais senti tamanha paz e alegria numa situação que antes me destruíra completamente, sendo-me insuportável a permanência no meio onde fui gerada com gozos, onde nasci entre dores e gritos, onde quase morri de fome nos primeiros meses de vida, onde cresci me sentindo fora da família, tentando arrancar cada noite minha pinta, sinal vivido por mim como signo da marginalidade, afastando também várias imagens dramáticas da minha infância, tal como a do banho de ducha no hospício entre loucas,

que, se tivesse uma bomba à mão, destruiria o mesmo, a mim própria, a cidade inteira, a imensa massa humana; me senti atraída por ele pela primeira vez fisicamente, e não a velha libido “declanchada” através do fascínio da sua falação. O Schemberg para mim é a única permanência que sobrou! Gigante adormecido, mas gigante, sempre, hoje, amanhã e depois! Senti o abrasador amor-paixão que me liga ao Vitinho⁶⁷ no abraço no dia da chegada, encontro que parou o tempo, nos dissemos em silêncio juras de amor eterno, de paixão de fogo, de lava de vulcão, aterrador, esfomeado mas verdadeiro. Descobri emocionada que o filho que mais amo é o Álvaro, mas a paixão é o Eduardo e a maior comunicação é com a Beth: mundo maravilhoso — é como se cada filho correspondesse a uma dobra uterina onde foram gerados, mas separados, embora no mesmo útero!

De volta a Paris vim magra, velha, traumatizadíssima, só agora depois de um mês estou outra vez mais gorda e bem disposta. Encontrei toda a gente na mesma, ou escondem a vida ou estão mortos. Minha vitalidade parece que agride — fui superagredida, apontada na minha magreza, na minha velhice, não perdoam o meu renascer, a minha vitalidade, a minha alegria de receber toda a minha transformação, todo o sofrer como positivo... negação de cada dia passado, descoberta no dia que está presente. Nessa hora encontrei o velhinho adorável Pedrosa, vivo como um corisco, inteligentíssimo, sabendo escutar e gigante na comunicação... Nos

vimos diariamente, e chorei muito quando partiu. Pela primeira vez na minha vida a morte, que era coisa abstrata, passou a ser concreta, só que no momento em que aceitei o fato o problema desapareceu também! Eu por ora ando parada. Fiz algumas experiências só com o corpo sem objeto algum. É curioso — você encontra novos relacionamentos entre os corpos através de novas percepções de espaços. Não sei se é válido ou não. Se é novo ou velho. Só sei que é o seguimento do meu pensamento e não sei até onde irei. Já nem sei para quem falo. Às vezes penso que falo para mim mesma e pensei em fazer algo como “pensamento mudo”. Nenhum diálogo verdadeiro a não ser Violeta, que é torturada mas tem fôlego na escuta e também na comunicação. Não sei se aí irei pois fazer uma exposição por fazer não dá pé. Não é que seja contra galerias, não sou *a priori* contra nada. Não quero criar nova elite. Quero é gente, e talvez nos lugares mais recuperados é que eu tenha mais sentido, procurando dar outro às pessoas. Repito: quero é gente, não importa cor, idade, nacionalidade, estado de sanidade mental, burgueses, proletários, crianças, não importa, eu quero é gente e gente é que é importante, o sistema que se foda! Estou também bolando “trocas” mas sempre há um ritual tribal, ação e depois nada sobra.

Isso não é uma carta mas sim um monstruoso vômito que, no dizer do García Márquez, atravessaria o Sena, se jogaria no oceano e jorraria da sua torneira. Te beijo muito e muito.

P.S.: Descobri maravilhada que redescobri uma enorme estima por mim própria e tudo veio junto à aceitação de restaurar minha obra antiga! Adorei o que você escreveu para o *Pasquim*! Só não suporto o mesmo...

Babylon, 24.1.1972

Lygia, até que enfim; sei que você deve estar estranhando tanta demora minha, etc.; é que a vida não é fácil; além disso me diziam sempre que você "já estava para embarcar...", portanto eu não sabia para onde enviar cartas: Rio ou Paris.

1) Estou aguardando o Michel chegar; há séculos não o vejo. Hoje não estou nada legal; mas, é assim: uma chatice de procurar o que fazer (emprego, etc.); essa cidade quando cai em cima da gente é o fim; é difícil resistir, mas, vai-se indo; não pretendo voltar, a não ser que a barra pese demais.

2) Queria lhe agradecer pela venda de *posters*, que me mandaram dizer; queria saber se lhe deram um deles; em todo caso estou enviando pelo Michel, com dedicatória e tudo: se você tiver outro, dê para alguém; estão fazendo uma confusão louca lá com aquilo.

3) Tenho escrito muito ao Ivan e vice-versa sobre você; ele ficou radiante com o seu interesse pelos filmes, dos quais não conheço nenhum; até que enfim vocês se encontraram (era o sonho dele, de Waly, de Torquato...); genial a tal reunião na sua casa e tudo; como você deve ter visto, é raro ter alguém inteligente que queira opinar e discutir as coisas. Adorei saber de todas as notícias de São Paulo, Ralph, etc.; gostei do catálogo, mas preferiria que tivesse sido feito por você

(cortes, dobras, etc.). Outra coisa, se você me permite opinar: ficaria genial fazer sempre com textos seus, de outros, etc., mas sem colocar listas de currículo e colecionador; isso uma opinião minha, fica meio louco. Claro que você deve informar sobre suas invenções e tudo, mas lista de exposição e colecionador nada tem a ver com o nível do seu trabalho, etc., e fica demais num documento de manifestação; espero que você não se zangue com palpites meus: tem gente que não me escreve mais por isso, e fico sempre sem saber se devo dizer tudo o que penso ou não. Recebi uma publicação, *O Verbo*, da Bahia, onde publicaram um texto seu, meu conhecido já: ficou genial. O Ralph quer comprar 120 desenhos de 1957/58, e vai fechar negócio com meu irmão. Tudo demorado como sempre; o que é que você acha dele? Sei que você fez contrato de dois anos, etc.; espero ter com ele uma boa ligação; tinha sempre antes "alguém" servindo de intermediário, que estava atrapalhando tudo, mas agora as coisas já estão mais a contento.

4) Eu, como nada tenho a vender, etc., quero ver se, em caso de contrato, consigo que o Ralph compre uma quantidade de um álbum de projetos que fiz para o Central Park, que está para ser publicado aqui; um dos projetos já saiu numa publicação *underground*; é que eles querem ver se recuperam ao menos o dinheiro que terá que ser investido; portanto, acho que um contrato com o Ralph possa prover essas coisas; além disso tem um projeto especial dedicado a ele, para ser posto em prática em São Paulo, num parque;

não sei até onde vai a audácia dele, ou a percepção de certas coisas; espero que vá um pouco mais longe do que o normal no Brasil (isso sei que vai), mas mais ainda.

5) Estou com advogado encaminhando pedido de residência aqui; a bolsa acabou e se eu quiser ficar legalizado tenho que fazer isso; imagine que tive que traduzir textos e textos de português para inglês, e solicitar cartas de recomendação a críticos, escritores, universidades, etc.: arranjei dez ótimas, que não podem deixar dúvidas; isso tudo para provar ao State Department que sou artista, para ter *status* legal de artista aqui; uma perda de tempo incrível; agora, já tudo com eles, é só esperar.

6) Acabei de receber algo que já me deixou mais alegre: Haroldo de Campos me mandou uma página sobre o *show* de Caê em São Paulo; fantástico! Caê está lindíssimo! Você ainda estava no do Rio? Conte-me como os achou; adoro Haroldo, que sempre me manda coisas geniais e notícias ótimas; você leu a entrevista que fiz com ele na *Flor do Mal*? Mandeí muito material para a *Presença*, que talvez feche.

7) Michel *est ici*; maravilhoso como sempre; Lygia, o Lee Jaffe, a quem amo demais, está em Paris e achei agora o endereço dele; ele voltou pra lá; sempre quis conhecer você e está fazendo filmes aí: 15, Impasse du Mont Tonnerre, Paris, 15^{ème}. Se ele não estiver lá telefone para a galeria Sonnabend, 12, rue Mazarin; ele conhece gente bacana à beça e é das pessoas mais apaixonantes que já vi.

8) Aquela sua última carta foi genial, como sempre; espero sempre escrever, agora que sei que você continua aí; o Jean Clay mudou para onde? Recebi o *Rhobo*: gostei das suas coisas, escritos, etc.; quanto aos meus... muita desinformação apesar das boas intenções do Clay (*please*, não comente isso com ele); o número está bem feito e bacana de se ver, por isso acho que qualquer crítica que possa demoli-lo seria sem propósito; achei muito fraca a inclusão daquela *Casa-corpo* do Gerchman no meio das coisas (ainda mais com o nome seu?? Clay está misturando tudo; que loucura): o que não se sustenta, cai como um edifício; para mim foi bom ver certas fotos de coisas minhas: aquela da cama com o cara nu, como um bicho, me agrada bastante.

9) Um amigo do Mário, vindo do Chile, apareceu, mas, com nome falso e sem poder dar o telefone de onde estava; não sei por que tanto mistério: acabei não mandando nada para o Mário; mas, na carta que me enviou, Mário diz que vem aqui em abril; corajoso! Como você achou a Mary? Preciso escrever pra saber se ela recebeu os livros que encomendou (meu Deus, quanta coisa!).

10) Vou lhe dar o endereço de uma crítica americana que além de muito importante gosta demais de seus trabalhos (que termos, traduza-os que hoje estou burro) e ficou na casa do Jean Clay em Carbonara, etc.: Lucy Lippard, 138, Prince St., New York, N.Y. 10012; envie-lhe catálogos, publicações ou qualquer coisa que você tiver de interessante!

11) Conte-me qual foi a sua impressão geral de tudo pelos trópicos; estou louco para ver um filme que o Julinho Bressane fez aqui, com partes aqui em casa (eu apareço também numa gangue que planeja assaltar um banco): *Lágrima-pantera a míssil*; fiz também a apresentação (letreiros, etc.); parece que já está pronto em Londres e talvez você tenha oportunidade de vê-lo antes de mim. O Haroldo de Campos vem em março com a Guggenheim; vai ser legal, pois estamos grandes amigos: ele é realmente inteligentíssimo; Augusto idem; estou lendo à beça as coisas que eles enviam, fora outras; vou aprender grego e chinês, que, sei, são essenciais para se ler poesia, etc., e aproveitar que moro pertinho da New York University onde tem cursos, e baratos, dessas línguas; claro que é para ler, e não falar (grego clássico); quero ler Homero e Sapho, Confúcio; meu inglês está perfeito agora e estou ficando feito a Mary: horas a ler Joyce, minha grande paixão; Pound também; adorei o livro dos Campos, *Panaroma do Finnegans wake*. Além disso, estou reformulando muitas idéias, retomando outras e montando um texto-montagem só de excertos de outros artistas, escritores, ensaístas, etc. Descobri muita coisa profética em McLuhan, inclusive que coincidência, com *Parangolé*, etc. Não sei se você já tem um poema meu que foi censurado na *Flor do Mal* (apreenderam-no já impresso), chamado *Barnbilônia*, feito há um ano: diga-me, se não, envio-o.

12) Lygia, me perdoa essa carta vazia, tão factual; hoje estou péssimo, com mil problemas pra resolver sem saber como; me sinto como numa prisão, nessa ilha infernal, sem *status*, tendo que escolher qualquer emprego explorativo que me queiram oferecer, etc.; tudo vai passar, mas é irritante; a cidade vive de emprego escravo: porto-riquenhos ilegalmente aqui, brasileiros, portugueses, irlandeses, e Deus sabe mais o quê; Omar, irmão de Waly, que mora aqui, está agora rachando aluguel, etc.; mas, imagine, trabalha lavando pratos sem folga de nem um dia: uma exploração, e não se pode reclamar, pois está fora da lei. Não consigo pensar em mais nada até resolver isso; queria arranjar numa livraria ou loja de disco, pois poderia comprar essas coisas com abatimento, etc., mas, está difícil; acho que vou botar anúncio me oferecendo (só que é caro e perigoso, já que não tenho permissão para trabalhar, ainda).

13) Aqui vai terminando por hoje; Michel está lendo *Manchetes* e outras sublitteraturas cariocas; fale-me de Eduardo, Sônia e todos. Raimundo me escreveu e não sei o que fazer para ajudá-lo; estava péssimo (você o viu muito?). Outra coisa: ele me falou que saiu uma entrevista genial do Gullar com você; você a tem aí? Se tiver, faça xérox e mande.

I love you, love me

Beijos

Hélio

Paris, 6.7.1974

Meu querido,

Sem cabeça para escrever num processo muito profundo de análise e criatividade. Tanta coisa aconteceu que me é impossível tentar te contar agora em véspera de ir ao Brasil. Parto no próximo sábado e lá ficarei dois meses, devendo pois voltar em meados de setembro. Fiquei encantada com seu projeto dedicado a [...]. Maravilhoso, e só recebi na semana passada o seu questionário que não terei tempo de responder agora, fica para a volta. Guy passou por aqui há três dias e conversamos muito como sempre. Foi para a China e voltará aqui em outubro. Voltarei rápido pela minha psicanálise, que foi das coisas mais criativas e mitológicas vividas até hoje por mim. Um dia te contarei e terei um mundo mítico-mágico-fantástico para no futuro fazer um livro onde entra toda essa experiência, meu trabalho que no fundo é uma só coisa! Continuo na Sorbonne, onde encontrei pela primeira vez condições para comunicar o meu trabalho; jovens que elaboro um ano inteiro e são preparados desde a nostalgia do corpo — no fundo o *morcellement* do mesmo — até a reconstrução do mesmo para acabar no que chamo de corpo coletivo, baba antropofágica ou canibalismo. Depois de cada

experiência peço o *vécu*, que é a parte mais interessante, pois o mesmo trabalho suscita coisas completamente diferentes e ainda há mudanças, dependendo se é a primeira vez ou a segunda de quem as vive. Já vi que meu trabalho é para ser feito desta maneira e não posso me exprimir mais como num espetáculo em que as pessoas nada vivem, um pouco como no filme de Eduardo em que os jovens estavam fazendo as experiências pela primeira vez. A televisão francesa filmou o meu grupo com o qual trabalhei este ano e o que eles expressaram foi um barato... Falam dentro da linguagem do próprio trabalho, sentem todo o desenvolvimento do mesmo desde o *morcellement* até a fase final do corpo coletivo. Foi muito linda a filmagem. Ando também numa fase de grande criatividade escrevendo frases em que o corpo fala a si próprio através de suas partes. É o costurar o corpo, fase em que me encontro na psicanálise. É por vezes engraçado, poético, insólito e muito divertido. Um seio lendo um horóscopo diz ao outro: — Somos gêmeos até que um câncer nos separe; o nariz fala à boca: — Sobe, sobe pra cima de mim, bichinha; nesta posição não dá; o clitóris ao pênis: — Puxa, como você é desenvolvido!; a lágrima ao olho: — Sou a estrela que cai deixando um rastro na sua pálpebra. E há também a conversa dos objetos: um sapato diz ao outro: — Aproveitemos a nossa liberdade antes que o compasso das pernas nos unifique; uma garrafa diz ao copo: — Me esvazia, estou com o saco cheio; o joelho diz à geometria: — Ajoelhar é a descoberta

do ângulo reto; a cabeça refletindo: — A geometria nasce do reflexo do corpo projetado na minha mente. E vou por aí com mil e um aforismos que amo, me divertem, me encantam... Mando para você uma foto de um trabalho que chamo de *Baba antropofágica*. Uma pessoa se deita no chão. Em volta os jovens que estão ajoelhados põem na boca um carretel de linha de várias cores. Começam a tirar com a mão a linha que cai sobre a deitada até esvaziar o carretel. A linha sai plena de saliva e as pessoas que tiram a linha começam por sentir simplesmente que estão tirando um fio, mas em seguida vem a percepção de que estão tirando o próprio ventre para fora. É a fantasmática do corpo, aliás, o que me interessa, e não o corpo em si. Depois elas se religam com essa baba e aí começa uma espécie de luta que é o *défoulement* para quebrar a baba, o que é feito com agressividade, euforia e alegria e mesmo dor, porque os fios são duros para serem quebrados. Depois peço o *vécu*, o que é o mais importante, e assim vou me elaborando através da elaboração do outro... Outras experiências que chamo de canibalismo: o grupo come de olhos vendados do ventre de um jovem deitado, e agora estou com outras idéias, sendo que uma é muito forte. A *Cabeça coletiva*: uma grande cabeça construída que é colocada num jovem que se assenta no meio do grupo; o grupo vai abrindo várias fendas e tirando de dentro desde bichinhos, plantas, terra, pedrinhas até o saber, provavelmente frases como as que escrevo atualmente; que tal?

Lygia Clark

Meu telefone daqui é 532 92 56. O do Rio é 257 22 70. Mando junto a esta a fotocópia pedida pela Regina. Diga-lhe que não terei tempo para lhe escrever, fica para a volta.

Te mando todo o meu amor de sempre.

Clark

New York, 11.7.1974

Lygia:

Recebi sua carta que como sempre me deu grande alegria e espero que você esteja aí quando esta chegar.

Sua carta foi muito importante para definir e esclarecer uma série de coisas e principalmente para que eu acrescentasse na seção de corpo (BODYWISE) do livro que faço a importante e claríssima definição sua (como sempre) e que peço aqui sua permissão para usar coisas da carta.

Penso em colocar num espaço grande em cor ou branco o seguinte:

LYGIA CLARK:

É a fantasmática do corpo, aliás, o que me interessa, e não o corpo em si.

Essa citação seria em cor que vibre sobre o fundo como luz (complementares), pois a meu ver é uma definição e uma posição, ou melhor, colocação do ponto no ponto maior e crucial; uma revelação: um ponto de tal finura que faz justiça e expressa *in totum* a natureza de sua personalidade e inteligência sem par: sua carta de duas páginas diz mais que qualquer outra de mil: pra mim é como um banho e um alívio

vibrar com sua inteligência e afinidade criativa; como você nunca vi e sei que jamais verei! A vibração das letras puladas da sua máquina e a euforia tão sua e “ligada” me fizeram acordar quando eu já ia caindo de sono (há três dias estou de pé!). Sinto-me como se tivesse dormido um ano e acordado com uma cafungada de pó (da PRIMA: quando eu disser PRIMA já sabe, é nossa velha amiga COCAÍNA; coisas de nobreza incaica à qual pertença; como FREUD; conto mais adiante se chegar a falar tudo o que me deu vontade: eu e a PRIMA nos casamos e de tão nobres nem nos abaixamos mais para apanhar papel do chão ou coisas de dona de casa: varrer, lavar roupa, etc. Não vem que não tem! Estou em outra! Que tudo o mais caia aos pedaços!). Há coisas que você diz que me revelaram a natureza delas: por exemplo, o Guy havia falado e mostrado *slide* da coisa da linha-saliva-baba mas a “descrição” ou o *ponto* feito por ele sobre a experiência nada tinham a ver com o que você diz. De nada adiantam essas descrições se não forem como você as faz; e digo mais: essa do linha-ventre/*out-saliva-o* corpo do outro deitado-*morcellement*-baba e a quebra da baba, que gera agressividade e sofrimento como que extensões que cresceram e que quebrá-las envolve um despedaçar do próprio corpo É GENIAL: DAS MAIORES COISAS QUE JÁ VI E DÁ UMA DIMENSÃO INCRÍVEL EM TODA ESSA DIALÉTICA/DESCOBERTA/ ETC. DO CORPO EM SUA OBRA E NO TODO MUNDIAL (QUE É NADA COMPARADO COM VOCÊ). Isso me alegra pois agiu como uma descoberta como deve ser e não uma descriçãozinha

factual de uma experiência coletiva: *a expressão verbal e escrita da coisa importa mais que nunca*. Não basta o factual: isso e aquilo; as palavras e a escolha dos termos e a construção (como num poema) é que dão a dimensão ao *relato da coisa*. Guy nesse ponto é um desastre; fica assim como se fosse pica sem tesão: grande e mole; pode haver coisa pior? Quem relata e quem critica ou é artista ou nada é; é inadmissível essa merda de crítico numa posição de espectador: volta tudo ao antigo e não há quem possa; principalmente quando se refere a experiências que têm que ver com o comportamento e a ação deste; esse pessoal todo ainda dava certo até o *BICHO*, mas agora, quando você chega a essa dilatação aguda e impressionante de todos os começos (corpo, sensorialidade, etc.) e já está muito além do que se poderia pensar, essa gente falha; essa relação de cada participante com a força da baba é algo grande demais, não pode ser descrito factualmente; identifiquei muito com uma porção de coisas de minha relação com a PRIMA, só que o dilaceramento se dá pra dentro e muitas vezes senti o mijo ao mijar como o oposto extrovertido do cafungar o pó; o intestino que solta, se descarrega todo com a primeira cafungada; os buracos do corpo tomam sentido dilacerante como você faz nisso, só que no seu caso é coletivo e num nível bem mais complexo e até mesmo oposto: dilacerar para incorporar, como a criação cósmica de um universo desconhecido que se faz no lance de dados; que não depende de “escolhas dualistas”; nas suas poucas cambaleantes palavras

você diz tudo isso e a gente capta a essência maior da coisa! Me deu uma sensação incrível de emoção sublime, de uma paixão maior; algo que gera tanta coisa na nossa cabeça que dá então nisso que você seguiu da cabeça coletiva: cada coisa engravida a outra.

O importante também é que apareceu um inglês (Andrew Douglas⁶⁸) que retraduz o que passo para o inglês e ele não só vive as coisas como INVENTA a linguagem, de modo que não fica assim algo literal e incompreensível: fica a coisa expressa a fino, mais forte! E vai ser importante a tradução de citações suas e tudo o mais; há coisas que se tornam o oposto se mal feitas e é importante que na língua inglesa elas expressem o original, principalmente em relação a você. Aquela tradução que faziam de *Nostalgia do corpo* para *Nostalgia of the body* é uma burrice (foi a Mary?) e quer dizer o oposto: traduzi como *Longing for the body*, que é o que é: nostalgia em inglês significa perda do que passou vivido como perda e não a *descoberta do corpo*; pode parecer burocracia e academicismo insistir nisso mas não é! É um ponto de comunicação importante; jogar no mundo e traduzir INVENTANDO para o inglês é um passo de bota de sete léguas para uma comunicação total na atualidade; assim como a linguagem nesses relatos, assim como duvidar da linguagem e dos conceitos dados e INVENTÁ-LOS. De outro jeito, de que adianta escrever e falar? Lygia lhe digo uma coisa, um segredo: tudo o que em um ano acumulei de revelação e de escrita para essa publicação, sinto assim como

algo que na maior parte nunca foi ventilado nos mundos de artes/ filosofias/etc. e ao mesmo tempo existe mas não se conhece; sinto-me como *sentado em dinamite*, por isso expressar algo seu certo e eficazmente é mais do que importante; é um modo de fazer a coisa conhecida e mostrar (pra quem tiver olhos e cabeça) que esses argumentos são não só os mais importantes como os *únicos importantes* e *a expressão mais alta do que se propõe*, como tudo o mais e principalmente na merdice da crítica de arte e teorias vazias daqui (mesmo Jean Clay quando quer dizer algo que eu disse a ele nada diz pois não entendeu e tem uma linguagem não-inventiva). CRÍTICO OU É DA POSIÇÃO DE ARTISTA OU NÃO É. Como já dizia o Nietzsche há cem anos: como pode uma COISA MAIOR ser reduzida a UMA MENOR — da descoberta/invenção do artista às mesquinhas idiossincráticas do espectador que não existe mais. Quem vive o que você propõe e dá ou *vive* ou *não vive*, mas nunca fica na posição de “assistir” como de fora! *Voyeurs* da arte! Pior que a pior das inutilidades; eu e a PRIMA nada temos com isso! Pertencemos a outra raça: VOCÊ É OUTRA RAÇA!

Lygia, pensei em anexar aqui página ou páginas com pensamentos que me vêm com os seus argumentos na sua carta; não pense que esses pensamentos sejam “interpretação” minha de seus pontos de vista, pelo contrário, suas palavras já o são, e pra mim e pra nós tudo o que é “interpretativo” já era! Pelo contrário, porque o que me leva a determinados pensamentos é o que você desencadeou e não o que você

disse ou é em essência; isso me fascina; sinto que a fragmentação que me ocorre é BEM TRIVIAL; sinto-me CLOWN e isso me define e alegria; sinto você algo bem diferente mas que adoro: SUBLIME, como que tudo o que de grávido da sensibilidade feminina estivesse expresso tão forte quanto uma rocha masculina: você não é *clown* mas como UM DEUS; como descobri para ROMERO (depois conto quem é, estamos no terceiro ato de tragédia grega edipiana) que ele é UM DEUS e, por isso, SUBLIME e que só pode ser abordado nessa esfera e não por medidas de julgamentos estéticos que são privilégios do espectador que já era: o que nos une e nos separa é justamente essa parença, se bem que tão longe, entre CLOWN e UM DEUS (veja bem, UM DEUS não é o mesmo que DEUS, *please!*). Isso me alegria e me alivia pois dá, ou melhor, me dá a liberdade de trivializar e não ter receio em dissemelhar dos seus pontos (pontos totais e não “pontos de vista”) e me faz detectar coisas no ar que importam demais como INVENÇÃO; nisso meu entusiasmo cada vez que confronto com você e suas idéias (mais que idéias, perdoe-me o termo) e tudo o mais.

Meu amor, acho que seria maravilhoso e enriquecedor se nos encontrássemos nem que por um mês como o foi com o Guy; só que descobri algo tão estranho: Guy volta pra Inglaterra e parece que volta atrás sem absorver o que experimentou; afinal ele esteve cinco meses na BOLÍVIA, PERU, ARGENTINA, PARAGUAI (principalmente nos ANDES) e um mês aqui nos *Ninhos* e de repente, sei lá; LONDRES é uma verdadeira arapuca!

Eu mudei muito; saí dessa droga de emprego em que estava há dois anos e vivo de aventuras e já vou pra 37, meio da vida, de 1937 a 37, e não suporto nada que me tenha que dividir em dois tipos de comportamento; morri duas vezes em maio e renasci mais eu: ADULTO ENFIM. Como diz a GERTRUDE STEIN (*THE MAKING OF AMERICANS*), sentir-se criança ou velho sente-se perda. ADULTO é sentir-se jovem: eu e ROMERO (a quem adoro mais que tudo e isso sem depender diretamente de sexo; há sexo, é claro, mas a meu ver a coisa tem que ser relativa; é superior, relação de tragédia grega; ROMERO-ROMANO bem faz jus ao paganismo da descendência de nobreza italiana; CAVALCANTI imagine! Sem culpa, sem cristianismos baratos. Depois de uma crise de vida-morte em que ele ao mesmo tempo que se sentia atraído a mim tinha medo de que eu me revelasse o pai castrador de repente — então era assim de beijos com a faca pronta para dar no momento certo, como quem dá e não dá —, houve algo então louquíssimo que foi a única maneira de eu superar isso: chegamos à vivência de que EU SOU ELE e VICE-VERSA: ROMERO está então fazendo uma experiência direta em que ELE SOU EU!!!!!!). Nunca vi nada tão pesado; se eu resistir até o quinto ato será uma vitória sobre o DESTINO, ha ha! Só vendo você posso dar a medida de tudo isso. ROMERO, de beleza inigualável, um DEUS ROMANO de 21 anos, de COPACABANA e que se isola, só, a ler o que lhe dei, a ponto de o superintendente do edifício o chamar de eremita, e que me diz um dia: “Sabe Hélio, hoje eu

estava triste e chorei, mas chorei sem lágrimas”. Não é demais? É um gênio, adoro-o; nas fotos que fazemos ele não é “modelo”; ele é tão criador quanto eu, transfiguração de algo não-narcísico: ROMERO é o típico herói trágico, aquele que assume o destino em todos os seus pesos terríveis sem consumir-se em narcisismos e, ao mesmo tempo, possuidor da maior beleza que já vi num homem! Não se trata de identificação minha como uma retomada da adolescência; ROMERO aos 21 é tão peso pesado quanto eu nos meus 37: EU SOU ELE, por ele também vivi e entendi porque sexo tem que ser apenas uma parte relativa e não absoluta nisso tudo, inclusive mutante, de várias caras. ROMERO-ROMANO que não sua suor de trabalhador nem de classes média/p. burg./burg.: é UM DEUS. COMO VOCÊ. Não, meu amor, não estou megalomaniaco mas sei o que é UM e o que é *average* (média).

Por isso queria lhe dizer, já que você falou na sua experiência da *Cabeça coletiva*, algo que talvez nem se aproxime dela mas que se trata de corpo-cabeça.

Com ROMERO-FOTOS descobri algo: a *Capa parangolé* revela a ambivalência e depois a multivalência entre o *nu* e o *vestido*: CAPA e CORPO são um, mas o adorno da cabeça elimina o conceito de nudez mesmo que a pessoa esteja nua, *porque o adorno da cabeça revela a INDIVIDUALIDADE*; a cabeça é UM e o corpo, *UM ENTRE OUTROS*; a descoberta do CORPO tribaliza ao mesmo tempo que se reconhece; a cabeça não, ela é UM, no seu caso da COLETIVA isso se torna mais profundo e engravidada.

Na tal página falo mais sobre isso pois foi através disso que descobrimos que EU SOU ELE (ROMERO e EU) e isso pode dar uma porção de detalhes novos, sei lá! Assim como maconha tribaliza e a PRIMA isola, os INCAS eram fortes na individualidade e sucumbiram aos ESPANHÓIS porque estes eram ESPARTANOS (unidos em irmandade masculina para guerrear); para mim a coisa PRIMA-INCA é o futuro; a coisa ESPARTANA, o passado. Chega dessa merda de diluir a individualidade para fortalecer a massa: igualar, tratar a massa como individualidade, que loucura! Milenar!!!!

NEVILLE, como eu disse em outra, ficou muito impressionado com você no filme que EDUARDO fez: e disse que o que EDUARDO fez mesmo de bom foi deixar sua fala livre e ir levando com ela: NEVILLE e JÚLIO BRESSANE são duas pessoas que você deve conhecer; eu os adoro; JÚLIO, que eu não via há algum tempo, quando entrou aqui parecia que o Sol estava entrando: inteligência máxima que se possa imaginar; eles lhe amam sem a conhecer.

.....

N.Y, 10.10.1974

Suíte da carta de 11 jul. 74: LYGIA: esta primeiro e a outra depois; sei lá, como quiser. É que pra mim foi tão importante receber sua carta que aquela em julho explodiu e a meu ver diz coisas que acho importantes (pra mim) mas muita coisa pula e se apresenta simultânea em delírio; curta-as. É que a SUELY apareceu e o pouco que conversamos (tinha muita gente) deu para ver que é inteligente e muito legal, espero falar com ela amanhã pelo fone; e espero que dê pra ela levar essas cartas (que são uma) e talvez em exemplar de algo que fiz pra vender no BRASIL mas que em nada deu, como tudo o mais naquela bosta; nada de *tão* importante mas curti fazer: chamo FOTO-RECORD e seriam assim cartões de foto e/ou poema e/ou escrito que fossem, que seriam editados em cem com vinte extras (o seu será um dos extras); o material desse modo editado não o seria de outro, isto é, não sairia no livro ou outra forma de publicação. Well, LUÍS BUARQUE⁶⁹ não se interessou e a meu ver não vejo por que não poderia ser vendável; fodam-se; prefiro deixar de pensar no BRASIL e se o fiz, baseado em venda por lá, é pelo simples fato de que posso cobrar muito mais pelo meu nome e outras merdinhas mais e seria um modo de repartir tudo com ROMERO de modo que ele veja que pode e vai faturar com o que fazemos; mas, como

Hélio Oiticica

.....

.....

você bem sabe: BRASIL é o maior corta-barato que existe; um copo de leite, corta qualquer onda, menos a nossa é claro! Nunca vi tanta burrice e vulgaridade, por isso prefiro pensar em você e amá-la e fascinar-me com tudo o que você é e que nada tem a ver com aquilo: EXEMPLO DA EXCEÇÃO! E cada vez menos gente contacto por lá: IRMÃOS CAMPOS são dos poucos e de nível que sabemos e escrevi longamente sobre você e tudo o que me veio com sua carta, sopro vital, tão diferente da morna complacência brasileira de banho de bidê; dá-me arrepios sequer pensar naquilo tudo. Pensem em nós então:

1) Há algo que lhe quero dizer: não sei se propus algo louco e impossível mas creio que não. Trata-se de que a GUGGENHEIM me escreveu carta-pedido especial para indicar nomes (como sempre fazem) para bolsas; só que nesse ano, de 1975, como comemoração 50 anos, querem lista que seja especial e que esses nomes sejam nomes que eu considere excepcionais. Well, senti que querem fazer exceções às regras bem ridículas de limitação de idade, etc. (o que pode ocorrer); por isso resolvi indicar o seu e expor a eles as razões: a principal seria não só por tudo o que você é, etc., etc., mas como se trata de omissão absurda das listas deles nesses anos que passaram; bom argumento e sei que vão considerar bastante; não sei de seu interesse por isso, mas quero lhe comunicar para que você considere desde já; nada mais ridículo e absurdo do que levar em conta idade ou anos a mais depois

de um limite quando se pensa em você; isso disse a eles e também que jamais considerarei lista alguma de importância que não inclua seu nome; portanto, aí está; o problema é que as aplicações que enviarem têm prazo e devem ser feitas de modo simples mas preciso: de preferência bem traduzidas para inglês e que dêem a medida do que você está dizendo; atenção quanto a isso, portanto! Se lhe interessa, é claro. É que detesto receber propostas fora de hora e por isso fico sempre em dúvida, sabe como é? ou esperar algo que acaba falhando, mas já estamos escolados nisso e a coisa fica assim, ok?

2) São umas 7h15min da manhã e estou desde 2h da tarde movendo-me; hoje tudo foi ótimo e resolvi impasses desses dias passados; essas duas semanas foram de nem cá nem lá e tive que solucionar mil e um probleminhas de dinheiro, etc. Mil loucuras que não posso dizer aqui; tudo legal porém; legal no ilegal, morou? Estava quase falido e fiz bastante em poucos dias (como sempre): coisas de NEW YORK e impossíveis de serem comentadas por escrito; e estou hoje experimentando um novo vestido de baile da PRIMA (veja na carta de 11 jul. p. 1 o que é a PRIMA) que, como de costume comigo, é de qualidade superior e incomparável (não me passo por menos!). Dou sempre uns nomes e sei que você vai curtir; por exemplo: um dia apareceram com algo que denominei NEM TUDO Q RELUZ É OURO porque o brilho de paetê nesse caso não será bem do puro mas de algo acrescentado (entende?); essa nova, que é do melhor pano do mundo, é NEVES DE KILIMANJARO; uma outra do mês passado ainda

superior a tudo que já vi é IVORY GIRL (que quer dizer GAROTA DE MARFIM e é nome-*slogan* de um sabão de roupa em pó que "faz o branco ficar mais branco" daqui).

Outra que recebi é DIAMANTES DE CAROL CHANNING (CAROL CHANNING é uma comediante e *show-woman* famosíssima, mais na BRODWAY que no cinema; no metrô e em outros lugares há fotos dela sempre com diamantes no pescoço e pulsos e ela diz: "Depois de meus diamantes meus melhores amigos são as NEW YORK BETS" (APOSTAS NEW YORK, isto é, a organização de jogo legalizado que tem muitas lojas aqui), e a razão pela qual dei esse nome é que a coisa era de qualidade e cheia de brilhos mas fica-se sem saber se são falsos ou verdadeiros, assim como com os famosos diamantes dos anúncios; outra era FANTASIA PARA O BAFO DA ONÇA: é que a pele da onça é malhada mas malhada também significa outra coisa nas gírias brasileiras e nem é preciso explicar aqui; *well*, trivialidades e falta do que fazer que me agradam e me fazem querer contar. Adoro brincar com o que não se brinca e cagar cada vez mais em tudo que possa advir de censurável ou recluso sobre o assunto; hoje EU SOU O DONO e, portanto, conselhos e palpites escarro fora. Você já reparou como sempre nos aconselham quando não precisamos? Como se a querer cortar o que a duras penas conquistamos e que nos damos de prazer? Como se já não nos bastassem nossas turras interiores e tudo o mais que fazemos crescer etc.! Uma coisa para mim se tornou importante e adquirir: quando algo que faço ou a que chego com JOY (que é ALEGRIA/PRAZER, uma espécie de combinação

dos dois num sentido maior) sofre um contra ou é tido/visto/vivido por outrem de modo menor ou moralista; *well*, afastado e certamente boto fora de meu alcance, não faço o jogo! É a única defesa e ataque possíveis, e disso gosto e curto! Que o menor permaneça no seu domínio menor!

3) Seg. 14 out., madrugada. São cinco pras cinco da manhã, depois do telefonema de domingo à noite; aí era já hoje (uma e tanto) e aqui quase 9 da noite; resolvemos telefonar e voltamos para assistir a um especial de SINATRA na TV (do MADISON SQ. GARDEN) que foi uma loucura. SINATRA continua o gênio do fraseado perfeito e surpreendentemente inventado; a aparência dele nada tem a ver com o frescor da voz e na aparência ele é algo cozido demais e demoníaco — mistura de político corrupto (mas sem a “falta de imaginação” geral do tipo) com *wino* do BOWERY (*wino* é um termo usado aqui para *alcoólatra* de rua: *wine* — vinho usado como adjetivo ao ser trocado e por *o*: alguém que toma vinho mas que, sendo gíria, foi mesmo criado e ficou como alguém que caiu alcoólico e mais por tudo que se sabe do que por “tomar vinho”. *Well*, só sei que não foi essa de ver ou rever SINATRA como se fora assim uma de exotismo de “rever” astros etc. Eu na verdade não adorava SINATRA como se fora algo essencial (HENDRIX ou STONES, por exemplo); a coisa foi mais como algo que, de trivial que seja (ver especial de SINATRA), não deixa de ser uma espécie de absurdidade feita de contradições do que é *vivo-atual*: SINATRA que se conhece/SINATRA como

aparece (para mim) no contexto-música-ROCK hoje: isso porque não que seja ele ROCK (não o é) mas porque ROCK é o que abarcou e fez música irreversível, isto é, ROCK é ROCK e (como o fez a VALSA no começo do século passado depois de introduzida por NAPOLEÃO) instaurou algo que não tem nada que ver com um “gênero de dança ou música” nem que ascende ou descende com o tempo: é DANÇA e SOM sem o ritual e que prescinde da iniciação e que abole o que era a “música local” de países-terrinha etc. E de tudo o que desse absurdo (o interesse de ouvir/ver esse *show* de SINATRA) emerge como de interesse é: a) a surpreendente qualidade do “em dia” do fraseado no dizer/quebrar pausas das palavras; b) a relação entre a aparência de *showman* demoníaco, MÁFIA-*wino* de *black tie* e a limpeza da voz; e a meu ver essas duas já bastam para ter razão de ser essa de medir ver isso e viver contexto-ROCK; e isso nada tem a ver com o que chamam “nostalgia” (em inglês) porque essa “nostalgia” para nós é impossível existir e, portanto, irrelevante, não-ROCK.

4) Mas na verdade o que quero dizer mais é sobre o quanto foi bom e gratificante falar hoje com você, por tudo o que sabemos, por falarmos pouco e ser muito, e pela atitude e idéia da SUELY que é não só inteligente como supercriativa e que vê muito do que é mesmo MAIOR e VIVO em tudo o que acontece e se passa hoje/ e você/inventividade e tudo o mais; tem sido ótimo conversar e estar com ela; tanto que o tempo parece ser sempre curto, e ainda mais porque, mesmo tendo

sorte de encontrar pessoas que valham a pena, não é todo dia que se tem oportunidade de encontrar e abordar certos assuntos; com ela isso se tem dado e por isso tudo estou tão aceso; isso numa época em que não me estava sentindo tão aceso e aberto para gente/coisas no que se refere à criatividade e aspiração ao NOVO, e isso tem sido muito legal e muito nosso; e ainda surpreendente o que para mim surge de grande e de suprema vitalidade e JOY do que vem de você em tudo o que você É/FAZ-SE; e que talvez encontrar-nos seja pretexto não só de um feliz encontro (detesto dizer *re-encontro*, com a gente não pode haver *res!*) como um modo de medir e conhecer (-nos) coisas etc.:

e SUELY me diz da possibilidade de vocês virem no NATAL, o que me alegra ainda mais do que esperar até a PÁSCOA, se bem que eu nunca espere nada; quando a gente vê já está lá:

e desde já envio mil beijos e parabéns de aniversário pelo dia 23; ROMERO faz 22 dia 22; dois SCORPIOS na minha vida! Mas não esqueçam de que sou LEO; nasci no mesmo dia que MICK JAGGER e a REV. CUBANA e tenho SOL ascendente e LUA em PISCES:

heavy! mas outras mais pesadas você vai saber aqui quando lhe mostrar algumas coisas:

!!!!mas:

pena que SUELY tenha resolvido voltar antes do que decidira; ia na quarta, vai na terça, loucuras de outubro! Porque pra con-

versar/ler/ver certas coisas é necessário tempo; além disso penso em propor coisas; não se trata mais dessa merda de “artistas trabalhando conjuntamente”; mais um motivo de *play INCORPORAR*:

e a própria possibilidade de sua presença aqui engravida outras possibilidades; e minha cuca começa a inchar, porque pra mim *play* e INVENÇÃO nascem muito assim; não de *mood*, não de “vontade de fazer algo”; o *preguiçar* tem função então: *engravida*; e nada tem a ver com o que a REGINA⁷⁰ diz de “ah, mas a minha famosa preguiça (dela)”: preguiça e irresponsabilidade são importantes mas se são elementos de engravidamento e jamais “pausas pra meditação”! Isso a meu ver é um ponto que se REGINA não resolver ou não chegar a superar ela vai se atrapalhar toda e parar pelo meio; a meu ver sua influência pode salvá-la no sentido de que ela tem possibilidades e idéias inicialmente boas mas entra de repente uma falta de confiança nela mesma e uma barreira psicológica que a castram, na feitura ou no “botar em prática” do que quer; e isso sabemos que é fatal, assim como por exemplo: ela está tirando fotos e ao mesmo tempo diz assim: “Será que vai sair?”. Loucura! Eu nunca tirei fotos que não tivesse certeza de que iriam sair, a não ser que haja um acidente e que eu veja então que por isso não vão sair; mas é claro que se a luz está certa e o filme na máquina e tudo o mais, eu vejo e SEI que vão sair; você imagina os gritos que eu não dou quando ela emite dúvidas desse tipo! Não entendo e sei que é grave; pode-se ser

incompetente em tudo na vida, exceto quanto ao que fazemos! Nisso nunca! Outra vez NIETZSCHE é quem diz magistralmente que o artista nunca é “pessimista” pois mesmo na crise ele só diz SIM, e a vida e a atividade dele e o *terrível* são abordados numa variação de SIMS (ou SINS) longe de perdas e *anéantissement*; claro que isso tudo tem um mundo de lados e discussões; quero apenas dar assim essa do alto bem superficial enquanto análise, pois é o que me atinge mais de imediato quanto a REGINA. Gosto muito daquela coisa do LIXO-LUXO e mostrei a ela como colocar o cartão no correio e pedir aquele xérox de volta tem a ver com “jogar no lixo”, “jogar fora”, só que aqui nesse caso submetido a um *ciclo de recorrência: jogar fora (colocar no correio) para receber de volta*; mas ela teria que levar isso a conseqüências últimas (se é que estas existem, porque cada conseqüência gera outra; vide a sua experiência!) em vez de perder-se em psicologismos e nessa necessidade de ter-se que afirmar e checar auto-afirmação todos os dias (o que me esgota a paciência!). Esta página é pra terminar; adorei seu oferecimento do toca-disco. Como recompensá-la? Bolarei algo; é legal que você tenha gostado do disco de MACALÉ; não ouvi também talvez com receio de não gostar (??) e já que é a nós dedicado (!!)

estou até hoje adiando; ando bem desinteressado dos músicos brasileiros; só JORGE MAUTNER me interessa e CAETANO pelas razões óbvias, apesar de não saber o que faz; ouvi coisas de GIL chatérrimas, supermoralistas e dando uma de pequeno-burguês culpado;

como diz NEVILLE, todo mundo quer ser TURÍBIO SANTOS: concertista “sério”; odeio. CAETANO é o único que pode viver rodeado de merda e sobreviver; mesmo assim a relação dele com “platéias” está deteriorando e há umas duas semanas parece que houve um terceiro atrito e o *show* acabou na estréia: CAETANO dando bananas e insultando a platéia que já está evidentemente motivada para agredi-lo. É a terceira vez num ano; acho isso grave; ele deve viajar: estão mimados e estragados e acreditam em “estrelismos” ou assumem isso em vez de brincar com a coisa; já MAUTNER, que é péssimo escritor, é ótimo letrista e não teme o ridículo; pelo contrário, usa-o para proveito positivo do que faz: é palhaço, bobo de corte, talvez seja o único que tente experimentar com o *role de performer* e com o *espetáculo* (*role* é derivado do francês *rôle* e que jamais traduzo, pois “desempenho” ou “papel” não dizem certo; o mesmo com *performer* que jamais seria só “ator”, “concertista”, e tem mais a ver com a origem da palavra do francês arcaico: *parfournir*: “levar a cabo”, “executar” e que se liga a tudo o que tem a ver com *espetáculo* e é o ponto-chave, a meu ver, nas transformações que o sentido de *espetáculo* vem a sofrer; isso, com outras coisas, tem-me ocupado e dominado e é o que move esse livro meu e tudo o mais; por isso não me interessam os “bons” *performers* mas os que possam atingir a espinha dorsal desse problema; *ROCK*, etc.). Não sei até que ponto MAUTNER possa chegar. Como o BRASIL é o reino da diluição, quem pode prever a eficácia de qualquer coisa quanto ao contexto? Eu confesso que apesar de ter em

projeto coisas específicas para RIO e SÃO PAULO, sequer imagino a possibilidade de levá-las a cabo: continuo *sentado em dinamite!*:

e o que havia de especial envio depois: a tal FOTO-RECORD e algo que quero fazer e não há tempo de preparar (espero que SUELY se adie!) de presente: aguarde! E também xérox-Proposição pra você que faz parte do meu OPUS 3 que tenho que reler/chechar e vou ver se segue; peço a você e SUELY o máximo de reserva quanto a esse material de OPUS 3; é inédito e do mesmo modo que funciona entre nós, engravidando, pode funcionar para atigar o vampirismo mesquinho alheio, e isso atrapalha tudo no estágio atual; o que não *IN-CORPORA* desintegra; este OPUS 3 em projeto é portanto xérox do original (o “projeto delineado” ou “projeto lançado”); é virgem em processo de engravidamento: cuide dele com SUELY (penso eu); longe das feras, até que dentes possam morder; porque há um ponto em que a desintegração não pode mais desintegrar: ela foi *IN-CORPORADA* também e isso é bem outra coisa que não tem nada com “eternidade”: *mutabilidade* sim: *recorrência*:

well: espero que SUELY conte mais e que lhe dê alguma medida do pouco que nos demos: ok?:

e beijos e até já e já!

& love love

loove

Hélio

Paris, 6.11.1974

Meu querido — Seu telefonema do dia 23 de outubro foi o maior presente que poderia imaginar. Só que, imagine, estava dopada com dois Mogadons e ainda um Fenegan por causa da insônia, e tinha ainda análise de manhã cedo. Nem pude comentar a sua maravilhosa carta que é na realidade um documento; e que documento! Tenho tanta coisa para te contar que fico até bloqueada: análise, além do trabalho, vivências alucinatórias de um mundo superarcaico — isso desde o começo da mesma — e mil e um projetos que devo realizar e ainda histórias, fábulas incríveis que criei na análise. Recriando a linguagem me vi explorando o fundo do oceano, descobrindo todos os bichos que o habitam e, ao ver um cardume de peixinhos, vivi-os como palavras. A grande baleia apareceu em seguida, engolindo-os, tendo eu em seguida escutado o barulho do jato expelido por ela, que era a linguagem formulada, tendo incorporado o cardume de peixes-palavras. Vivi também uma linda história na fase da descoberta dos dois sexos, polaridades que todos nós temos. Vivi essa fantasia deitada no divã. Vendo os dois pés comecei a fabular: numa colina à direita viviam cinco meninos e, separadas por um grande abismo, viviam cinco meninas na colina à esquerda. Eram crianças muito tristes por não poderem

brincar juntas devido ao abismo que as separava. Um dia o Grande Corpo se pôs de pé e as crianças assim puderam se tocar e se acariciar, brincando juntas, e deliciosas descobriram que podiam andar juntas, embora com passos alternados, quando o Grande Corpo se punha em movimento. Antes, muito no início da análise, me desapropriei de todos os bichos que havia incorporado em criança, desde a serpente à águia e ainda o polvo. Criei também culhões, e os sentia quentes entre as minhas pernas. Uma manhã, muito regredida, senti o colchão como um grande corpo; o meu era o de uma criança sem formas, o colchão absorveu os culhões, o corpo arcaico onde vivi incorporando quando criança todas as formas de corpos adultos. Vivi também mais tarde "a separação" em relação ao corpo da mãe. Descobri que este espaço fora por mim engolido por não poder suportar a separação, espaço esse fundamental, pois é através dele que formulamos a criação, tecendo-o como ponte com o mundo, e daí o porquê da sensação de vazio e morte quando, a obra acabada, caímos nesse espaço abismal, e também o orgasmo com gosto de morte é também o tecer esse vazio construindo assim a *jouissance* para depois cairmos dentro do mesmo. Não é infernal? E o movimento do pênis, que entra e sai, confirmando assim a separação na ligação possível entre dois seres até a *jouissance* total... Tantas descobertas que nem é possível tentar dar a medida de tudo. Um dia terei que escrever um livro onde essa análise unifique arte, criação e vida numa só experiência.

Na fase da androginia gritava, chorava que queria ter seios do tamanho do Pão de Açúcar... E agora estou começando e aceitando a minha chamada homosssexualidade; assumir o homem que vem desta aceitação. O branco, que é a primeira vivência do corpo da criança, me deu alucinações tais que até o meu sistema solar foi recriado dentro da minha própria fantasmática. Queria até arrancar os olhos de tanta dor depois de ter tido sonhos um atrás dos outros com o branco. Até chegar o branco da neve que cega... A grande vagina era a abóbada do céu. O mundo estava parado, metade na luz e metade na sombra. O sol e a lua parados também, até que a grande vagina começou a ter grandes orgasmos, e aí a chuva que caiu sobre a Terra a pôs em movimento, o Sol e a Lua começaram a se movimentar e os vulcões começaram a se abrir e rasgar o ventre do medo (que no fundo era eu mesma); do fogo nasceram os homens e do mar enormes pedaços de corpos de mulher apareceram, cobertos de gelatina, se fazendo, se compondo: foi de amargar. Até perdi o sentido do equilíbrio e nada podia ver; tudo era movimento e eu tive medo de cair para trás como o mundo...

Na fase da serpente, criei uma fábula: Um passarinho fez um ninho num galho de uma árvore sem saber que a serpente tinha a toca do lado e foi passear. A serpente sai do seu ninho e apanha os dois ovos, entrando na minha vagina, que chamei de toca, e faz os dois ovários. O passarinho fez outro ninho e botou mais dois ovos. A serpente sai da minha vagina

e vai apanhá-los. O passarinho, que tinha dois bolsos, os colocou dentro (culhões), e começou a briga das duas serpentes, luta de vida ou morte; repare que o passarinho era já o pênis com os dois culhões. Aí vi que estava de cabeça para baixo e que as pernas estavam para cima. Dei um salto e caí sentada. As pernas eram raízes da árvore da vida, os braços, galhos que a sustentavam; o buraco-vagina estava no chão e a cabeça era uma gigantesca copa de árvore cheia de abelhas. Nesta quase fui embora do real, o que não aconteceu devido ao grande suporte que é o meu analista, que se chama Fedida⁷¹... Quando formulei o abismo da separação reelaborei o conceito do dentro é o fora, passando a ser o fora é o dentro...

Em todos os pontos da minha análise meu trabalho se encaixa de uma maneira total, isto é que me impressiona muito. Na minha fase de auto-satisfação tirei do meu prazer da vagina um mundo. Saíram seios, pênis, todas as histórias infantis entraram pela grande porta me dando gozos incríveis até o real como um *écran*. Sou ou fui uma *obsedée* sexual. Mas o meu processo, que é todo erótico, é uma passagem para o meu inter-relacionamento com o real e, além disto, para a cosmogonia. Processo mais tântrico que ocidental. Meu corpo se abriu em todos os seus lados, saíram cachoeiras da minha barriga, me virei pelo avesso, meu *derrière* ficou em carne viva, vi e senti que a criança é erótica em todo o seu corpo. Tudo é libido, tudo é sensação. Vivi a palavra até a sua última regressão e aí a *tête d'abeille* voltou. Era bater com a cabeça na

parede, como disse ao Fedida. Ele acha que o mais incrível é que eu conservei a infância no corpo intacta. Acho que todos nós que criamos somos isso e a diferença entre nós e os psicóticos é que nós somos capazes de estendermos a ponte para o mundo comunicando, senão... ai de nós! Por aí você vê que o meu trabalho é a minha própria fantasmática que dou ao outro, propondo que eles a limpem e a enriqueçam com as suas próprias fantasmáticas: então é uma baba antropofágica que vomito, que é engolida por eles e somada às fantasmáticas deles vomitadas outra vez, somadas até as últimas conseqüências. Eis aí o que chamo de cultura viva e não cultura morta, que é a expressão no antigo suporte. E a sociedade, que tem medo do que é vivo pois é necrófila, engole tudo hoje porque tudo expresso no antigo suporte está irremediavelmente morto. Aliás, escrevemos, eu e o Beto, um artigo sobre meu trabalho e quando sair e me mandarem a revista te mandarei uma fotocópia. Começo a me sentir dona de um saber; isso depois de ter elaborado minha toda poderosa vitalidade que, no fundo, era a afirmação da minha impotência ao extremo. Estou procurando descobrir o segredo da mulher e depois virá o homem. Estou lendo um livro maravilhoso, *A fortaleza vazia*, e me convidaram para trabalhar com crianças autistas, o que farei, embora com muito medo. Veremos o que poderei fazer lá com o meu material. A *Cabeça coletiva* será tão grande que cobrirá a cabeça do homem desde os ombros. Será feita de plástico, mas as partes

que se abrirão serão de um material que se rasga e cola em seguida, o que dará uma boa vivência para quem a traz na cabeça. Depois de esvaziada, abre-se como um fruto e aí nesse espaço é que sairão as palavras-frases sobre o corpo. E a verdadeira cabeça do homem ressurgem do saber. A geografia do corpo serão macacões de várias cores, costurados em vários sentidos, e todos se vestirão interligados; acho que nesse trabalho a cor toma corpo, o que é importante para mim. No jardim coletivo, toca cheia de flores, os braços das pessoas emergem entre as mesmas, tocando-as, e se se encontrarem podem se dar um bom-dia, o que será uma boa *gag*. Agora estou com vontade de fazer outra coisa, voltando ao suporte. Passo pra trás, não sei, mas é importante neste momento. Um quadrado de papelão trazendo os lábios sexuais da mulher recortados. Descobre-se o mesmo e aparece uma vagina fechada. Abre-se com os dedos, aparecendo a vagina na camada de baixo, mais aberta, e continua-se abrindo a mesma até o fim para ver o que está por baixo de tudo; viola-se a mulher com os dedos na medida em que se quer ler (não tem palavras) ou melhor, descobrir o mistério da mulher. Gostaria de fazer isso com outras partes do corpo e depois com o homem também.

Veremos no que vai dar. Quanto às suas Proposições ainda não as li inteiras, pois até a sua carta é tão densa que levei dias para conseguir lê-la. Vi na revista *Pólen* uma belíssima carta sua para o Waly, e vi também o retrato do Romero, que

é belo como um romano. A capa que ele veste tem outro espírito que o *Parangolé*. A meu ver é a nudez vestida; o problema me atrai, mas as outras tinham a meu ver uma força de uma cabeça de Boccioni ou de um rinoceronte. É natural que tenha essa preferência pela organicidade, que sempre me pareceu muito importante. A revista me pareceu muito bonita demais, me lembrando o século passado, paginada com um grande esteticismo... Quanto à música popular, ainda gosto muito do Macalé, do Milton Nascimento e do Naná. Caetano está muito decadente. Vi o seu *show* e não gostei nada. Ele não dá para palco; é intimista, mas mesmo as suas músicas estão muito sem vitalidade. O resto é para se comentar devagar. Suely ficou encantada com você. Você está com um *fiá-clube* que não é brincadeira: Regina Cris, que não conheço, Flamarion, se lembra dele? Aqui está e ficou encantado com sua carta para mim. Não mostrei para ninguém o documento seu, aliás nem para o Mário, e nem sei se posso; diga-me na próxima carta se o posso fazer. Como sempre, Pedrosa está muito interessado em você.

Acho excelente a sua proposição:

Lygia Clark:

É a fantasmática do corpo, aliás, o que me interessa, e não o corpo em si.

Fiquei muito comovida quanto à outra parte em que você me cita no seu xérox. Acho que a nossa "separação" foi im-

portantíssima para ambos. Depois do começo do seu *Parangolé* e do meu sobre o corpo, pela primeira vez acho que você me dá uma autonomia que no fundo é a sua própria. Encontrarmo-nos agora seria algo de muito rico, mas não sei quando aí poderei ir. Quanto à Bolsa Guggenheim, acho que não terei chance alguma. Já me disseram não, há anos, e agora que estou com uma história maior ainda seria um milagre. Terei que terminar essa minha análise, que é profunda demais para ser abandonada, e quando isso acontecerá, não sei, talvez até o fim do ano. Aí poderia me engajar numa outra aventura em outro país... Quanto ao papel do crítico, estou com você: ou a criatividade tem pensamento e diz tudo ou nada é, por isso que o crítico só pode se expressar ainda através da cultura morta, onde há o objeto-arte, mas agora é impossível. No meu trabalho existem duas coisas importantes. Meu depoimento e, talvez mais ainda, o depoimento das pessoas que vivem a experiência e a suíte de toda uma maturação ou desbloqueio que às vezes consigo lhes dar. Ah!... houve um enorme mal-entendido no telefone. Não tenho dois tocadiscos; o que te ofereci foi o disco do Macalé, que tenho em *double*... Ando sem dinheiro algum. O inventário do meu pai não sai; é a merda total. Mas se tivesse dois um seria seu, isto posso te assegurar!

Tenho na Sorbonne uma outra experiência que gostaria de te comunicar. Deita-se uma pessoa do grupo no chão e a embrulhamos num jornal da cabeça aos pés. Depois a colo-

6.11.1974

camos de pé e a balançamos de um lado para o outro, bem devagar, e depois a rodamos até que ela perca virtualmente todo o sentido do espaço. Em seguida a colocamos nos ombros (ombro tem h?), e saímos com ela cantando improvisado. Depois a colocamos em pé e começa-se o *dévoilement*. Tiramos um pequeno pedaço do jornal que tampa-lhe os olhos e o primeiro, em geral, está fechado. Depois de tirar o segundo a despimos do papel e pedimos o *vécu*. Um africano que era feio e se sentia rejeitado ficou doente da vesícula para escapar de ser rejeitado outra vez. Consegui depois disso embalá-lo e ele deu o depoimento mais incrível que possas imaginar. Disse-nos que no momento em que estava sendo embalado ele pensava que era por uma tribo de canibais brasileira (assumiu o meu canibalismo) e que seria levado como num ritual para ser morto e comido pela tribo, grupo. E quando escutava o canto do grupo (que aliás parece sempre com Varese), eram gritos de guerra que ele escutava. E quando o colocamos no chão ele deu uma grande risada antes de ser *dévoilé*, porque pensou que íamos colocá-lo de cabeça para baixo e, quando viu que estava de pé, embora embalado, teve o maior *soulagement* da sua vida; estava vivo, inteiro, etc. Isso tudo porque ele se sentia tão agressivo contra o grupo que ele transferiu para o mesmo esta agressividade! Esse mesmo cara que fez a experiência de descobrir o rosto com as mãos (posição sem objetos) e se viu nos olhos de uma menina francesa teve um surto de *toute-puissance*. Chamou esse espaço de

“espaço branco” e disse que antes de viver isso ele nunca olhava as pessoas no metrô: baixava os olhos, andava sempre de cabeça baixa na rua, era o último dos alunos, ficando atrás nas salas de aulas, e nunca havia fodido uma branca como as negras da sua tribo. Ora, depois dessa experiência ele começou a olhar as pessoas nos olhos, passou para a primeira fila nas aulas, discutia as matérias todas e possuiu uma mulher branca com a mesma violência e excitação que tinha na sua tribo na África. Não é espantoso? Às vezes desbloqueio gente em uma experiência e, às vezes, é preciso de mais tempo. Havia pensado antes de fazer esta psicanálise em me tornar analista, mas agora quero continuar na “fronteira”, pois é isso que sou e não adianta querer ser menos fronteira. Assumir-se; e quando penso nos anos que aqui passei em que não havia esses jovens com quem trabalho o ano todo — pensei no suicídio como uma opção, pois sabia que tinha uma proposição viva mas não sabia como comunicá-la... trinquiei dentes de soldão e depois, vindo à Sorbonne, achei a maneira certa que enriquece me dando de volta através da elaboração deles, me gratificando e me limpando também essa barra que sou; e mesmo isso serve de terapia para mim mesma. Às vezes entro lá de quatro e saio de pé. Quanto à parte afetiva, estou a zero, embora ontem tivesse conhecido um cara espetacular, mas que tem tantas defesas que nem sei no que vai dar. E estou ficando fêmea paca, e para quem? *Dépense sans reserve*, como diria o Yves-Alain Bois⁷². Também percebi que você e outros

6.11.1974

têm vários instrumentos para se expressarem e eu não tenho nenhum, e é na medida que a proposição emerge que o instrumento tem que ser inventado, e daí a minha impossibilidade de escrever bem, de fazer cinema ou outras coisas bacanas. Você escreve maravilhosamente e isso eu acho fundamental, pois se a arte acabou, no sentido plástico, você supre essa perda através da escrita, que é poética, crítica, criadora e tudo o mais, Deus meu! Te escrevi tanto, mas existem mais mil coisas para te dizer, e vou tentando até acabar a greve do correio que já está na sua quarta semana.

11.11.1974

Soube de tudo que te aconteceu. Como é que você vai fazer para continuar a viver aí? Espero que me telefones, mas não muito tarde da noite, e me conte como estás depois de tudo e quais são seus planos.

Notícias por favor.

Acabei a fase da mãe primitiva e agora estou descobrindo o homem.

A fase final da mãe foi belíssima: me vi um enorme tigre comendo o Fedida e depois vi este gigantesco tigre vomitar com grandes espasmos uma massa cor-de-rosa e percebi, pelos movimentos do vômito e barulhos, que era um verda-

deiro orgasmo que estava vendo. Me vi deitada como mulher no divã, nua, e caía uma chuva de pétalas de rosas até cobrir todo o ambiente. O cheiro das rosas era assombroso; de repente a janela se abriu com estrondo, um vento enorme invadiu o ambiente, levando as pétalas para fora — o real — e as mesmas viraram borboletas. Depois me vi nua, em pé, e senti o espaço *como um corpo*, o espaço corporificado, e me esfreguei contra o mesmo sentindo a sensação de estar me esfregando contra o corpo de um homem... Em seguida aprendi a mamar o meu braço, pois nunca conheci o seio da mãe, e aí descobri coisas maravilhosas... O céu da boca é o que liga a sensação de mamar à sensação cósmica! Os meus seios, que estavam sem sensação depois do começo desta análise, ficaram duros como se o corpo estivesse se delineando como geografia; *o derrière* se esculpiu, os buracos do corpo tomaram especificidade: descobri que a boca é para ingerir e o ânus é para expelir. Deixei de vomitar, o que aconteceu durante toda a minha análise. A língua tomou forma e virou uma tampa da boca do estômago; os dentes solidificaram, não é fantástico? Nunca pensei que mamar era esse mundo todo, e qual foi o gênio que deu esse nome de céu da boca sem saber de tudo isso?

Beijos e beijos
Clark

- 1 Paul Burri, artista plástico italiano.
- 2 Soto, artista plástico venezuelano radicado em Paris.
- 3 Jaakov Agam, artista plástico israelense.
- 4 Mário e Mary Pedrosa.
- 5 Álvaro Clark, filho de Lygia Clark.
- 6 Emilio Vedova, pintor italiano.
- 7 Giulio Carlo Argan, historiador e crítico de arte italiano.
- 8 César Oiticica, pintor e arquiteto, irmão de Hélio Oiticica.
- 9 Waldemar Cordeiro, artista plástico brasileiro.
- 10 Max Bense, teórico de estética suíço.
- 11 Carlinhos de Oliveira, jornalista brasileiro.
- 12 Amílcar de Castro, escultor brasileiro.
- 13 Jackson Ribeiro, escultor brasileiro.
- 14 Denise René, galerista parisiense.
- 15 Shofer, artista plástico.
- 16 Julio Le Parc, artista plástico argentino radicado em Paris.
- 17 Victor Vassarely, artista francês de origem húngara.
- 18 Marta Pan, artista plástica de origem húngara.
- 19 Carlos Cruz Diez, artista plástico venezuelano radicado em Paris.
- 20 Blok, grupo de construtivistas de Varsóvia.
- 21 Maria Helena Vieira da Silva, pintora portuguesa.
- 22 Alberto Mangnelli, pintor de origem italiana radicado em Paris.

- 23 Hans Arp, pintor, poeta e escultor francês.
- 24 Michel Seuphor, artista plástico francês.
- 25 Pierre Restany, crítico de arte francês.
- 26 *Rhobo*, publicação francesa editada por Jean Clay no final dos anos 60 e início dos 70.
- 27 David Medalla, artista inglês de origem filipina, líder do grupo de vanguarda Exploding Galaxy (1967-69).
- 28 Aluísio Clark, marido de Lygia Clark, pai de Álvaro, Eduardo e Elisabeth.
- 29 Raimundo Amado, cineasta brasileiro.
- 30 Guy Brett, crítico de arte inglês.
- 31 Rogério Duarte, *designer* e poeta brasileiro.
- 32 Eduardo Clark, fotógrafo, filho de Lygia Clark.
- 33 Claudio Tozzi, artista plástico brasileiro.
- 34 Marisa Álvares Lima, jornalista e fotógrafa brasileira.
- 35 Luís Carlos Saldanha, poeta e cineasta brasileiro.
- 36 Mário Schemberg, físico e crítico de arte brasileiro.
- 37 Fernando Campos, cineasta. Talula Campos, atriz.
- 38 Lilian Lijn, artista plástica norte-americana.
- 39 Vassilakis Takis, escultor grego.
- 40 August F. Coppola, crítico de arte, irmão de Francis F. Coppola.
- 41 Desdemone Bardin, fotógrafa francesa.
- 42 Jill Drower, escritora inglesa.
- 43 Sônia Lins, escritora, irmã de Lygia Clark.
- 44 Jonh Perreault, crítico de arte norte-americano.
- 45 Peter Townsend, editor inglês.
- 46 José Agripino de Paula, escritor brasileiro.

- 47 Tineca e Rose de Souza Mattos, amigos de Hélio Oiticica do Morro da Mangueira.
- 48 Kiko, fotógrafo, sobrinho de Lygia Clark.
- 49 Carlos Vergara, artista plástico brasileiro.
- 50 Oku Martins Pereira, amigo de Lygia Clark.
- 51 Romero Brest, crítico de arte argentino.
- 52 Luciano Martins, sociólogo brasileiro.
- 53 Antônio Carlos Fontoura, cineasta brasileiro.
- 54 Vera Pedrosa, jornalista, filha de Mário Pedrosa.
- 55 Niomar Muniz Bittencourt, diretora do MAM-RJ.
- 56 David Lamelas, artista plástico argentino radicado em Paris.
- 57 Harry Laus, crítico de arte brasileiro.
- 58 Frederico Morais, crítico de arte brasileiro.
- 59 Lee Jafre, artista plástico norte-americano.
- 60 Artur Barrio, artista plástico brasileiro.
- 61 Violeta Gervaiseau, brasileira, irmã de Miguel Arraes.
- 62 Michel Desjardins, fotógrafo francês.
- 63 Luci Lippard, crítica norte-americana.
- 64 Ana Schultz, artista plástica e amiga de Lygia Clark.
- 65 Roseni, amiga da família Oiticica.
- 66 Paul Newman, colecionador de arte norte-americano.
- 67 Vítor Clark, neto de Lygia Clark.
- 68 Andrew Douglas, artista plástico inglês.
- 69 Luís Buarque de Hollanda, colecionador de arte brasileiro.
- 70 Regina Vater, artista plástica brasileira.
- 71 Fedida, psicanalista francês.
- 72 Yves Alain Bois, historiador e crítico de arte francês.

SBD/FFLCH

SBD / FFLCH / USP

SEÇÃO DE: LETRAS TOMBO: 242710

AQUISIÇÃO: DOAÇÃO /
N. USP 3318006

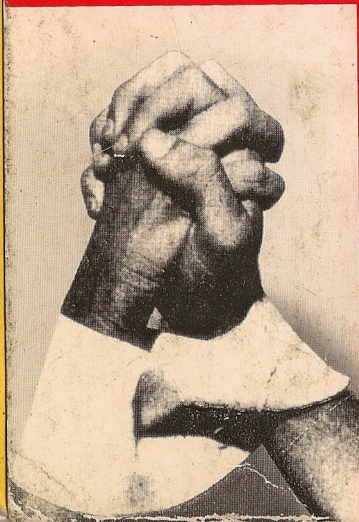
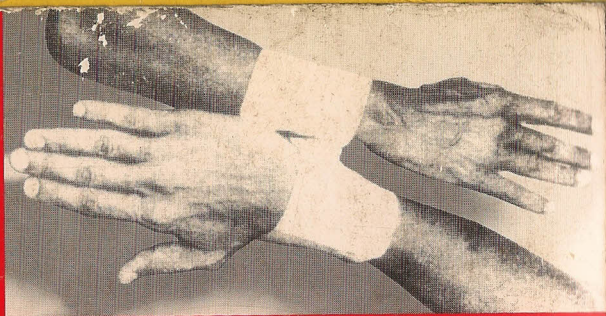
DATA : 16/12/03 PREÇO: R\$ 30,00

Lygia Clark nasceu em Belo Horizonte, em 1920, e morreu no Rio de Janeiro, em 1988. *Hélio Oiticica* nasceu em 1937, no Rio de Janeiro, onde morreu em 1980.

Lygia e Hélio são os dois maiores artistas do experimentalismo nas artes plásticas brasileiras.

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO EM AGARAMOND. O MIOLO
FOI IMPRESSO NOS PAPÉIS OFFSET 90 G/M² E OFF-SET 180 G/M²,
E A CAPA, EM CARTÃO 250 G/M², PELA GRÁFICA SERRANA,
PARA A EDITORA UFRJ, EM AGOSTO DE 1998.

FOTOS DE CAPA E CONTRACAPA:
DIÁLOGO DE LYGIA CLARK (1966),
OBJETO SENSORIAL REALIZADO
COM HÉLIO OITICICA.



ISSN 85-7108-191-3



788571081918